



STVAN

LIT. CASTRO-L

Gazeta dos Caminhos de Ferro

Número de Verão

JULHO 1943

N.º 1333



Estoril

Costa do Sol

a 23 quilometros de Lisboa

A mais elegante praia do País

TODOS OS DESPORTOS

Golf, Tennis, Hipismo, Natação, Tiro, etc.

ESTORIL-PALÁCIO-HOTEL

Elegante e confortável

HOTEL DO PARQUE

Completamente modernizado

HOTEL DA ITÁLIA (Monte Estoril)

Preços moderados

ESTORIL-TERMAS

Estabelecimento Hidro-Mineral e Fisioterápico

TAMARIZ

Magníficas esplanadas sobre o mar — Restaurante — Bars

PISCINA

SALA DE ARMAS

ESCOLA DE EQUITAÇÃO

«STANDS» DE TIRO

PARQUE INFANTIL

CASINO aberto todo o ano

Cinema — Concertos — Festas — Dancing — Restau-

rante — Bars — Roleta — Banca Francesa — Baccarat

Informações :

Soc. Propaganda da Costa do Sol — ESTORIL

Companhia Portuguesa
de Alpargatas, L.^{da}

*DESPERDÍCIOS PARA
LIMPEZA DE MÁQUINAS*

Rua dos Lusiadas, 5
Telefone 81647 LISBOA

*Sociedade Agrícola da
Quinta da Cardiga, L.^{da}*

Administração e Escritório:

21334 — Praça Rio de Janeiro, 27

Estabelecimentos:

25650 — Calçada da Patriarcal, 24

44071 — P. Duque de Saldanha, 4 a 7

63210 — Rua Francisco Metrass, 6-C



Vinhos, Azeites e outros produtos
da QUINTA DA CARDIGA

Central da Baioca

GRANDE RESTAURANTE E PASTELARIA

Salão de chá - Serviço permanente

AS MAIS COMPLETAS INSTALAÇÕES FRIGORÍFICAS DO PAIZ, AS QUAIS PERMITEM TER TODOS OS SEUS PRODUTOS PERMANENTEMENTE FRESCOS — AGRADÁVEL CONVIVIO NO MEIO DA CLIENTELA MAIS SELECTA

RESTAURANTE COM DUAS ENTRADAS:

R. DO OURO, 94-98 E R. DO ARCO BANDEIRA, 33-37

Telefone 20280 — LISBOA

ALMEIDA & VIANA, L.^{DA}



CAIXAS REGISTADORAS
«NACIONAL»
(RECONSTRUIDAS)



RUA DAS FLORES, 94, 94
Telefone 28932
LISBOA

Eurico dos Santos

OFICINA DE MALAS, CARTEIRAS E CORREARIA. — ESPECIALIDADE EM ARTIGOS PARA SENHORA, HOMEM, CRIANÇA E ARTIGOS DE VIAGEM. — ENCARREGAMO-NOS DE TODOS OS CONSERTOS DA NOSSA ESPECIALIDADE

TELEFONE 28608

OFICINA:	SUCURSAL:
RUA DA PRATA, 234-1. ^o	RUA DA PALMA, 115
LISBOA	LISBOA

Transportes — Embarques

Telef. 26953

SAMPAIO, COSTA & AZI, L.^{DA}

AGÊNCIAS:
PORTO — Grijó & C.^a
RUA TRAZ, 13 — Telefone 61

Escritório: RUA DOS DOURADORES, 21, s/n D.
Armazém: RUA DO PARAISO, 90 r/c — LISBOA

COIMBRA:
LUIZ DUARTE CARRITO — Marco da Feira, 3
Agueda — JOSÉ A. LUCAS

MASCARENHAS, L.^{DA}

IMPORTADORES E EXPORTADORES

C. R. & C.

MARCA REGISTRADA

AZEITES POR
GROSSO-FRUTAS
Tele { fone 23518
gramas
CONDARENHAS

49, Campo das Cebolas, 50

LISBOA

EXTINTORES DE INCÊNDIOS

"SALVANTE"

FABRICAÇÃO NACIONAL

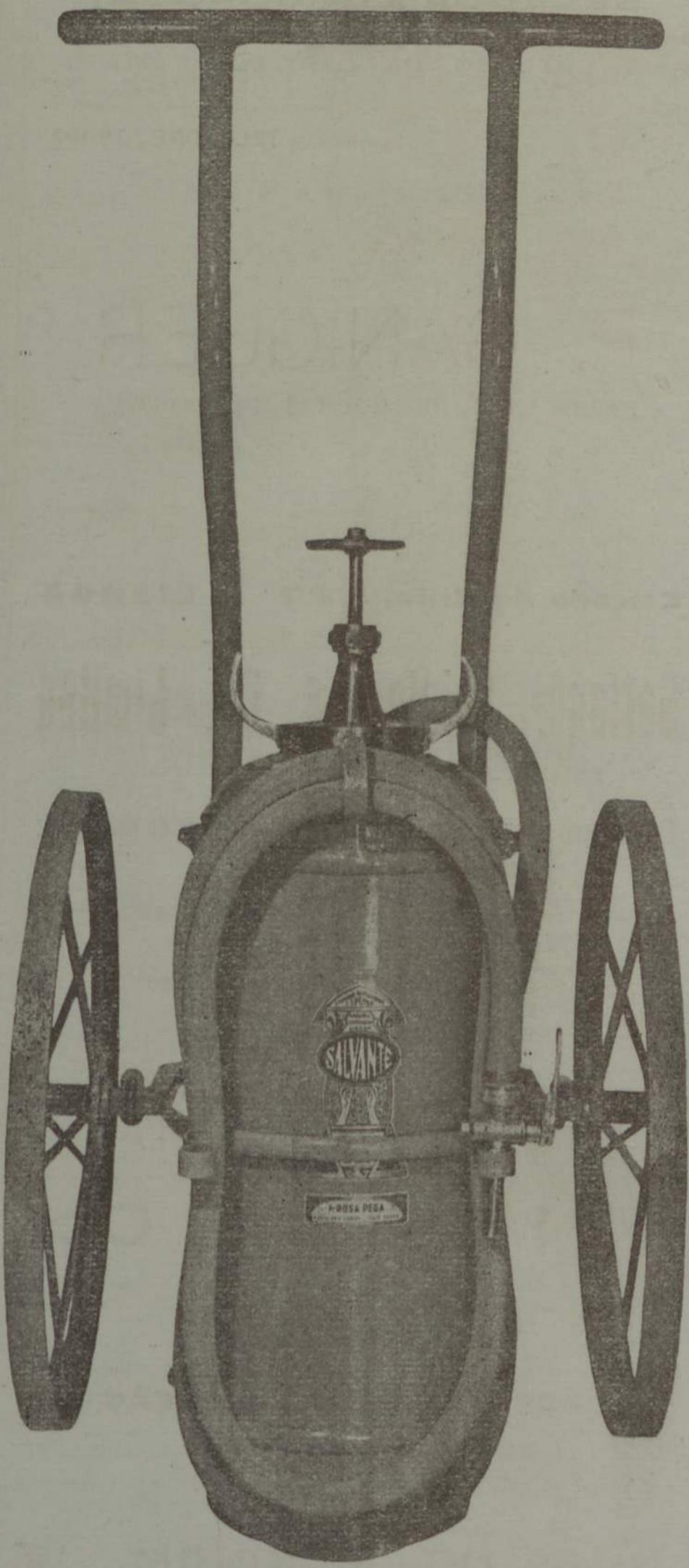
O mais prático e seguro extintor de incêndios

Adoptado na MARINHA
DE GUERRA PORTU-
GUESA, NAVIOS MER-
CANTES, FÁBRICAS, GA-
RAGES, OFICINAS e em
todos os ESTABELECI-
MENTOS INDUSTRIALIS
DO ESTADO
E PARTICULARES



TIPO MARINHA

Aprovados pelo Ex.^{mo} COMANDO DO
BATALHÃO DE SAPADORES BOM-
BEIROS DE LISBOA, para uso nas
DROGARIAS, TIPOGRÁFIAS,
DEPÓSITOS DE MADEIRAS,
ARMAZENS, etc., etc.



**Todo este material é fabricado
na minha oficina**

REPRESENTANTE DE:

EXTINTORES para Camioneta, Automóveis
e pequenas Embarcações de fabricação in-
glesa PRIMEX, PUMP, Pistolas ANTIFYRE
e PUMP tipo F. B. de bomba carga C.T.C.
para Centrais Eléctricas, de construção de
chapa de cobre ou ferro de 1/2 galão,
1 galão e 2 galões.

F. ROSA PÊGA - Rossio, 93, 3.^o D.-LISBOA
Telefone 22450

CERÂMICA DE ALCOCHETE, LIMITADA

FÁBRICA DE LADRILHOS EM MOSAICOS

A Fábrica que maiores fornecimentos faz para o SUL DO PAÍS

Fornecedor dos Caminhos de Ferro e
de alguns estabelecimentos do Estado

Esta Fábrica fica situada na margem Sul do Tejo, na vila e concelho de Alcochete

ÚNICOS REPRESENTANTES EM LISBOA

CARVALHO & OLIVEIRA, L.^{DA}

Rua Vasco da Gama, 43-45 — Telefone 6 2250

LISBOASede da Fábrica: **ALCOCHETE** Télef. [Alcochete] 109**LISBOA (Portugal)****Grande Hotel Duas Nações**

RUA AUGUSTA e RUA DA VICTÓRIA, 41

Telef. 2 0410-2 9444 — End. Telegr. Duasnações

Situado no centro da cidade

ÁGUA CORRENTE, QUENTE E FRIA EM
TODOS OS QUARTOS — CASA DE BANHO
EM TODOS OS ANDARES — COZINHA EX-
CELENTE — PREÇOS MÓDICOS — CAIXA DO
CORREIO — ELEVADOR

Man spricht Deutsch. English spoken.

Se habla Español

Sociedade Insulana de Transportes Marítimos, L.^{da}Importadores de carvão, coke, briquetes e antracite,
Agentes das seguintes companhias de navegação:Deutsche Amerika-Linie — Hamburg-Amerika Linie
Norddeutscher Lloyd — Deutsche Afrika-LinienCorrespondente da casa **SCHENKER E C.^A**

Transportes internacionais

Agentes da LUFTHANSA A.-G.

Mereadorias, Sub-agentes de passagens

ESCRITÓRIOS **Pr. Duque da Terceira, 20 e 24-2.^o****P. B. X. 2 6029 — 2 9725 — 2 9726**

End. Teleg.: — D E P Ó S I T O S

DEPÓSITO: DOCA DE ALCANTARA

Rocha de C. d'Obidos — Telefone 6 2782**YORK-BAR****DE ANGELO PEREIRA**O «BAR» MAIS LUXUOSO DA CAPITAL
E O PONTO DE REUNIÃO DIPLOMÁTICO**ELEGÂNCIA E CONFORTO**PRIMOROSO SERVIÇO DE RESTAU-
RANTE E BARRUA SERPA PINTO, 17-F. (ao Chiado)
Telefone 2 7793

ABERTO ATÉ ÁS 2 DA MANHÃ

NEGRESCO

Direcção do conhecido «Barman» ANGELO PEREIRA

O RESTAURANTE E BAR DANCING
DA ALTA SOCIEDADE**RUA JARDIM DO REGEDOR, 45**

Telefone: 29 583

O restaurante mais luxuoso com serviço
internacional. — Um bar à americana. —
Um pequeno Dancing com chás dança-
tes e soirées, todos os dias**SELEÇÃO RIGOROSA**SALÃO DE RESTAURANTE E BAR
MAIS LUXUOSO DA CAPITAL

TELEFONE 38-192

P. GANIGUER

FABRICANTE DE ROLHAS DE CORTIÇA

Calçada do Grilo, 5 e 7 LISBOA**Garland, Laidley & C.^o, Limited**

ESTABELECIDOS HÁ MAIS DE UM SÉCULO

Agentes gerais em Portugal das seguintes Companhias de Navegação:

Blue Star Line
Brocklebank Line
Furness, Withy & C.^o Ltd.
Unitd Fruit C.^o
Booth Line
Cunard White Star Line
Lamport & Holt Line
Yeoward Line

LISBOA — TRAV. CORPO SANTO, 10, 2.^o
PORTO — R. INFANTE D. HENRIQUE, 131

WIESE & Co.**AGENTES DE NAVEGAÇÃO**

RUA DO ALBECRIM, 12
Telef. P. B. X. 20.181

L I S B O A

Minério de Manganez, etc.

TELEFONE 25591

Produtos Químicos

CARLOS EMPIS

Rua de S. Julião, 23-1.^o

Telefone 22374

L I S B O A

Dominguez & Lavadinho, L.^{da}

FÁBRICA DE SOBRESCRITOS, MANIPULAÇÃO DE PAPÉIS DE **ESCREVER** E SACOS DE PAPEL. PAPELARIAS E TINTAS DE ESCREVER NACIONAIS E ESTRANGEIRAS. ARTIGOS DE DESENHO. E PINTURA. PAPÉIS QUÍMICOS, LÁPIS, ETC., ETC.

SEDE:

RUA DA ASSUNÇÃO, 79-85

R. DOS SAPATEIROS, 135-143

L I S B O A

FÁBRICA:

AV. CASAL RIBEIRO, 18-24

Telefones: 25201 - 25202

Diamantino & Branco, L.^{da}

CARPINTARIA E
SERRAÇÃO MECÂNICA

TRAVESSA DA PEREIRA, 28

VILA BERTA (À GRAÇA)

L I S B O A

Companhia Nacional de Fiação e Tecidos de Torres Novas

FUNDADA EM 1845

Fábricas mecânicas de fiação e tecelagem

ESCRITÓRIO E ARMAZEM

Rua de S. Nicolau, 2-1.^o

Apartado 278

Endereço telegráfico — NOVETÔRRES

Telefone 24884

LISBOA

Luiz Batista, Sucessores, L.^{da}

FABRICANTES DE ESCOVAS DE TODAS ESPECIES EM CABELO E EM ARAME PARA MÁQUINAS, TUBOS, GARRAFAS, ESTRADAS, ETC.



Rua da Fé, 49

Telefone 2 8807

Artistas e Variedades

ARTISTAS DE VARIEDADES NACIONAIS E ESTRANGEIROS

Orquestras — Organizações festivas

CARLOS DUBINI (Empresário)

Rua da Glória, 60-r.c — LISBOA — Telef. 21302

FORNECEDOR DE TODAS AS CASAS DA ESPECIALIDADE

FÁBRICA DE CARIMBOS
EM TODOS OS GÊNEROS

CARLOS NEVES-Gravador
FORNECEDOR DOS MINISTÉRIOS

ALFANDEGA DE LISBOA — BANCO DE PORTUGAL — HOSPITAIS CIVIS E MILITARES — G. N. REPÚBLICA — ADMINISTRAÇÃO GERAL DO PORTO-LISBOA — CADEIAS CIVIS, ETC.

Especialidade em carimbos de borracha. Selos brancos. Numeradores mecânicos. Chapas de ferro esmaltado. Cunhos de aço e marea fogo, etc.

177, RUA AUGUSTA
LISBOA — Telefone 2 0138

CARPINTARIA MECÂNICA
« U N I A O »

Augusto Pinto & Luiz, L.^{da}



ESCRITÓRIO E FÁBICA:

37, 38, CASAL DE SANTA LUZIA, 39, 40 (à Estefania)

Telefone 4 2736 — Lisboa

Siemens Reiniger

S. A. R. L.

Rua de Santa Marta, 33-1.^o

R. Cândido dos Reis, 116

Telefone 4 4329

Telefone 106

LISBOA

POR T O

APARELHOS DE RAIOS X — ELECTROMEDICINA
ELECTRODENTÁRIA — MECANOTERAPIA — LAMPADAS DE RAIOS ULTRA VIOLETAS — LAMPADAS DE RAIOS INFRA VERMELHOS

Consultem-nos sem compromisso

Fábrica de Cal a Mato e exploração de pedreira DE

J. J. Hilário de Sousa

Telefone Belem 409 — R. do Alvito, 144

(ALCANTARA) LISBOA — **Telefone residência 4 9758**

CAL EM PÓ DE SUPERIOR QUALIDADE — CAL EM PEDRA ESPECIAL PARA ESTUQUES, TRATAMENTO DE VINHAS, LEXIVIAS, ETC. — PEDRA RIJA, CASCALHO, MURRAÇA, GRANITO, ETC.

PREÇOS SEM COMPETÊNCIA

Execução rápida de qualquer encomenda

Telefones 25435
gramas: LISDOURO

Códigos RIBEIRO
MASCOTE

União Industrial, Limitada

ADMINISTRAÇÃO EM LISBOA

RUA DOS SAPATEIROS, 62, 2.^o

Caixa Postal n.º 246

Filial em LUANDA — Caixa Postal n.º 409

Fábricas de:

Azeites — AZINHAGA

Conservas — Em: OLHÃO e PORTIMÃO

TELEFONE 6 1547

Manuel Maria Ruivo

Transporte de materiais de construção
e BARCOS DE ALUGUER

RESIDÊNCIA:

RUA DO PATROCÍNIO, 110, 1.^o — LISBOA

ESCRITÓRIO

Travessa n.º 36-W-M. M. R.—Alcântara-Mar—LISBOA

Thomaz da Cruz & Filhos, Ltd.^a

Armazéns de madeiras e Fábricas Mecânicas de Serração

PRAIA DO RIBATEJO, PAMPILHOSA
DO BOTÃO, CAXARIAS E CARRIÇO**CAIXOTARIA****DOCA DE ALCANTARA****LISBOA**

Séde para onde deve ser dirigida toda a correspondência:

PRAIA DO RIBATEJO—PORTUGAL
TELEFONE PRÁIA 4Escritórios—L. DO STEPHENS, 4-5—LISBOA
Telegramas: SNADEK—LISBOA Telefone: 21868**TINTURARIA Cambournac**

11, LARGO DA ANUNCIADA, 12

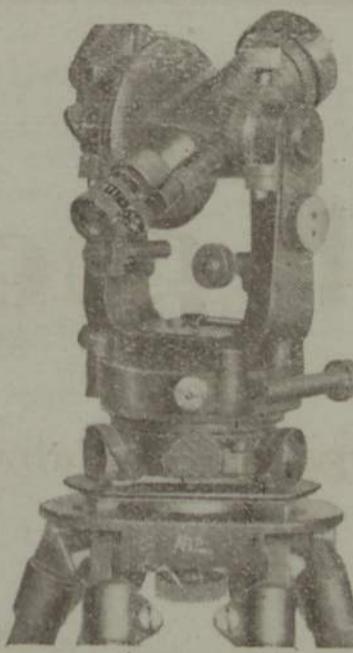
TELEFONE 26415

Sucursal no Pôrto: RUA DE S.ta CATARINA, 380

Oficinas a vapor — RIBEIRA DO PAPEL

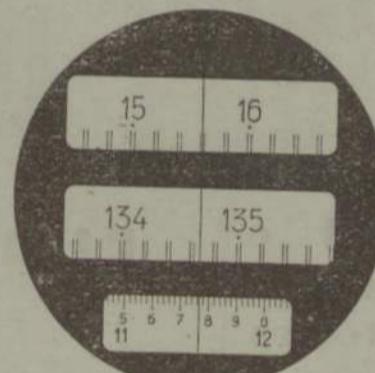
Tintas para escrever de diversas qualidades
rivalizando com as dos fabricantes
ingleses, alemãis, e outrosTinge seda, lã, linho e algodão em fio ou em tecidos bem como
fato feito ou desmanchado—Encarrega-se de reexpedição pelo ca-
minho de ferro ou qualquer outra via—Limpa pelo processo
parisiense fatos de homem, vestidos de seda ou de lã, etc., sem
serem desmanchados—Os artigos de lã, limpos por este pro-
cesso, não estão sujeitos a serem atacados pela traça**MANUEL GOMES LILA**

Oficina de soldadura eléctrica -- Serralharia mecânica e tornos

Soldadura a electricidade e autogénia. Especiali-
dade em soldaduras em caldeiras marítimas e
terrestres. Cortes a massarico. Executam-se todos
os trabalhos em: Motores a óleos pesados, máqui-
nas a vapor, debulhadoras, tractores e todo o
material agrícola**VILA FRANCA DE XIRA**Largo Marquês de Pombal, 70
Telefone: VILA FRANCA DE XIRA, 58Residência: Rua Gervásio Lobato, 20, 1.º-Esq.
Telefone 60843 — LISBOA**TEODOLITO DE
TRIANGULAÇÃO DK M2****Kern**
AARAU

Última criação do Dr. H. Wild, destinada espe-
cialmente à Poligonação,
Taqueometria e à Triangulação da 3.ª e 4.ª ordem
e portanto a todos os Trabalhos de Ponteado

NOVOS E IMPORTANTES
DISPOSITIVOS PERMITIN-
DO UM TRABALHO MAIS
RÁPIDO E PRECISO

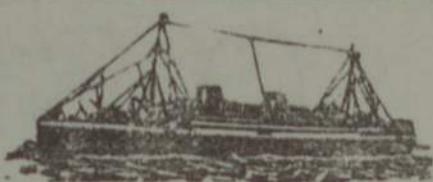


PEÇAM O FOLHETO DK 401a

AGENTES EM LISBOA CARLOS GOMES & C. A. L. DA Rua dos Fan-
queiros, 15**POLICLÍNICA DA RUA DO OURO**

Entrada: Rua do Carmo, 98, 2.º—Telef. 26519

Dr. Armando Narciso—Medicina, coração e pulmões—às 6 horas
Dr. Bernardo Vilar—Cirurgia geral e operações—às 5 horas
Dr. Miguel de Magalhães—Rins e vias urinárias—à 1 hora
Dr. Correia de Figueiredo—Pele e sifilis—às 6 horas
Dr. R. Loff—Doenças nervosas, electroterapia—às 3 horas
Dr. Mário de Mattos—Doenças dos olhos—às 2 horas
Dr. Mendes Bello—Estômago, figado e intestinos—às 4 horas
Dr. Francisco Calheiros—Garganta, nariz e ouvidos—às 3,30 horas
Dr. Casimiro Afonso—Doenças das senhoras e operações—às 3 horas
Dr. Silva Nunes—Doenças das crianças—às 5,30 horas
Dr. Armando Lima—Boca e dentes, prótese—às 2 horas
Dr. Aleu Saldanha—Raio X—às 4 horas
Dr. Mário Jacquet—Fisioterapia—às 4 horas

ANÁLISES CLÍNICAS**MALA REAL INGLEZA (ROYAL MAIL LINES, LTD.)**

Continuam regularmente as carreiras para Madeira, Las Palmas, S. Vicente, Pernambuco, Baja, Rio de Janeiro, Santos, Montevideo, e Buenos Aires, e no regresso da América do Sul para Vigo, Coruña, Cherbourg, Boulogne, Southampton e Londres. Todos os paquetes desta antiga Companhia têm as mais modernas condições de conforto e segurança. Agentes para passageiros e carga: Em Lisboa: Para os paquetes da classe «A» James Rawes & Co. Rua Bernardino Costa, 47-1.º Telefones: 23232-3-4. Para os paquetes da classe «H» E. Pinto Basto & Ca. Lda. Avenida 24 de Julho, 1-1.º Telefones: 46001 (4 linhas). No Pôrto: Tait & Co. Rua Infante D. Henrique, 19 Telefone: 7.

Quereis dinheiro?
JOGAI NO

Gama

Rua do Amparo, 51
LISBOA
Sempre Sortes Grandes!

a fundição tipográfica g i n i
 de
manuel guedes, limitada

a maior organização fabril nacional de fundição de tipo

continua trabalhando para o desenvolvimento das artes gráficas portuguesas, fornecendo-lhes todo o material tipográfico, com os mais delicados e originais desenhos

s e d e
fábrica
escritórios
e armazéns

rua francisco metrass, n.º 107
 telefones: 6.2514 e 6.3276

l i s b o a

Kurt Porst, L.^{da}

RUA DA PRATA, 51-2.º — Lisboa

IMPORTAÇÃO — EXPORTAÇÃO

TELEFONES } 2 6697
 } 2 2337

TELEGRAMAS:
«PORSTUS»

Carpintaria Mecânica e Serração «A PRIMAVERA»

DE ROBERTO SERRA

Aparelhos e moldados em todos os géneros. — Guarneimentos para carpintaria e marcenaria. — Madeiras Nacionais e Estrangeiras, Escadas, Portas, Caixilhos e Armações para estabelecimentos. — Materiais para construção

ORÇAMENTOS GRÁTIS

Rua Infantaria Dezasseis, 18 — Tel. 6 0748 — LISBOA

Var Ferreira, L.^{da}

Tecidos de Algodão, Linho, Lã e Seda — Especialidades: Panos brancos, panos para lençóis, malas, atoalhados, rouparia, colchas, seda e algodão para senhora — Fanqueiro, Retrozeiro, Mercador — Modas e Confecções — Camisaria e Alfaiataria — A casa que maior sortido tem e mais barato vende

117, Rua Campo d'Ourique, 121

126, R. Ferreira Borges, 138 — Tel. 63631

L I S B O A

FILIAL — R. de Campolide, 68-A, B e C — Tel. 4 4164

PAPELARIA CARLOS

DE CARLOS FERREIRA, L.^{DA}

RUA AUREA, 36 — LISBOA

TELEFONE 20244

Variadíssimo sortido de artigos para ESCRITÓRIO

Telefones | 27120
29951
28703

Códigos RUDOLPH MOSSE
ABC, 6 th Editon-RIBEIRO

Teleg. «TITANIA»
APARTADO, 369

Abel Fernandes & C.ª Lda

INSCRITOS NA CÂMARA DOS AGENTES TRANSITÁRIOS

Transportes Internacionais

SEDE EM LISBOA
RUA AUGUSTA, 193, 1.º-Dt.^o

Filial no PÓRTO — Telefone 2451
RUA MOUSINHO DA SILVEIRA, 126, 1.º

Companhia do PAPEL DO PRADO

SOCIEDADE ANÓNIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

CAPITAL: ACCÕES 7.000.000 \$ 00

SEDE EM LISBOA:

Direcção e Escritórios: RUA DOS FANQUEIROS, 278, 2.º

TELEFONES: Direcção 23623 — Escritórios 22331 — Estado 188

DEPÓSITOS:

LISBOA — RUA DOS FANQUEIROS, 270 a 276 — Telefone 22332

PORUTO — RUA PASSOS MANUEL, 49 a 51 — Telefone 117
TELEGRÁFICO PELPRADO

EMPRESA GERAL DE TRANSPORTES

S. A. R. L.

VALENÇA — BARCA D'ALVA — VILAR FORMOSO
BEIRAM — ELVAS — VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

RUA DO ARSENAL, 124-1.º

Telefone 29374/78

End. Teleg. TRANSPORTES

L I S B O A

RUA MOUSINHO DA SILVEIRA, 30

Telefone 5938

End. Teleg. TRANSPORTES

P O R T O

Telefones P. B. X. { 2 2254
2 2255
2 2256
Telegramas: ROCHAMADO

Rocha, Amado & Latino, L.^{da}

FERRAGENS E FERRAMENTAS

13, RUA NOVA DO ALMADA, 15.

ARAMES E METAIS

54, RUA DA BOA VISTA, 54

GAIOLAS E RÊDES

82, RUA DA PRATA, 86

L I S B O A

Oliveira & Porto, L I M I T A D A

COMPRA E VENDE:

Máquinas e ferramentas para todas as indústrias e qualquer qualidade de sucata de ferro, metais e todos os objectos negociáveis. **Atenção:** Não devem vender nem comprar sem visitar a nossa casa.



Travessa Teixeira Júnior, 3

(EM FRENTE AO LARGO DAS FONTAINHAS)

Telefone 8 1988 — Alcântara — LISBOA



Phoenix Assurance Company Limited

SEDE EM LONDRES

1782 — Mais de um século e meio de serviços prestados ao público — 1943

SEGUROS CONTRA FOGO, LUCROS CESSANTES, TREMOR DE TERRA,
AGRÍCOLAS, QUEBRA DE VIDROS, AUTOMÓVEIS, RESPONSABILIDADE
CIVIL E ACIDENTES PESSOAIS

Agentes Gerais: JOÃO ARCHER & C.^a — PORTO

Em Lisboa: Costa Duarte & Lima, L.^{da} Rua Augusta, 100, 2.^o-Telefone 2 6922

COMPANHIA DE SEGUROS



Européa

Capital realizado: 1.000.000\$00

SEDE

Rua Nova do Almada, 64, l.^o

TELEFONE 20911

L I S B O A



Seguros de ACIDENTES e DOENÇAS

TARIFAS ESPECIAIS PARA OS FERROVIÁRIOS

Serviço combinado com os Caminhos de Ferro para
seguros de Passageiros, Bagagens e Mercadorias.

Companhia do Caminho
de Ferro de Benguela

SÉDE EM LISBOA

LARGO DO QUINTELA, 3

COMITÉ DE LONDRES:

PRINCES HOUSE, 95, GRESHAM STREET, E. C. 2

Linha férrea construída e em exploração:

Desde o Lobito à Fronteira, quilómetros

1.347. Distância do Lobito à região mi-
neira da Katanga: Quilómetros 1.800

Endereço telegr.: «Palace-Lisboa»
Telefone: n.º 20231



Avenida Palace Hotel
LISBOA

Hotel de 1.ª classe situado no coração da cidade, junto
da Estação do Rocio e perto da Avenida da Liberdade

130 QUARTOS — 80 QUARTOS COM BANHO

Telefone em todos os quartos, ligado com a rede internacional

AQUECIMENTO CENTRAL
ESMERADÍSSIMA COMIDA
VINHOS SELECTOS—AMERICAN BAR

Preços moderados — Para estadias prolongadas condições especiais

“A Nova Loja de Candeeiros”



Vende ao preço da tabela: Fogões, Esquentado-
res, Lanternas e todos os artigos da VACUUM

Única casa no género que tem ao seu serviço pessoal
técnico que pertence àquela Companhia, tomado respon-
sabilidade em todos os concertos que lhe sejam confiados

R. Horta Seca, 24-LISBOA-Tel. 22942

SOCIEDADE NACIONAL DE CORTIÇAS

Anónima de Responsabilidade Limitada

Tele { gramas: EUREKA - LISBOA
fone: 2 4449
, Poço do Bispo, 49
, Barreiro, 17

Códigos: BENTLEY'S-MASCOTTE
A. B. C. 5.^a, 5.^a (5 letras) 6.^a edições

CORTIÇA EM PRANCHA, VIRGEM, REFUGOS, APARAS FINAS E COMERCIAES, DISCOS, PALMILHAS, CHAPEUS, etc..

FÁBRICAS

Quinta 4 Olhos - Braço de Prata - **LISBOA**
Quinta Braamcamp — **BARREIRO**
Mesurado — **ESTREMOZ**, etc.

ESCRITÓRIO

TRAVESSA DOS REMOLARES, 23, 1.^o
LISBOA

G. & H. HALL, L.^{DA}

Fabricantes de Refrigerantes:

DRY GINGER ALE
HALL'S QUININE TONIC
CRYSTAL SODA WATER
LARANJADA NATURAL
GAZOZA - LIMONADA

14 - Calçada da Cruz da Pedra - 14

TELEFONE 26226

L I S B O A

António Veiga

(Construtor Civil Diplomado I. I. L.)

EMPREITEIRO DAS OBRAS DE:
PONTE DE VILA MEÃ - LINHA
DO DOURO E. N., 12-1.^o — TRUÇA
DA POVOA E. N., 86-2.^o — TRUÇA
DE ALCAÇOVAS — CASA BRANCA

ESCRITÓRIO:

Praça dos Restauradores, 13, 3.^o

RESIDÊNCIA:

Rua Visconde de Seabra, 6

Telefone 27845

L I S B O A

Fábrica de Borracha Luso-Belga
— DE —
Victor C. Cordier, L.^{da}

ESCRITÓRIO E FÁBRICA:

Rua do Açucar, 78

BEATO - LISBOA

TELEFONES N.os 38023 e 38012

Depósitos: **LISBOA — Rua da Prata, 275-277**
PORTO — Rua das Flôres, 138

Fabricação Geral de Artefactos de Borracha
Calçado «LUSBEL»

E ARTIGOS PARA:

CIRURGIA — INDUSTRIA —
CANALIZADOR — MÉNAGE
AUTOEVELO — EBONITES

Guarnecimentos de cilindros e rodas

Telefone: 81-238

Telegrams: PREGADURA

EMPRESA PROGRESSO INDUSTRIAL

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

Premiada nas Exposições Industriais: Porto, 1887; Lisboa, 1888, 1895 e 1932; Universais de Paris, 1889, e 1900; S. Miguel, 1901; Rio de Janeiro, 1908

Fabricação mecânica de parafusos de toda a espécie, Porcas, Anilhas, Rebites, Escápulas, Cavilhas, Tirefonds, etc. — Material de fixação para Caminhos de Ferro, Telegrafos e Telefones
23, 25, 25-A, Rua das Fontainhas 27, 29 — (Alcântara) LISBOA

NÃO SE ESQUEÇA DE COMPRAR...



UM RELOJIO
ARGUS
"A HORA EXACTA"

Raúl César de Carvalho

Com FUNDIÇÃO DE METAIS

Construe todo o género de trabalho referentes à sua arte
Garantindo a sua perfeição e qualidade dos Metais

BRONZES PARA MOVIMENTOS
DE PEQUENAS E GRANDES VELOCIDADES.
ORNAMENTAÇÕES EM LATÃO
PRÓPRIO PARA PRATEAR OU DOURAR
Preços Módicos

Rua Fradesso da Silveira, 57 — LISBOA

FORNECEDOR DA SOCIEDADE ESTORIL

Telefone 38-059

Parada & Fernandez, L. ^{da}ARMAZÉM DE VINHOS
E SEUS DERIVADOS

Armazém: RUA CAPITÃO LEITÃO, 90 e 94
(Esquina da R. José Domingos Barreiros)

POÇO DO BISPO

LISBOA

SAPATARIA E CHAPELARIA POPULAR
DE TEODORO DA SILVA

Executa todos os trabalhos pertencentes à sua indústria com rapidez e perfeição. — Fabricação especial em modelos para senhoras. — Especialidade em botins tipo alentejano e Mocidade Portuguesa. — Preços sem competência. — Não se responsabiliza pelos consertos não retirados por mais de 60 dias

4. Rua Direita de Marvila, 6 — POÇO DO BISPO — Telef. 38-257

NOVA LOJA
DE Nogueira & Morão
FAZENDASRETROZEIRO, MALHAS
E TECIDOS DE ALGODÃO E LÃ

Rua Zófimo Pedroso, 58

POÇO DO BISPO

Manuel Lourenço Ribeiro

OFICINA MECÂNICA DE MADEIRAS

Cabos, Vassouras, Escovas, Pincéis, etc., etc.

TELEFONE 38-296

Calçada de D. Gastão, 9

LISBOA

Pacheco, L. ^{da}

RUA DE CAMPOLIDE, 76

Telefone 4 1839

Fanqueiro, Retrozeiro, Camisaria, Lãs para Malhas, etc.

SUCURSAIS:

Rua de Campolide, 97
LISBOARua Luiz de Camões
LAGOSTelefones MONTIJO 206
P. BISPO 38-050**Adelino Rodrigues Pereira**

VINHOS E SEUS DERIVADOS PARA CONSUMO

ARMAZÉM E ESCRITÓRIO

QUINTA DA ESPINHOSA
Sarilhos Grandes
MONTIJOR. PEREIRA HENRIQUES, 30
Poço do Bispo
LISBOA

Auto União Serra da Estréla, L. da

Carreira de Camionetes Mixta
ALVOCO DA SERRA - LORIGA - NELAS

*Serviço de mercadorias combinado com
os Caminhos de Ferro da Beira Alta*

CAMIONETES E AUTOMÓVEIS DE ALUGUER

Sede - LORIGA

B A E T A

JOALHEIRO

65, RUA AUREA, 67



LISBOA

Telefone 2 6329

Sociedade Anónima Brown, Boveri & Cia.**B A D E N — S U I S S A**

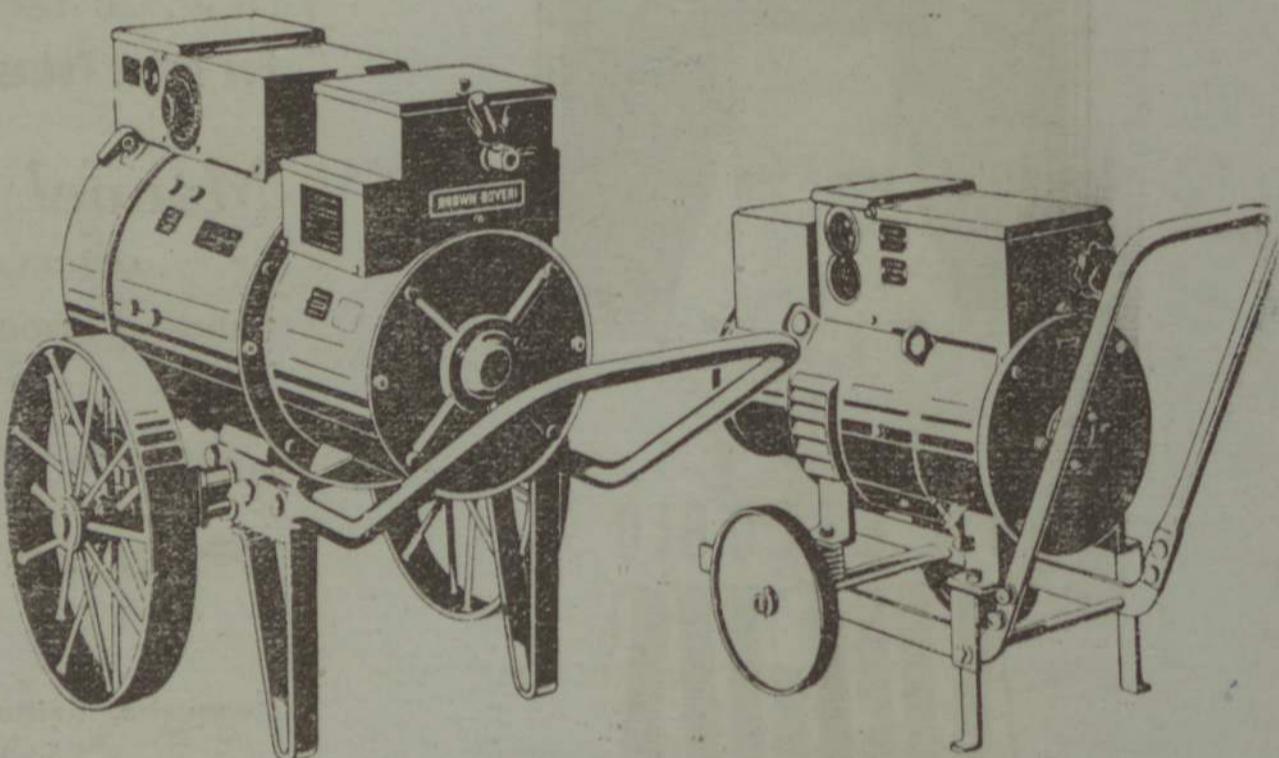
A firma que instalou o maior número de kilowatts nas Centrais Eléctricas Portuguesas—A firma que montou o maior número de turbinas a vapor em Portugal.

Representante Geral
para Portugal e Colónias:

EDOUARD DALPHIN

ESCRITÓRIO TÉCNICO:

Rua de Passos Manuel, 191-2.º--PORTO



Grupos transportáveis para a soldadura eléctrica pelo arco
em corrente contínua de 80-160 A e 240-300 A

EMPRESA GERAL DE TRANSPORTES

S. A. R. L.

VALENÇA—BARCA D'ALVA—VILAR FORMOSO
BEIRAM—ELVAS—VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

RUA DO ARSENAL, 124-1.º

Telefone 2 9374/78

End. Teleg. TRANSPORTES

L I S B O A

RUA MOUSINHO DA SILVEIRA, 30

Telefone 5938

End. Teleg. TRANSPORTES

P O R T O

PAPELARIA CARLOS

DE CARLOS FERREIRA, L.^{DA}

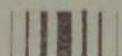
RUA AUREA, 36—LISBOA

TELEFONE 20244

Variadíssimo sortido de artigos para ESCRITÓRIO

PASTELARIA MARQUES

FORNECIMENTO DE: ALMOÇOS, CHÁS, JANTARES E BANQUETES.—LUNCHS PARA CASAMENTOS EM LISBOA E PROVÍNCIA.—**Fábrico especial** DE BOMBONS E MARRONS GLACÉS—PREPARAÇÃO DAS MELHORES FRUTAS PORTUGUESAS EM CESTOS REGIONAIS — CAIXAS DE FANTASIA —



70, RUA GARRETT, 72
Telefone 23362
Lisboa

FÁBRICA DE PORCELANA DA VISTA ALEGRE, L.^{DA}

FUNDADA EM 1824
A MAIS ANTIGA DA PENÍNSULA

Sede — LARGO DA BIBLIOTECA PÚBLICA, 7-r/c. — **LISBOA**

FÁBRICA EM ILHAZO AVEIRO

AS MELHORES PORCELANAS PARA USOS DOMÉSTICOS E INDUSTRIALIS

PORCELANAS DECORATIVAS E ELÉCTRICAS

As Porcelanas da «VISTA ALEGRE» rivalisam com as melhores estrangeiras

DEPÓSITOS
LISBOA—Largo do Chiado, 18
PORTO—Rua Cândido dos Reis, 18

CHÁ NAMÚLLI

À venda em todos os bons estabelecimentos do País

REPRESENTANTE:

ESTABELECIMENTOS ALVES DINIZ & C.^A

Rua dos Ouradores, 16-36

LISBOA

TINTURARIA ITALIANA

RUA D. MARIA PIA, 479

Telefone 6 0812

LISBOA

Lavagem a seco de fatos, vestidos de senhora em todos os géneros, crêpe, veludo, rendas, bordados, peles, plumas, cortinas, feltros, panamá, tapetes, etc..

LUTO EM 48 HORAS (Manda buscar e entregar ao domicílio)

COM AS SEGUINTE SUCURSAIS	Rua Alexandre Herculano, 41-A
	Rua do Sol ao Rato, 41
	Rua Infante D. Henrique, 10
	Rua General Taborda, 29
	Rua Latino Coelho, 49

TELEFONE 2 3822

PERDIGÃO & TEIXEIRA, L.^{DA}

CASA FUNDADA EM 1840

CABOS DE LINHO, PITA E CAIRO—LONAS BREU, ALCATRÃO E PIXE—CABRESTARIA

Obras de Esparto e de Palma, Archotes, Rafia, Fio de Juta e Linho em Rama, Ceiras para Lagares de Azeite, em Cairo e Esparto, Arreatas, Lategos, Cilhas, Prisões. Cordas de Carro, Cordéis, Cabeçadas, etc.

PINCÉIS, BROCHAS, FIOS DE VELA E LINHOL

1, Poço do Borratém, 3—**LISBOA**—Rua da Betesga, 2

Teixeira, Lopes & Neves, L.^{da}

FORNECEDORES DA «SOCIEDADE ESTORIL»

Ferragens e Ferramentas—Fundos para cadeiras—Macacos para levantar pesos—Serras de fita e circulares—Malhos—Marretas—Pás de aço, de bico e quadradas—Enxadas e Picaretas—Fólha de Flandres, Zinco e Estanho—Rêde—Pregaria—Bombas agrícolas—Balanças—Pesos—Chapas de cobre e latão—Cute-larias—Talheres—Guarnições para móveis modernos e estilos antigos—Sortido completo em ferramentas para Carpinteiros, Marceneiros, Serralheiros, etc., etc.—Foles—Ventoinhas—Engenhos de furar—Brocas e Mandrins

22, LARGO DE S. JULIÃO, 23
1, 3, RUA NOVA DO ALMADA, 5 e 7

Telefone 2 5644—**LISBOA**

Agência Barata

Sede — RUA SARAIVA DE CARVALHO, 200

Residência — RUA SARAIVA DE CARVALHO, 182

Telefone P. B. X. 6 1113

Os melhores auto-cars fúnebres — Garage e oficinas próprias

:=:

Garage e oficinas:

Rua Francisco Metrass, 69 a 73 — **LISBOA**

Eléctrica de Campolide

DE
JOAQUIM DAS NEVES

ARTIGOS PARA ELECTRICIDADE
CANALISAÇÃO DE ÁGUA E GAZ
REPARAÇÕES DE MOTORES
ELÉCTRICOS E T. S. F.

RUA MARQUEZ DA FRONTEIRA, 82-A

Telefone 4 3310—**LISBOA**

Metalúrgica Moderna, L.^{da}

Antiga casa de Francisco de Almeida e Sousa
OFICINA DE TORNEIRO DE METAIS

Instalações para água, gás e electricidade—Especializado na manufactura de **Juncções Stroce e Agulhetas** com bocais desmontáveis de diversos calibres e de outras peças próprias para serviço de incêndios.—Aquários — em todos os géneros, lindos modelos —

PIREÇOS MÓDICOS
680, Rua de S. Bento
Telefone 6 3052—**LISBOA**

NEVES

&

MONÇÃO

ENCARREGAM-SE DE RECTIFICAÇÕES E ENCAMISAGEM DE CILINDROS—SERVIÇO RÁPIDO—REPARAÇÕES E ACESSÓRIOS PARA AUTOMOVEIS—TODO O TRABALHO DE MECÂNICA—CUNHOS E CORTANTES—OFICINAS DE FABRICAÇÃO DE MATERIAL ELÉCTRICO —

6, 6-A, BECO DA PEDREIRA, 6-B, 6-C
(à Rua Campo de Ourique) (Entre os números 246 e 248)
TELEFONE 6 0237 **LISBOA**

A SORTE ESPREITA-O!... JOGUE NA
«Esfera da Sorte»

Habilite-se nesta feliz casa
e conquistará a felicidade

"Esfera da Sorte" de L. A. SOUSA
Rua do Arsenal, 66 **LISBOA**

CHAPELARIA
ALMEIDA FERNANDES, LIMITADA

Chapeus em todos os géneros para homem, senhora e creança—Concertos e transformações.—(Seção de Camisaria para homem)

87-A, RUA DE CAMPOLIDE, 87-B (Junto à paragem do eléctrico)

LISBOA

Gazeta dos Caminhos de Ferro

COMÉRCIO E TRANSPORTES — ECONOMIA E FINANÇAS — ELECTRICIDADE E TELEFONIA — OBRAS PÚBLICAS
— NAVEGAÇÃO E AVIAÇÃO — AGRICULTURA E MINAS — ENGENHARIA — INDÚSTRIA E TURISMO

Fundada em 1888 por L. DE MENDONÇA E COSTA

Director, Editor e Proprietário: CARLOS D'ORNELLAS

Redacção, Administração e Oficinas: Rua da Horta Sêca, 7, 1.º — LISBOA — Telefones: P BX 20158; Direcção 2752.

Premiada nas exposições: GRANDE DIPLOMA DE HONRA: Lisboa, 1898.— MEDALHAS DE PRATA: Bruxelas, 1897; Pôrto, 1897 e 1934;
Liège, 1906; Rio de Janeiro, 1908.— MEDALHAS DE BRONZE: Antuérpia, 1894; S. Luiz, Estados Unidos), 1904

Delegado no Pôrto: ALBERTO MOUTINHO, Avenida dos Aliados, 54 — Telefone 893

1333



1 — JULHO — 1943



ANO LIV

Número avulso: Esc. 3\$00. Assinaturas: Portugal (semestre) 30\$00
África (ano) 72\$00. EMPREGADOS FERROVIÁRIOS (trimestre) 10\$00
Números atrasados 5\$00 — Números Especiais (avulso) 10\$00

GAZETA DOS CAMINHOS DE FERRO

CONSELHO DIRECTIVO:

General RAÚL ESTEVES
Coronel ALEXANDRE LOPES GALVÃO
Engenheiro RAÚL DA COSTA COUVREUR
Engenheiro AUGUSTO CANCELA DE ABREU
Engenheiro LUIZ FERNANDO DE SOUZA

DIRECTOR-GERENTE:

CARLOS D'ORNELLAS

SECRETÁRIOS DA REDACÇÃO:

Engenheiro ARMANDO FERREIRA
AMÉRICO FRAGA LAMARES

REDACÇÃO:

MIGUEL COELHO
ALEXANDRE SETTAS
REBELO DE BETTENCOURT
Professor JOSÉ F. RODRIGUES

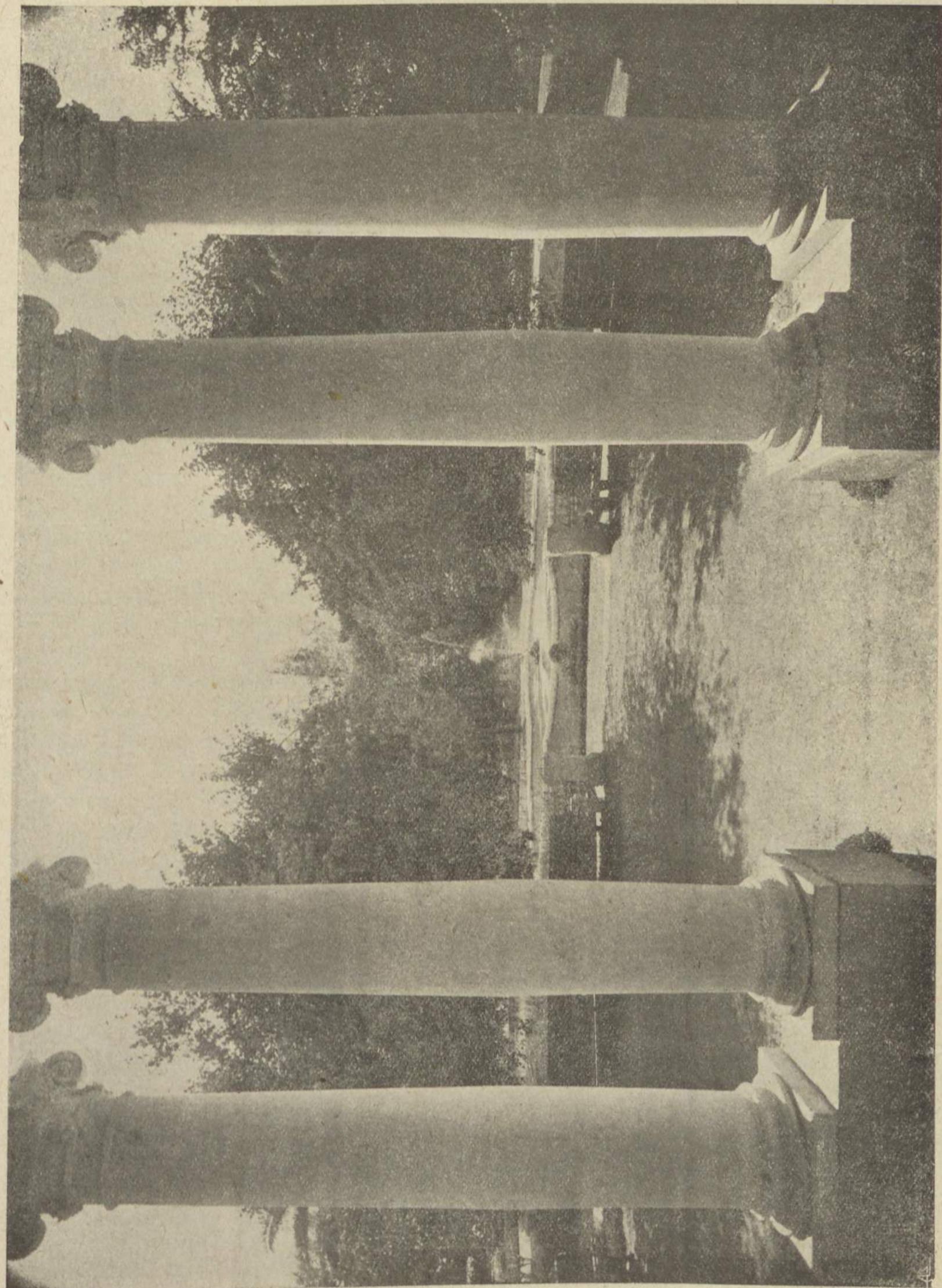
COLABORADORES:

General JOÃO DE ALMEIDA
Coronel de Engenharia CARLOS ROMA MACHADO
Engenheiro CARLOS MANITTO TORRES
Coronel de Engenharia ABEL URBANO
Capitão de Engenharia MÁRIO COSTA
Engenheiro D. GABRIEL URIGUEN
Capitão de Engenharia JAIME GALO
Capitão HUMBERTO CRUZ
JOSÉ DA NATIVIDADE GASPAR
ANTÓNIO MONTEZ
Engenheiro ADALBERTO FERREIRA PINTO
Dr. MANUEL MÚRIAS
RAÚL ESTEVES DOS SANTOS



S U M Á R I O

Curia, um aspecto do Parque, visto da entrada do Balneário	317
Coimbra e a linha da Louzã, pelo Capitão de Eng.º Jaime Gallo	319
Lourenço Marques e o turismo	321
Curiosidades e distrações da «Gazeta» por Alexandre F. Settas	324
Pelo estrangeiro, por J. N.	326
Heróis de África	328
Há 50 anos	330
Para a história das descobertas, pelo Coronel de Eng.º Carlos Roma Machado	331
A Feira em Sevilha e uma iniciativa do «Sector 1» em benefício dos portugueses	333
A Vila de Espinho	336
Praias de Portugal, O Estoril, Figueira da Foz e a Póvoa de Varzim	337
Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses	347
Companhia dos Caminhos de Ferro da Beira Alta	350
«Hidráulica do Tejo»	350
Parte Oficial	351
Imprensa	351
«Elogio da Festa Brava»	352
A Guerra e os Caminhos de Ferro	354
«Lusitania Express»	355
Linha de Cascais	355
Locomotivas a turbina de gás	356
Rápido do Pôrto	356
Vida Ferroviária	356
Florencia, a triste linda, por J. Gomes	357
Espectáculos, Panorama da Temporada Teatral, por Miguel Coelho	359



CURIA — Um aspecto do Parque, visto da entrada do Balneário

COIMBRA E A LINHA DA LOUZÃ

Por JAIME GALLO

Capitão de engenharia (B. S. C. F.)

COIMBRA, a antiga povoação Lusitana conhecida pelo nome de *Conimbra* e pelos romanos denominada *Conímbrica* é, presentemente, sem dúvida, uma das cidades de Portugal onde mais opulentamente se aliam a grandeza dos monumentos e o encanto da paisagem. De facto, enquadrando suas belezas artísticas, a Lusa-Atenas dos poetas, possue uns arredores lindíssimos que oferecem um cenário de maravilha.

Vista do combóio quando se transpõe a ponte sobre o rio Mondêgo próximo da estação de Coimbra-B, apresenta-se-nos a cidade num cóne magestoso dominado pelo edifício da Universidade, que outrora foi paço de reis mouros e mais tarde de monarcas portugueses.

Nesta cidade, que, durante séculos, foi séde da única Universidade do País, são numerosos os monumentos evocando a vida e a arte dum passado remoto, cuja contemplação nos encanta e deleita, sendo verdadeiras preciosidades a Sé Velha, templo onde o Mestre de Aviz recebeu a coroa real depois de proclamado rei pelas cortes de 1385, a igreja de St.^a Cruz, que data de 1132, o célebre palácio da Quinta das Lágrimas, onde foi assassinada Inez de Castro por ordem do rei Afonso IV, o Jardim da Manga, o Arco de Almedina, e tantos outros valores.

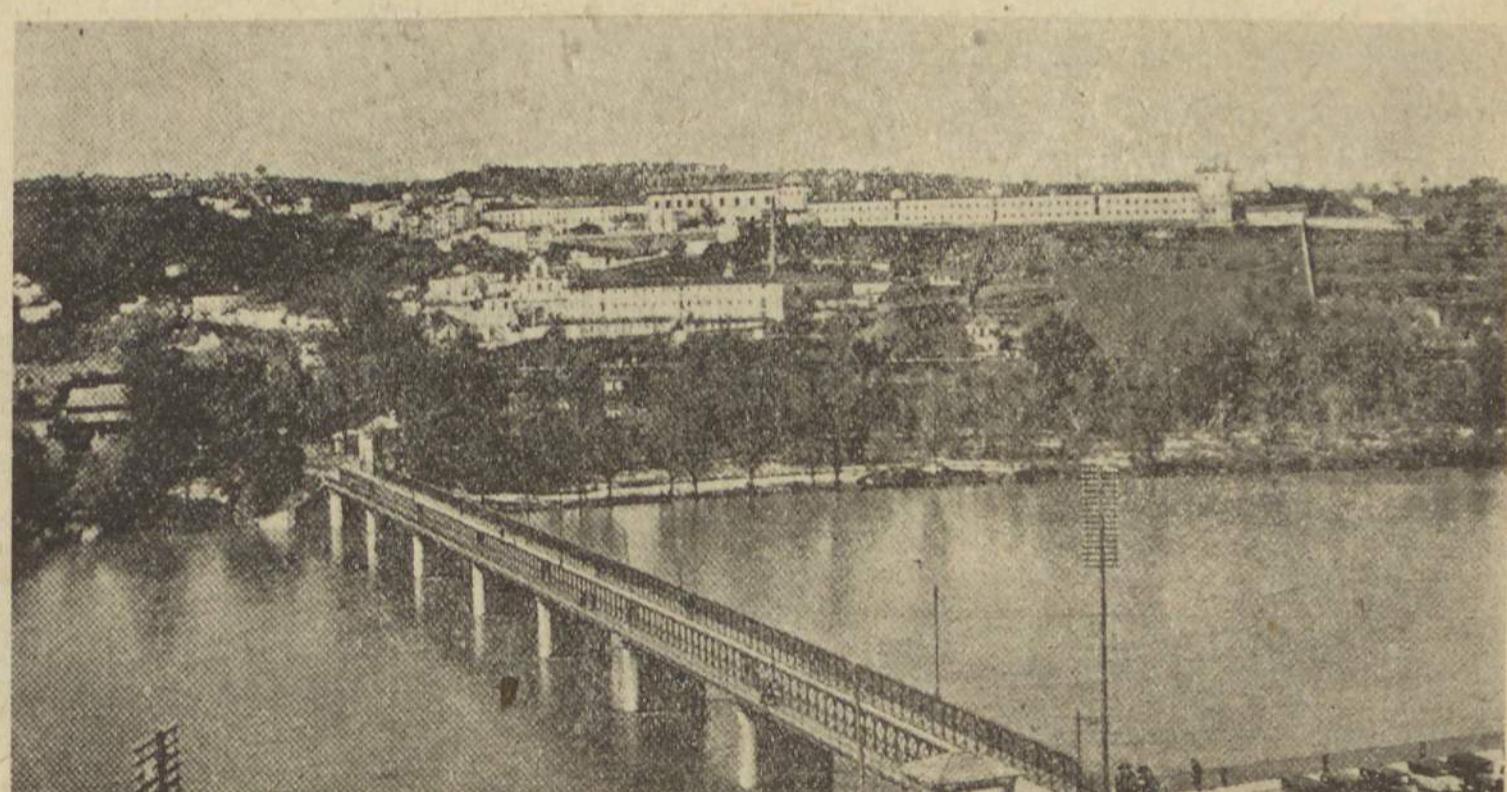
Não são porém, apenas as relíquias do passado que presentemente valorizam Coimbra; modernos arruamentos, edifícios, parques e jardins em conjunto harmônico completam o belo quadro.

Como cidade moderna, possue, assegurando-lhe suas funções simultâneas de concentração e irradiação, uma magnífica rede de estradas e a mais importante via férrea

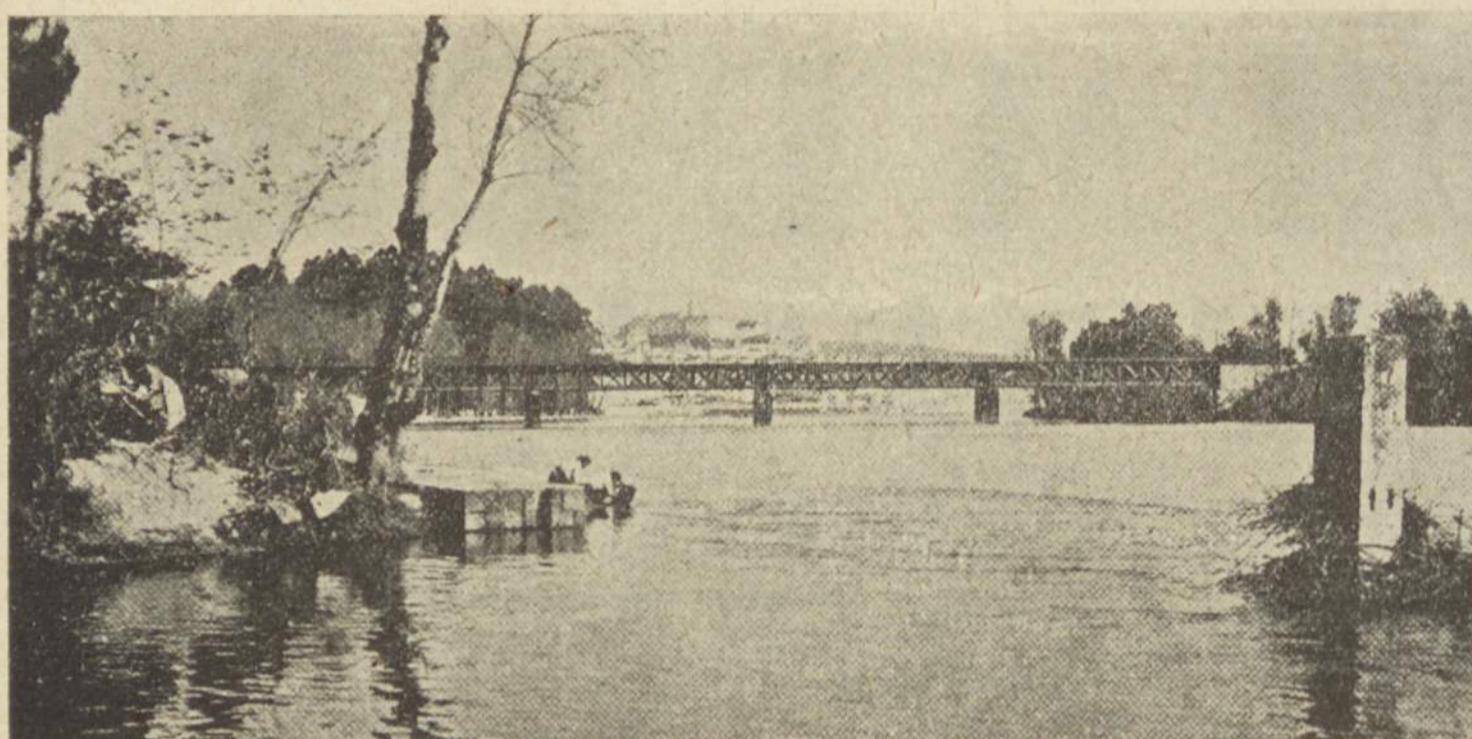
do País, (a linha do Norte), ao mesmo tempo que uma rede urbana de carros eléctricos facilita sua vida interna. É sobretudo importante para as suas indústrias e para o seu comércio anual de centenas de milhares de contos, a via férrea do Norte que, na estação de Coimbra-B, dá origem à denominada "linha da Louzã", explorada até Serpins com 37 quilómetros em prolongamento do antigo ramal de Coimbra.

A linha da Louzã, com leito próprio nos primeiros 1.800 metros (ramal de Coimbra), entra em comunidade com o trânsito da cidade na Avenida Navarro, atravessa o Largo Miguel Bombarda cortando o trânsito da ponte de St.^a Clara e segue junto ao Parque Municipal, só voltando a tomar leito próprio na Insua dos Bentos.

Ha cerca de 50 anos, quando foi resolvida a construção da linha da Louzã, o trânsito sendo muito inferior ao actual e doutra espécie, poderia ter permitido sem inconveniente a escolha desse traçado marginal, deixando toda a cidade do lado esquerdo do caminho de ferro. Presentemente, porém, observada a ponte de St.^a Clara já insuficiente para o trânsito, tal directriz numa zona citadina de tanto movimento, não pode justificar-se.



Ponte da estrada nacional sobre o rio Mondêgo em Coimbra e vista da margem esquerda com St.^a Clara



Ponte do caminho de ferro sobre o rio Mondego na linha do Norte.
Ao fundo a cidade de Coimbra.

Alguns desastres causados pelo caminho de ferro na Avenida Navarro, a-pesar-da reduzida velocidade de 5 quilómetros à hora imposta aos comboios nesse trajecto de cerca de um quilómetro pelas ruas da cidade, e o perigo da permanência de crianças sem aturada vigilância no Parque Municipal, também põem em evidência a necessidade de se dar leito próprio à linha da Louzã.

Ainda, sob o ponto de vista estético predominando nessa linha o tráfego de madeiras, lenhas, trapos e papeis velhos, resulta bastante desagradável o aspecto dos comboios com êsses carregamentos, passando numa avenida que possue belos edifícios, entre os quais sobressai o do Hotel Astória procurado como principal hotel de Coimbra pelos turistas estrangeiros.

Ora, a linha da Louzã, possuindo apenas os primeiros 7 quilómetros na margem direita do rio Mondego, poderia ser totalmente instalada do lado da margem esquerda d'este rio, estabelecendo-se a estação ferroviária principal da dota cidade em Coimbra-B, donde poderiam continuar a partir e a chegar os comboios de Serpins, com acesso pela linha do Norte entre essa estação e Bencanta, tendo aqui origem a linha da Louzã com um apeadeiro ou estação secundária em St.^a Clara.

Abandonado pelo caminho de ferro o actual leito do ramal de Coimbra, seria lindo em seu lugar o prolongamento da Avenida Navarro até Coimbra-B, à beira do Mondego, dando acesso à estação principal aqui situada.

Também tal directriz,

substituindo a primeira dezena de quilómetros da linha da Louzã, sem transposição do rio Mondego, seria de grande vantagem económica visto que dispensaria a grande ponte da Portela que, actualmente, a 7 quilómetros de Coimbra, atravessa êsse rio com 4 tramos metálicos em vão de 202 metros, absorvendo a sua conservação importante verba.

Sabemos que a Câmara Municipal de Coimbra possuindo um plano de urbanização do arquitecto urbanista Gröer e observando o emba-

raço que, segundo êsse plano, a ocupação da faixa marginal pela via férrea causa à expansão da cidade para o lado do rio, solicitou em 1929 à Comissão Revisora da Rêde Ferroviária do País, a supressão dêsse ramal e o início da linha da Louzã na estação de Coimbra, com directriz pelo Vale de Couselhas. Subsistiria porém, com esta solução, a necessidade de atravessar o rio Mondego, utilizando a grande ponte da Portela ou outra semelhante, o que a indica menos económica.

Concebidas as vias férreas para transportes entre os centros de produção e população e ultimamente observadas como útil instrumento do turismo, justo é procurar no estudo dum directriz de caminho de ferro como dum boa estrada, a realização simultânea do útil e do agradável e nestes termos a variante da linha da Louzã, nas condições que referimos, é obra que se impõe como indispensável ao progresso de Coimbra.

Suprimido o ramal de Coimbra, também para a empreza ferroviária desaparecia o prejuizo que à sua exploração ocasionam as ligações aos comboios da linha do Norte e o consequente transbordo em tão curto trajecto.



COIMBRA — Avenida E. Navarro

Lourenço Marques

E O TURISMO

LOURENÇO Marques não é sómente um grande pôrto, um dos melhores portos de África e do mundo, é, também, um admirável centro de Turismo.

A Administração dos Portos e Caminhos de Ferro e Transportes de Moçambique tem a seu cargo a propaganda turística da maravilhosa cidade. Da maneira inteligente como a faz, dá-nos conta o Relatório da Administração daquele organismo, que criou, para o efeito, a Secção de Propaganda e Publicidade.

É do "Relatório do ano económico de 1941, da Administração dos Serviços dos Portos, Caminhos de Ferro e Transportes da Colónia de Moçambique" que extraímos o que vai ler-se em seguida:

Propaganda e Turismo

Foi sempre empenho da Administração promover o aumento do tráfego de passageiros, levando os visitantes de Lourenço Marques, chegados nos navios que escalam o pôrto, a visitar, pela linha de Marracuene, Vila Luísa e os hipopótamos que abundam nas águas do Incomáti, e a ir também de visita até o Parque Nacional de Kruger, uma de cujas entradas é Komatiporto, fazendo-os percorrer a linha de Ressano Garcia.

Também se tem estimulado o uso do pôrto de Lourenço Marques para a importação para o Rand, pondo em evidência as vantagens do pôrto e a rapidez do trabalho. Para isso lançou-se mão da propaganda pelo folheto, pelos anúncios, pela rádio e pelos cartazes e fotografias.

De meados de Junho a meados de Outubro organizaram-se excursões ao Parque Nacional de Kruger, aberto ao público nessa época. Mas a guerra modificou em muito essas circunstâncias. Em quanto o tráfego de mercadorias pelo caminho de ferro e o tráfego do pôrto se modificaram, mantendo, porém, quase sempre um nível satisfatório, a queda do movimento de passageiros, e especialmente de turistas, foi imediata e tem-se acentuado gradualmente. Quanto ao movimento de turistas da vizinha União da África do Sul, foram aparecendo sucessivamente peias de ordem burocrática, dificuldades em trazer dinheiro para gastar em Lourenço Marques, a queda da libra em

relação ao escudo, a necessidade de efectuar um depósito em dinheiro ou de prestar uma garantia bancária após a proibição de exportação de veículos automóveis da União, e, mais recentemente ainda, o racionamento da gasolina.

No entanto, por folhetos, fotografias, cartazes e pela rádio, continuou-se a propaganda de Lourenço Marques e das suas belezas naturais, afim de se não perderem contactos antigos.

Continuou também a fazer-se a propaganda do nosso pôrto e das suas magníficas instalações, grandemente facilitados pela perfeição e eficiência dos serviços e para tal se fêz especialmente constar que em tempo de guerra se concediam às mercadorias que transitasse pelo pôrto de Lourenço Marques e pela linha de Ressano Garcia todas as regalias, incluindo o seguro, que o visinho Governo da União concede às mercadorias que passam pelos seus portos.

Igualmente continuaram os funcionários da secção de propaganda a prestar assistência aos passageiros em navios que tocam no pôrto de Lourenço Marques, que são agora em maioria, os dos barcos portugueses, encarregando-se do serviço de bagagens daqueles que transitam para a União, distribuindo brochuras de propaganda da Colónia, folhetos de reclamo de excursões na cidade e nos seus arrabaldes, de vôos de turismo, de visitas ao Parque Nacional de Kruger, bem como horários dos serviços aéreos, tudo em língua inglesa. Prestaram do mesmo modo esclarecimentos quanto aos lugares públicos dignos de serem visitados, em caminho de ferro ou em automotora, em ónibus ou em carros de praça, e acompanharam os turistas nas excursões que se organizaram.

Serviço de excursões

Para bem se ajuizar da queda no movimento de forasteiros, esclarece-se que o acampamento do palmar, junto à Praia da Polana, que em épocas normais quase se enche e em 1939 chegou a não ter sequer um talhão disponível (inaugurou-se nesse ano, prometedoramente mas sem continuação, nova área de acampamento no local denominado Costa do Sol), esteve praticamente deserto. Os tradicionais comboios

de excursão a preços reduzidos, que os Caminhos de Ferro da União da África do Sul todos os anos realizavam, sob a designação de *round-in-nine*, como no ano anterior, não se organizaram, e os chamados "combóios azuis", iniciados em 1941, com o melhor material de ar condicionado de que os nossos vizinhos dispõem, habitualmente destinados aos expressos denominados Union Limited, que circulam entre Joanesburgo e a Cidade do Cabo, não vieram nunca com a lotação que poderiam trazer. Com respeito ao último, chegou a comunicar-se a esta Administração o seu provável cancelamento.

O programa da visita destes combóios azuis, dos quais se realizaram quatro, nos quatros fins de semana de Agosto, constava de visitas aos clubes desportivos, ténis, *golf* e náutica, com direito a prática dos respectivos desportos, nos quais, em colaboração com a Câmara Municipal de Lourenço Marques, se realizaram animadas recepções seguidas de dança, e, por parte desta Administração, passeios facultativos a Marracuene, com chá no Pavilhão e excursão pelo rio Incomáti, no escaler da Administração, e passeios gratuitos na baía, organizados a bordo do rebocador *Chaimite*, para os quais, até o limite total de 120 passageiros, se admitiam também, a preços reduzidos, pessoas residentes em Lourenço Marques.

O programa organizado para os forasteiros que nos visitaram nos combóios azuis agradou sempre plenamente, como o comprovam cartas espontâneas endereçadas à Administração pelos visitantes, após o seu regresso à União.

Durante o ano de 1941 realizaram-se as seguintes excursões: duas com 10 passageiros ao Parque Nacional de Kruger; cinco com 116 passageiros a Vila Luísa; quatro passeios náuticos com 393 passageiros.

Se bem que estes números sejam baixos em relação às médias anteriores ao estalar da guerra, são levemente superiores aos do ano anterior e significativos quando comparados com o número de excursões efectuadas por entidades particulares. Destas, a única que efectuou excursões foi a firma Parry, Leon & Hayhoe, Limited. Utilizando para esse efeito os serviços desta Administração, fez durante o ano três excursões, com 27 passageiros, a Vila Luísa, e três, com 14 passageiros, ao Parque Nacional de Kruger.

Apesar das desfavoráveis condições presentes, a Administração continuou, portanto, a manter a excursão que mais atractivos proporcionou, a de Vila Luísa, para onde os passageiros seguem de comboio ou de automotora, afim de fazerem uma digressão de duas horas pelo rio Incomáti no escaler a gasolina com a lotação de 46 passageiros que a Administração ali possui. Existe, além disso, o agradável complemento do Pavilhão de Turismo, que a Administração mantém na margem do rio Incomáti, em Marracuene, e no qual os turistas podem, em excelentes condições de conforto e de pitoresco, almoçar ou tomar chá.

Quando se trata de excursões feitas com passa-

geiros a bordo, autoriza-se a ida da respectiva banda, para dar maior animação ao passeio.

Combóios de excursionistas

Já referimos a organização de quatro combóios de turismo pelos Caminhos de Ferro da União, sob a designação de "combóios azuis", que se em relação aos organizadores não tiveram a concorrência desejada, foram da parte da Administração objecto das maiores atenções e resultaram, consequentemente, em excelente propaganda de Lourenço Marques. Além destes combóios de luxo, a Administração dos Caminhos de Ferro da União costumava organizar, a preços económicos, os chamados *round-in-nine*, que num itinerário de nove dias incluíram visitas ao Parque Kruger e a Lourenço Marques. Em 1939 apenas veio a Lourenço Marques um desses combóios; em 1940, a Administração dos S. A. R. aumentou três combóios cujo itinerário não passou de Nelspruit mas que se não efectuaram por falta de inscrições, de forma que em 1940 e em 1941 se não organizaram nem mesmo no território vizinho, tais combóios.

Assistência aos passageiros em trânsito

A Secção de Propaganda e Publicidade, por intermédio de um dos seus agentes, prestou assistência aos passageiros vindos por via marítima com destino à União da África do Sul, bem como àqueles que, vindos da União, aqui vieram tomar o vapor, encarregando-se, mediante o pagamento de pequenas quantias, variáveis consoante as dimensões e o peso dos volumes, do transporte da respectiva bagagem.

Por motivo das actuais circunstâncias, não chegou a conceder-se a regalia que a Administração em tempos estabeleceu de, quando as agências de navegação comunicam com, pelo menos, 6 horas de antecedência que determinado navio traz ou leva passageiros em trânsito, os combóios internacionais irem à ponte-cais receber ou deixar os passageiros e as suas bagagens, sem qualquer pagamento suplementar para tal serviço.

Como é natural, em consequência da quebra no número de passageiros manteve-se em 1941 o baixo número de bagagens transportadas que se havia registado no ano anterior. Para melhor esclarecimento se acrescenta que a maior parte dos agentes particulares que se encarregavam também do transporte de bagagens deixou, por pouco remunerativo, de trabalhar nesse sentido.

Combóio de amostras

Tomou a Administração a iniciativa de organizar um combóio de amostras que percorresse as linhas de Goba, Ressano Garcia e vale do Limpopo, iniciativa a desenvolver mais tarde, após êxito verificado nas

linhas do Sul do Save e outras rôdes exploradas por esta Administração. Para tal efeito estabeleceu-se por repetidas vezes contacto directo com firmas de Lourenço Marques, publicaram-se comunicados anunciantes da iniciativa nos dois mais importantes jornais da Colónia — *Notícias* e *Lourenço Marques Guardian* — e fizeram-se desde Setembro avisos semanais pelo Rádio Clube de Moçambique, convidando-se nestes os comerciantes, industriais, agricultores e importadores da Colónia a interessar-se pela iniciativa.

Publicidade em cinemas

a) *Da Colónia:*

Nos dois principais cinemas de Lourenço Marques, "Gil Vicente" e "Scala", exibiram-se diariamente vistas coloridas de publicidade dos transportes aéreos (DETA) e das excursões a Vila Luísa e à Namaacha.

b) *Da União da África do Sul:*

Nos dois primeiros meses de 1941 ainda se exibiram nos cinemas "Plaza", de Joanesburgo, e "Capitol", de Pretória, vistas de propaganda da DETA e de Lourenço Marques. A partir de então, como não melhorassem as condições turísticas de visita a Lourenço Marques, incluiu a Administração essa despesa entre as que por economia se suprimiram.

Propaganda nas escolas da União Sul-Africana

São freqüentes os pedidos de informações a respeito de Lourenço Marques, de Moçambique e até de Portugal Motropolitano, que provêm de professores,

alguns universitários, e sobretudo de alunos das escolas da vizinha União. Prestaram-se sempre todas as informações pedidas, quando possível ampliadas por brochuras ilustradas. Para tal efeito foram de grande utilidade várias publicações editadas pelo Secretariado da Propaganda Nacional.

A Educational Aids, de East London, que distribui chapas de projecção para fins educativos, fez a propaganda pela imagem, nas escolas da União da África do Sul, com elementos fornecidos pela Secção de Propaganda e Publicidade, das paisagens da Colónia, das culturas, de costumes indígenas, dos portos de Moçambique, da cidade de Lourenço Marques, da fortaleza de São Sebastião, da viagem do Chefe do Estado, de vistas aéreas diversas, acompanhadas de breves legendas com dados geográficos, históricos ou económicos fáceis de apreender e fixar.

Congressos de publicidade

Desde o início da guerra não se realizou qualquer congresso de publicidade na vizinha União, com o carácter internacional dos que se fizeram anteriormente.

Serviço de informações

Os agentes de propaganda, verbalmente ou por escrito, têm continuado a prestar informações ao público, respeitantes não apenas aos serviços dependentes da Administração mas também a muitos outros, visto não haver, por enquanto, outra entidade que na Colónia abranja o turismo em geral e faculte essas informações.





Robert Carrizey

O interessante desenho que serve de título a esta secção deve-se ao lápis do famoso desenhador francês Robert Carrizey que, cheio de graça nas suas produções quis honrar obsequiosamente as colunas da *Gazeta dos Caminhos de Ferro* com um dos seus característicos trabalhos.

Artista de consagrada fama, desde há muito tempo admirado através de inúmeras publicações, era de tal nomeada e exercera tamanha influência no seu país que, sem o querer, criara bastantes imitadores do seu traço único na forma de exteriorizar o grotesco concebido com fina observação.

Muito modesto, confessava aos amigos que apenas ao esforço dispensido com os seus trabalhos devia o êxito que alcançara o qual — pela força da sua modéstia — dizia exceder em conceito e fama a habilidade e o mérito de que dispunha.

Não era assim, todavia, pois Carrizey, que se ostreiara em 1928 no jornal *L'Auto* era, de facto, um desenhador cheio de alegre imprevisto nas suas composições burlescas e criador duma graça castiça nas curtas legendas dos seus variadíssimos trabalhos.

Muito haveria ainda a esperar da sua arte, dos seus inexgotáveis achados cómicos, da sua forma trocista e única de criticar os costumes, enfim, numa palavra, da sua verve artística.

Porém, a curta vida de homem modesto, probo, e trabalhador constante, extinguiu-se já, e, numa manhã primaveril do passado mês de Maio levaram os amigos, o corpo a enterrar num cemitério do departamento onde vivia, dum verdadeiro humorista que, embora sempre alegre na apariência e através dos seus trabalhos, curtiu o forçoso desgosto de sofrer pela sua pátria avassalada.

Um estôrvo colossal na abertura das linhas ferroviárias na China

O culto dos mortos é, na China de todos os tempos, a única religião perdurable e séria e por isso a mais fiel, respeitada e extensa.

O chinês, por mais pobre que seja, não recua ante sacrifício algum para conceder um repouso decente e digno aos que na terra lhe foram queridos e, de entre êstes, especialmente os seus progenitores.

Para melhor conhecer o lugar onde convém que sejam sepultados os pais ou avós usavam os chineses, ainda nos fins do século passado, aceitar o conselho de feiticeiros para tal fim consultados, que lhes designavam o terreno considerado próprio para se efectuar o enterramento, o qual algumas vezes só era conseguido por preços exorbitantes.

Todavia, por mais difícil e dispendiosa que fôsse a aquisição desses pedaços de terra, não havia chinês que recuasse ante o cumprimento dum dever tão ancestral.

Uma vez consagrado êsses locais às moradias eternas de mortos, tornava-se absolutamente inviolável. Ningném, sob pena dos mais severos castigos, poderia apossar-se dele ou utilizá-lo para outros fins e os raros ultrajes sucedidos a tais sepulturas implicavam sempre nas mais terríveis vinganças.

Estavam êsses *tumuli* espalhados por toda a parte, nas imensas extensões das campinas chinesas. Os mais antigos, datando de milhares de anos, são ainda hoje respeitados como no primeiro dia em que se levantaram e por certo constituiram um verdadeiro embaraço para a construção das linhas férreas presentemente abertas no Celeste-Império.

Provocaria uma sublevação a simples tentativa de os destruir e receava-se muito que, mesmo mediante valiosas indemnizações, os chineses consentissem na voluntária expropriação de tais monumentos fúnebres, que se traduziram para êles em verdadeiros sacrilégios.

Por isto que expozemos resumidamente se fica sabendo que para a construção das linhas férreas na China houve necessidade de recorrer a diversos estudos sobre o perfil a adoptar nas linhas a-fim-de que fôssem poupadados os comorros funerários de cada família chinesa que os tivesse em terrenos onde a civilização moderna pretendia fixar os seus vantajosos progressos.

«Sleeping Cars» de III classe

No ano de 1912 a administração dos caminhos de ferro suecos pôz em prática uma medida que, a-pesar-de de democrática deu apenas medianos resultados e a qual era o seguinte:

Fazer circular na linha de Estocolmo a Gotemburgo *sleeping-cars*, em carruagens de III classe, com camas, lavatórios com águas quente e fria além de muitas outras comodidades.

O suplemento a pagar por cada noite de viagem regulava pelo equivalente a \$60 da nossa moeda mas, não obstante o preço desse excesso ser verdadeiramente módo para tão grande melhoramento na comodidade dos passageiros, cerca de 60 por cento das novas carruagens circulavam desocupadas durante os primeiros anos dessa nova modalidade de viagem.

Algumas notas sobre caminhos de ferro coloniais

Foi no dia 5 de Setembro de 1905 que se iniciou a construção do caminho de ferro de Mossâmedes.

Por decreto de 28 de Novembro de 1902 foram concedidas a um subdito britânico e à companhia por ele orga-

nizada, a construção e exploração do caminho de ferro de Benguela.

Em 16 de Julho de 1885 publicou-se a Carta de Lei autorizando o Governo Português a adjudicar, precedendo concurso, a construção do caminho de ferro de Luanda a Ambaca.

No dia 26 de Dezembro de 1878 foi assinado o tratado entre Portugal e a Inglaterra, respeitante aos caminhos de ferro do Estado da Índia.

Nesse tratado ficou estipulada a construção de caminho de ferro de Mormugão e prevista a sua ligação com o Gates.

Os ingleses consideraram êste tratado excepcionalmente favorável para os interesses de Portugal.

Descriminação das vias férreas, na Europa

(Referente ao final do ano de 1939)

	Em quilómetros	Via a vapor	Via a electricidade
Alemanha	51:500	1:635	
Austria	4:700	736	
Espanha	10:500	368	
França	39:400	16:000	
Gran Bretanha.	30:300	770	
Itália.	15:500	1:550	
Portugal.	3:450	26	
Rússia	76:000	50	
Suécia	5:600	908	
Suíça.	2:400	1:875	
	<hr/> 239:350	<hr/> 23:918	

Uma velha e activa máquina de vapor

Há mais de 130 anos que a mesma máquina a vapor esgota as águas das galerias das minas de Shipley (Inglaterra).

Esta máquina, do sistema de balanços, é tão antiga que ninguém conhece a sua idade exacta nem o nome do seu construtor. Está ainda em serviço e há 23 anos que não é reparada.

Durante muitíssimos anos funcionou de dia e de noite apenas com ligeiras interrupções no seu funcionamento e estas motivadas por necessárias limpezas ou inspecções.

Tem de força 45 cavalos-vapor e as duas bombas que por ela são alimentadas tiram 250 mil litros de água por hora, elevando-a à altura de 58 metros.

A peça de balanço, que pesa perto de 10 toneladas, nunca se partiu durante o seu longo e aturado serviço.

A primeira locomotiva

Em 24 de Dezembro de 1809, Trevithick e Vivian, ambos engenheiros, mostraram ao público a primeira locomotiva digna d'este nome.

Se José Cugnot foi o verdadeiro criador da carruagem automóvel, foi Trevithick quem, de facto, criou a locomotiva, visto ter sido ele e o seu companheiro Vivian os que primeiro tiveram a ideia genial de colocar uma carruagem sobre carris.

A experiência realizou-se na estrada de Camboral a

Tchidy. A máquina podia arrastar 10 toneladas e 70 viajantes a uma velocidade de 8 quilómetros por hora.

Ao fim de algumas milhas o carro da máquina partiu-se, mas a despeito d'este acidente imprevisto o novo veículo ainda pôde percorrer quase vinte quilómetros.

Um túnel submarino

No ano de 1900 foi aberto ao trânsito público, em Londres, um novo túnel para peões, o qual passa sob o rio Tamisa.

A sua construção durou mais de três anos e importou em perto de 3 milhões de libras.

Tem de extensão 370 metros e 3^m,35 de diâmetro. Entre o teto do túnel e a parte mais baixa do leito do rio medeiam 18^m,30.

O acesso ao túnel em referência realiza-se por um poço circular de 10 metros de diâmetro, onde há escadas e elevadores.

Propaganda turística

O costume, a que nós já estamos habituados, de ver nas carruagens de 1.^a e 2.^a classes das linhas portuguesas quadros fotográficos em que se revelam as belezas naturais do nosso País, assim como a reprodução de monumentos históricos e os lugares mais notáveis das regiões a percorrer, deriva do sistema de propaganda que primitivamente foi empregado em Inglaterra, para divulgação das suas belezas naturais.

Bibliotecas em combóios

Já há cerca de 40 anos que os caminhos de ferro dinamarqueses se propuseram estabelecer nas carruagens de 3.^a classe pequenas bibliotecas, para uso dos viajantes e postas à sua disposição gratuitamente.

A ideia agradável e benéfica não era, contudo, absolutamente nova, pois já na Suécia, em algumas linhas férreas, existiam bibliotecas, com variadíssimas obras, as quais sofreram continuas renovações e desinfectadas eram frequentemente.

Uma medida muito acertada

O plano de trabalhos que a Junta Autónoma de Estradas tem orçamentados para o corrente ano, inclui-se a verba de 3:500 contos destinada a obras referentes à supressão de diversas passagens de nível e, ainda mais, a 1:000 contos para a abertura de novos pequenos trócos de estrada, que serão abertos em substituição de curvas existentes.

"The Railway Gazette"

ESTA muito conceituada revista inglesa, da especialidade ferroviária, reproduz, a título de curiosidade, num dos seus números do mês de Abril findo, o desenho da assinatura com que o autor destas linhas encerra a secção de «Curiosidades e distrações».

Apraz-nos registrar o facto da grande revista «The Railway Gazette» nos haver honrado com a sua atenção.



PELO ESTRANGEIRO

A navegação fluvial na Alemanha e a actual guerra

A capacidade dos caminhos de ferro alemães e as exigências, a que a guerra os submete, são por demais conhecidas. Menos se tem ouvido falar, porém, da navegação fluvial que, todavia, sempre desempenhou um papel de destaque nos serviços de transportes do Reich e hoje ainda maior importância adquiriu, pelo emprêgo preferencial das estradas férreas nos transportes que se relacionem com a guerra. Antes da presente conflagração, já a navegação fluvial alemã participava com uma quota de 20% do volume total dos transportes nacionais e 25% da média quilométrica percorrida, visto os trajectos pelas vias aquáticas serem, em geral, mais longos do que os das estradas férreas. Entretanto, foram adoptadas determinadas medidas, no sentido de acelerar a velocidade dos combóios de transporte e aumentar a capacidade dos mesmos, utilizando de forma mais racional os batelões que os compõem. Além disto, ordenou-se a construção de vapores e barcos fluviais segundo normas especiais, rigorosamente determinadas.

Por todos êstes motivos e de conjunto com uma organização dos serviços em harmonia com as necessidades do actual momento, conseguiu-se já no ano passado uma intensificação do tráfego fluvial igual à máxima registada anteriormente à guerra.

Os esforços que, na navegação fluvial, se está envidando para o bom desempenho da missão que nesta época de guerra lhe cabe, representam, ao mesmo tempo, a forma mais produtiva dos preparativos a que cumpre proceder, com o fim de colocá-la à altura de satisfazer na medida precisa às tarefas do futuro. O maior impulso derivar-lhe-á naturalmente das novas vias de comunicação, projectadas para depois da guerra, bem como da modernização das existentes que, em parte, já demonstraram não bastar para o considerável aumento do tráfego, com que se conta nos futuros anos.

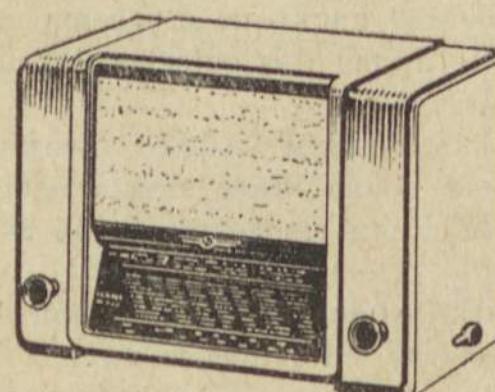
A organização dos serviços de comunicações nos territórios ocupados a leste

Em substituição da «Sucursal Leste» do ministério de comunicações do Reich, extinta em 1 de Dezembro do último ano, foi instituída, por decreto do respectivo ministro, a «Direcção Geral do Tráfego de Comunicações do Leste», que, a partir da acima mencionada data, assumiu a superintendência de todos os serviços que digam respeito ao tráfego geral de comunicações (caminhos de ferro, estradas e navegação fluvial) nos ditos territórios.

Entre outros encargos, terá a mesma Direcção de fiscalizar rigorosamente o emprêgo dos meios de transporte e respectivo pessoal, procedendo a uma distribuição de ambos em estricta conformidade com as necessidades da época presente.

J. N.

S C H A U B



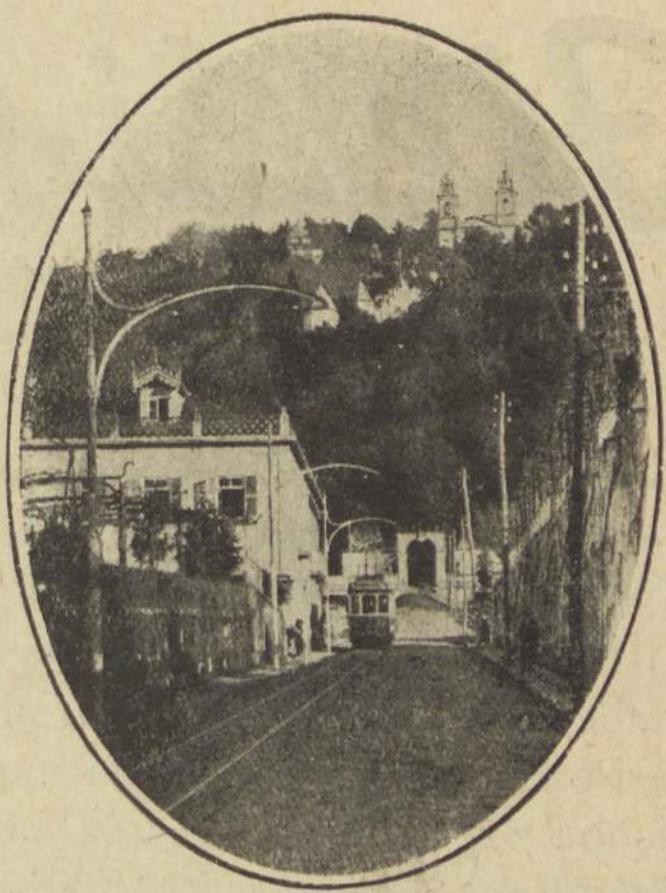
O APARELHO PARA OS AMADORES
DE BOA MÚSICA — PEÇA UMA DEMONSTRAÇÃO AO AGENTE MAIS
PRÓXIMO OU AOS

REPRESENTANTES GERAIS:

OLAVO CRUZ, L.^{DA}
AV. DA LIBERDADE, 11, 11-A
L I S B O A



B R A G A — Capela de Nossa Senhora da Conceição



B R A G A — O Sameiro



B R A G A — Vista geral

Heróis de África

Por iniciativa e bons esforços da Agência Geral das Colónias, foi prestada em 28 de Maio, na Praça do Império, uma justa e entusiástica homenagem aos heróis que em África souberam engrandecer a Pátria.

Pode-se dizer que toda a população de Lisboa se associou a essa homenagem. A *Gazeta dos Caminhos de Ferro* referiu-se, em um dos seus números anteriores, a essa homenagem e a ela de todo o coração se associou também. Hoje, nova homenagem desejamos prestar a êsses heróis, publicando os seus nomes nas nossas páginas:

Vice Almirantes — Alfredo Botelho de Sousa, António da Câmara Melo Cabral, D. Bernardo A. da Costa de Sousa Macedo, Guilherme Ivens Ferraz, João António de Azevedo Coutinho Fragoso de Siqueira, Luís António de Magalhães Correia, Luís Constantino Lima;

Contra Almirantes — Afonso Júlio de Cerqueira, Alberto Carlos Aprá, Alfredo Pereira Caçador, Alvaro de Almeida Marta, António Pedro de Andrade Rodrigues, Fernando Augusto Pereira da Silva, Joaquim de Almeida Henriques, Manuel Carlos Quintão Meireles, Marcelino Carlos;

Capitães de Mar e Guerra — Adolfo Trindade, Alberto Carlos dos Santos, Armando Perestrelo Botelho, Augusto Carlos Saldanha, Fernando Amor Monteiro de Barros, Fernando de Oliveira Pinto, Fernando Fábio Teixeira Diniz, Filipe Trajano Vieira da Rocha, Jerónimo Weinholtz Bivar, José Eduardo de Carvalho Crato, José Luís Teixeira Marinho, Silvério Ribeiro Rocha e Cunha;

Capitães de Fragata — Emílio António dos Santos Gil, Fortunato Pires Rocha, Jaime dos Santos Pato, Jaime Júlio de Sousa, José Vicente Caldeira do Casal Ribeiro, Júlio Celestino Montalvão e Silva, Júlio Lopes Valente da Cruz, Luís Bernardo da Silveira Estréla, Raúl Correia Bettencourt Furtado;

Capitães Tenentes — Artur Ernesto da Silva Pimenta de Miranda, Elísio Leitão Vieira dos Santos, Luís Augusto de Matos Ferreira de Castro;

1.ºs Tenentes — Fernando de Magalhães e Meneses (Conde de Vilas-Boas), Manuel Maria José Ferrão Castelo Branco (Conde da Ponte), Vítor Leite de Sepulveda;

Capitães de Mar e Guerra médicos — António Alves de Oliveira, António de Antas Manso Preto Mendes Cruz, Manuel Máximo Pratas, Francisco Augusto de Lacerda Forjaz;

Capitão de Mar e Guerra maquinista naval — João Carlos Costa;

Capitão Tenente maquinista condutor — Bruno Caetano da Costa;

Capitão Tenente S. N. — José Correia Júnior;

1.º Tenente da R. N. Quadro Único — António Augusto de Almeida;

1.º Tenente A. de M. — Firmino Baptista Oliveira;

1.º Tenente R. A. — Q. U. — Francisco de Araújo;

2.º Tenente Q. A. — Augusto Pereira da Silva;

2.º Tenente — José Fontes;

2.º Tenente R. A. Q. U. — Joaquim José Vicente;

Sub-Tenente — S. N. — Joaquim Nunes;

2.º Marinheiro — José Augusto da Luz;

1.º Dispenseiro ref.º — António Alves;

Dispenseiro — Francisco João Dias;

Corneteiro — José Moraes da Silva;

Marinheiro — Aníbal Paulo Correia;

Generais — António Maria de Freitas Soares, Eduardo Augusto Marques, Ernesto Maria Vieira da Rocha, João de Almeida, João Júlio dos Reis e Silva, João Luís Carrilho, José Esteves da Conceição Macksonhas;

Brigadeiro — Henrique de Melo;

Coroneis de Estado Maior — Eduardo Augusto de Azambuja Martins, Henrique Sátiro Lopes Pires Monteiro;

Coroneis de Infantaria — António Eduardo Romeiras de Macedo, António Joaquim de Almeida Valente, Bento Esteves Roma, Domingos Barreira da Silva Patacho, Gonçalo Pereira Pimenta de Castro, José Augusto de Melo Vieira, Luís Cândido da Silva Patacho, Luís Torcato de Freitas Garcia;

Tenentes Coroneis de Infantaria — Albano de Melo Pinto Velozo, Carlos António Leitão Bandeira, Francisco Marcelino Afonso, Francisco Pedro Curado, Henrique Alberto de Sousa Guerra, João Henrique de Melo, José Augusto da Cunha, José Afonso Pereira;

Major de Infantaria — Alfredo Augusto Xavier Perestrelo da Conceição;

Capitães de Infantaria — Aníbal de Barros, António Gonçalves Cabrita, Augusto da Silva Fernandes, Constantino Simões Neto, Custódio António Marques, Joaquim Inácio de Jesus Caeiro, José Antunes, José Augusto Moreira Gomes Ribeiro, José de Albuquerque;

que, José Maria Pais de Sousa e Andrade, José de Sousa Júnior, Manuel Soares Fernandes Beirão;

Tenentes—Adelino Soares, António Milheiro, Joaquim Francisco da Silva Canhão, Manuel Francisco Relvas;

Alferes—José de Macedo;

Coroneis de Artilharia—António Baptista Coelho, Jaime Augusto Vieira da Rocha, José Correia de Mendonça, Manuel Maria Taveira Cardoso;

Tenente-Coronel—Walter Lima;

Coroneis de Cavalaria—Alfredo Augusto José de Albuquerque, Benjamim Luazes Monteiro Leite e Santos, João Namorado de Aguiar;

Tenentes Coroneis de Cav.^a—José Augusto da Conceição Alves Velez, Manuel Alberto de Figueiredo Carvalho, Flausino Correia Tôrres;

Capitão de Cav.^a e Aviador—João Falcão Ramalho Ortigão;

Coronel Médico—Alvaro Martins;

Coronel Q. A. A.—António Maria;

Tenentes-Coroneis Q. A. A.—Cipriano António Marçal, José Emídio Adauta de F. Mendonça;

Major Q. A. A.—José Bernardo de Almeida Temundo;

Tenente Q. A. A.—João da Conceição Pereira;

Sargentos Ajudantes—Alexandre Leite, Domingos Artur;

1.^{os} sargentos—Alberto Augusto de Araújo, Eduardo Martins, Joaquim Ramos, José Cândido Lopes Moreira;

2.^{os} sargentos—David de Oliveira, João da Silva Diniz, José da Silva, José Joaquim Barroco, Francisco Hortelão;

1.^{os} cabos—Francisco Manuel Pinto, José das Neves da Silva Carneiro, Luiz Joaquim da Fonseca, Manuel Monteiro;

2.^º cabo—António Lopes;

Soldados—Ismael da Estrêla, Joaquim Maria Ca-chopela, José António;

EXÉRCITO COLONIAL:

Coroneis—Albano Augusto Pais Brandão, António Nunes, Edmundo Frederico Luiz Jansen Alves, Emílio Augusto Teixeira de Lemos, Fernando Augusto da Silva Guardado, João Francisco Pereira, Mariano José Cabrita;

Tenentes Coroneis—Joaquim da Paz Henriques, Joaquim Duarte Silva;

Majores—Joaquim da Encarnação e Sousa, José Félix, Neutel Martins Simões de Abreu;

Capitães—Abílio Augusto Pereira Pinto, David Ferreira, Egídio Augusto Piedade Izidro, José António Lamelas, Manuel de Oliveira Leite;

Tenentes—Carlos Augusto de Noronha e Montanha, José Maria de Amorim Júnior;

1.^º sargento—César Augusto de Oliveira;

Antigos Oficiais do Exército—Henrique de Paiva Couceiro, Armando Augusto Pires Falcão, Jaime Augusto da Graça Falcão, Júlio da Costa Pinto;

Civis—Carlos Humberto da Graça, Gustavo de Bivar Pinto Lopes, José de Magalhães e Meneses (Barão de Vilalva), Manuel Henrique Cruz;

Antigos Cabos—Antero Vaz de Araújo, Francisco José Camelo.



Há 50 anos

(Da *Gazeta dos Caminhos de Ferro*, 1 de Julho de 1893)

As tarifas no Parlamento

Nas sessões de 19 e 23 do corrente a nossa camara dos pares occupou-se, por incidente, de tarifas de caminho de ferro, combatendo, no primeiro dia, o sr. conde de Thomar a existencia de uma tarifa para os azeites hespanhóes.

Segundo o extracto official, o sr. conde começou por dizer que «sendo voz publica que o governo anda em negociações com a companhia dos caminhos de ferro do norte e leste para celebrar um novo acordo, pede que nesse acordo se procurem salvaguardar quanto seja possível os interesses da agricultura nacional, visto que até aqui se tem favorecido de uma maneira extraordinaria os productos de agricultura hespanhola.»

Em primeiro logar é uma perfeita desorientação misturar os negócios mais importantes da situação financeira de uma companhia com o pequeno detalhe da sua exploração, tal como a modificação de uma tarifa especial.

Depois, entrando em exposição de algarismos, o digno par foi ainda mais infeliz, provando o estudo mais que superficial que foi do assumpto, comparando duas tarifas entre si, sem lhes analysar os resultados, os fins e o sistema em que se fundam.

Queixa-se de que existe uma tarifa de typo mais elevado para 265 k (e não 272 como disse) do que para 1:040, e de que o azeite de Elvas a Lisboa pague 20 réis o kilogramma, enquanto que o hespanhol, percorrendo tres vezes aquella distancia, paga 8 réis! (Não são 8, mas 9 réis).

O ponto de exclamação é nosso. Desde que o digno par confunde por tal forma as coisas que apresenta como preço do kilogramma o que é apenas a base por tonelada e

kilometro, não precisamos mais para nos convencermos da falta de estudo do assumpto sobre que s. ex.^a fallava.

Quem pelos algarismos de s. ex.^a se regulasse encontraria o preço 1:000 kilos d'azeite d'Elvas a Lisboa é 20\$000 réis, quando elle paga apenas 5\$300; e de um ponto de Hespanha que s. ex.^a não citou mas que poderemos fixar em Alicante, por exemplo, acharia réis 8\$000, quando é 9\$340 réis.

Resumindo, o vinho de Elvas a Lisboa paga 2\$880 réis por 1:000 kilos, enquanto que de Alicante, de onde aliás não vem nenhum, paga 9\$340 réis.

O azeite d'Elvas paga 5\$300 réis, enquanto que de Vilches a Huelva paga 9\$435 réis, mais as diferenças de cambio, ou seja hoje uns 9\$800 réis.

Onde está a anomalia?

Nos typos kilometricos, mais baixos para as maiores distancias?

Mas não sabe o digno par que *em toda a parte* existe este principio como base de applicação da mesma tarifa, muito mais em duas tarifas diferentes, cujos fins são bem diversos entre si.

Na sessão de 23 o sr. conde de Magalhães respondeu proficientemente ao seu collega, fallando depois os srs. Thomaz Ribeiro, Vaz Preto e de novo o sr. conde de Thomar, ainda contra as tarifas.

Um d'estes oradores queixou-se de que um cão pague de Lisboa a Algés mais do que um passageiro, sem ver que para estes ha uma tarifa especial baratissima, tendente a promover o desenvolvimento do seu movimento entre Lisboa e as estações d'aquella linha, enquanto que, para os cães, se applica a tarifa geral. Julgará s. ex.^a que se a companhia adoptasse uma tarifa especial para cães o transporte d'estes animaes para as estações balneares attingiria grande importancia?

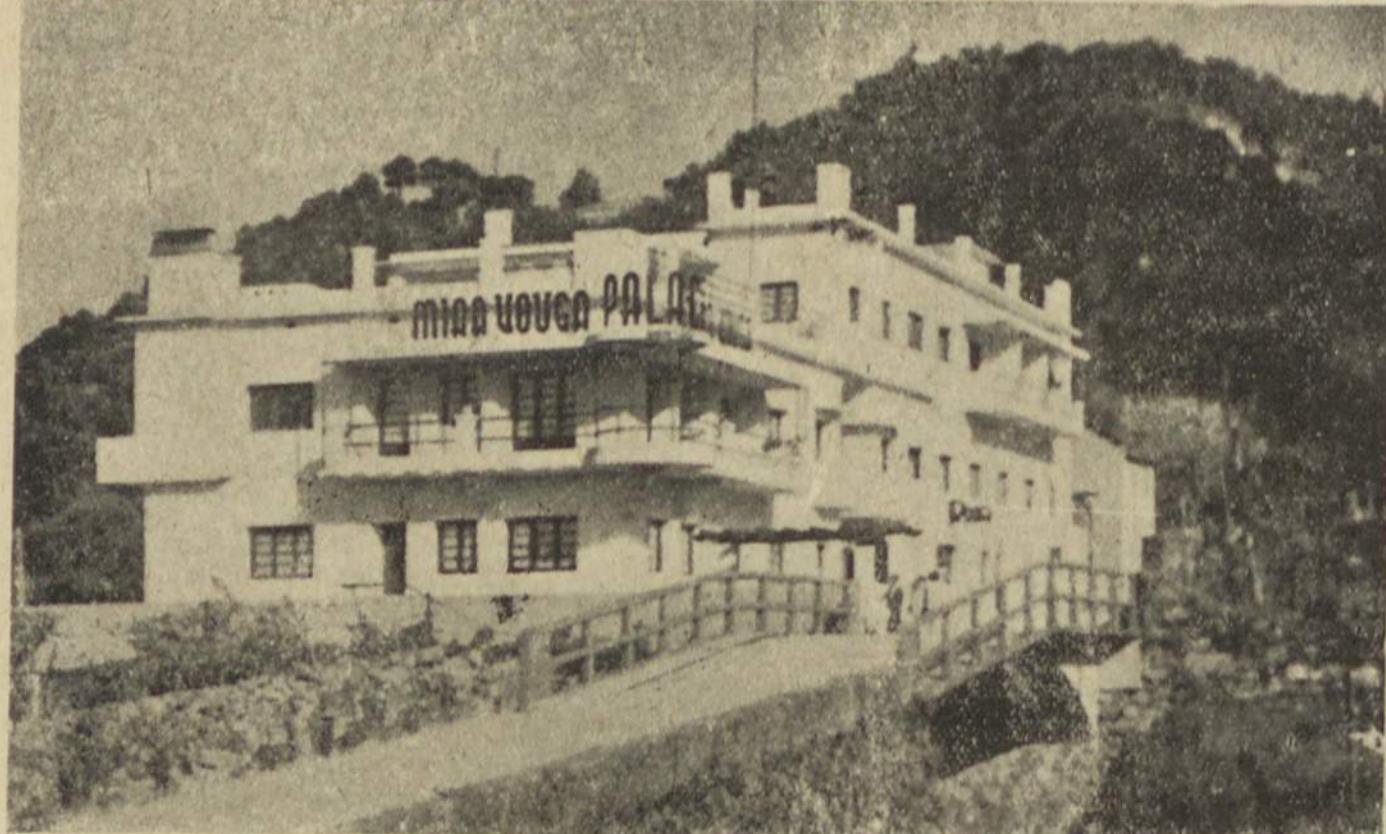
Podia s. ex.^a ir mais longe: entre Lisboa e Oeiras ha uma tarifa de bilhetes de assignatura pela qual um passageiro de 3.^a classe paga por anno 36\$000 réis ou seja 58 réis por dia, podendo fazer as viagens que quizer.

Ora se pensarmos que um cão paga 330 por uma só viagem, é caso para se pedir uma tarifa de bilhetes de assignatura para... cães!

Que nos desculpe s. ex.^a se descambámos no tom facetoso; tambem s. ex.^a, cremos, apenas apresentou aquelles argumentos para fazer rir a camara.

Palácio Pensão Mira Vouga

Telefone n.º 10 ★ CONFORTO DE GRANDE HOTEL ★ VOUZELA



Instalada em edificio moderno com grandes terraços e panorama deslumbrante. Frondoso parque privativo. A três quilómetros das Termas de S. Pedro do Sul e com transporte automóvel para quem deseje fazer uso das águas. Quartos confortáveis com água encanada. Garagem. Quinta. GRANDE SALÃO DE FESTAS

Única no género em Portugal
VERDADEIRA ESTANCIA DE REPOUSO

Appartements com quarto, escritório e casa de banho privativa

ABERTA TODO O ANO

Para a história das descobertas

Pelo Coronel de Eng.^a CARLOS ROMA MACHADO

Presidente da secção de Geografia Física e Política da S. G. L.

Resumidos apontamentos de algumas das defesas pelos guerreiros e navegadores portugueses no fim da dinastia de Aviz, durante o domínio espanhol, e posteriormente no nosso antigo Império Indo-Africano

I PARTE

A defesa e vitória de Cochim no Passo de Cambalão por Duarte Pacheco Pereira, navegador, guerreiro e cosmografo, autor do livro "Esmeraldo de situ Orbis" de 1503 a 1505.

Duarte Pacheco Pereira, vence os índios no Passo do Cambalão.

D. Manuel I mandou-o descobrir a costa do Brasil (Cap. I do Livro «Fsmeraldo de situ Orbis», adaptado à linguagem moderna por Luciano Pereira da Silva) e as terras de onde vinha o pau Brasil, que os navios portugueses carregavam (Págs. 23 e 127).

Em 1500 segue na armada de Pedro Álvares Cabral e regressa. Em 1503, segue com Afonso de Albuquerque na armada para a Índia. Foi herói na tomada da Nau Elefante e em Calicut, e na tomada da Nau de Cochim, no tempo de P. A. Cabral contra os mouros. Cabral seguia pilotado por Duarte Pacheco, que levou a armada às ilhas de Cabo Verde, e de lá à terra da Vera Cruz ou Brasil — muito conveniente e necessária para a navegação da Índia — (Esmeraldo, pág. 17).

Em de Janeiro de 1504, com a Nau Conceição, duas caravelas e 2 batéis, ficou em Cochim depois da saída de D. Francisco de Almeida. Admiravam-se os que voltavam, de ficar com tão pequena armada.

Quando veio o Samorim atacar pelo Passo de Cambalão, este estava guardado por uma caravela e 2 batéis; a nau ficara de guarda à cidade.

Acompanhavam o Samorim os reis de Taver, Bijur, Catagão e Curiva. O Samorim vinha por terra com 47:000 homens persas e mouros. Caspar Correia, nas »Lendas da Índia» descreve bem a batalha. A armada de Calicut era de 160 navios, sendo entre êles 76 paraus, cada um com 2 bombardas, 15 espingardeiros, 20 frexeiros; 20 paraus avançaram serrados e presos por cadeias para

aferrarem as caravelas portuguesas. Ao fim da tarde os portugueses ficaram vencedores, apenas com alguns feridos. O combate continuou encarniçado no dia seguinte. A luta tinha começado estando no Passo apenas uma caravela e dois batéis. O Samorim derrotado, resolveu entrar pelo outro vau. Duarte Pacheco, mandou as caravelas e os batéis guardar o Passo de Palutre. Ao romper da manhã, a frota inimiga aparece com 250 velas. Avançava com 40 paraus encadeados à frente. Com o disparar da artilharia, as bombardas e flechas, setas e lanças, o fumo nada deixava ver. Ficou a vitória aos portugueses. Abandonado pelo inimigo o Passo de Palutre, Pacheco com as baterias dirigiu-se para o vau em que avançavam os 12.000 homens de Naulicadaram, pois era na baixa mar, e a seco. Os inimigos acabaram por retirar com a subida da maré tinta de sangue. O Rei de Calicut foi derrotado sem desbaratar as caravelas portuguesas. *Não morreu nenhum português.*

Passados dias, o Samorim em pessoa acometeu o Passo, ficando outra vez vencido. É verdadeiramente notável a forma como Pacheco armou e defendeu os seus navios contra as novas máquinas de guerra inventadas pelos mouros, que se elevavam à altura das gáveas das caravelas. Eram 8 castelos construídos cada um sobre dois paraus que avançaram. A frota inimiga trazia à frente balsas de lenha e alcatrão com estôpa acesa, *foram vencidos sem incendiar os navios portugueses.* No dia seguinte o Rei de Calicut tentou ainda atacar, mas retirou vencido e com muitos mortos. O Rei de Cochim, reconhecido a Pacheco e não aceitando êle nem dinheiro, nem jóias, deu-lhe um brazão especial, alusivo ao grande feito.

Pacheco veio para Portugal na armada de João Soares de Albergaria, que regressava a Lisboa, onde chegou a 22 de Julho de 1505. Foi recebido com pálio e Te-Deum por D. Manuel I. — (Castanheda).

Diu. O seu forte e a sua defesa heróica de 1509 a 1546.

Primeiro D. Lourenço de Almeida, filho ou sobrinho do Vice-Rei, lançou-se sobre o inimigo, Mir Hocem, alcançando morte lendária.

Para vingar o filho, D. Francisco de Almeida lança-se sózinho contra as armados de Cambaia, Calicut e do Sultão do Egito. Surgem os navios de Nuno Vasques Pereira e Jorge de Melo. Dispara-se também sobre os inimigos a artilharia de Diu. O navio português da vanguarda agarra o de Emir Hocem em abordagem e mete-o a pique. Um navio de Hocem, buscou os portugueses sobre os outros navios que vêm. Um terceiro navio os acome; Vasques Pereira, morre de uma flecha na garganta. Surge o navio de Francisco de Távora, apresa o de Hocem pelo costado corpo a corpo e matam a mourama. Os outros mouros saltam da borda diante dos portugueses que vencem a batalha. Do lado de Diu, Melique Jaz coopera com as forças de D. Francisco e acabam por vencer. Fogem os mouros de Calicut; os outros rendem-se e mandam para um local que chamavam Sagres os seus homens até a batalha acabar.—*Paiva Couceiro, O soldado prático.*

Diu foi depois cercada duas vezes. Da primeira, dirigido o cerco por Solimão Pachá, do Cairo, por ordem de Solimão II, o Magnífico, sultão de Constantinopla. Saíu a expedição turca de Suez, em Julho de 1538, com 62 navios e 6.500 homens. Entretanto aparece a gente de Cambaia, sob o comando de Elu-cam e do renegado Coge Cofar; o primeiro veio com 5.000 homens a cavalo e 10.000 a pé; o segundo com 1.000 homens a cavalo e 3.000 a pé. Os defensores portugueses eram António da Silveira, comandante de Diu, Gaspar de Sousa, capitão do Baluarte e Isabel da Veiga, uma heróica mulher. Chegaram a 22 de Outubro de Goa 4 catures de socorro com 32 homens apenas. Distinguem-se Ro-

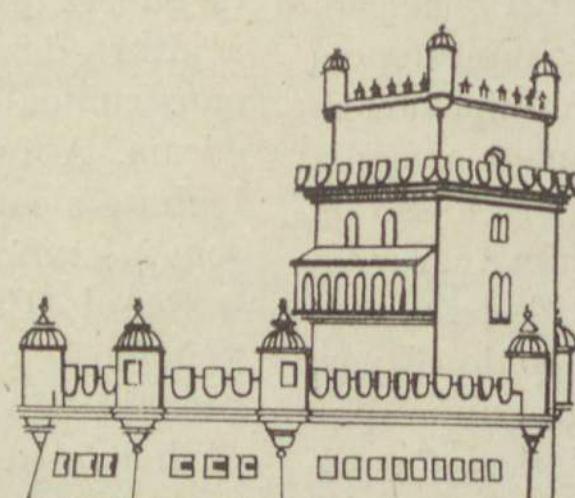
drigo Proença e Fernão Penteado. Os turcos dão três investidas e à terceira fugiram. No fim só havia 40 portugueses capazes de pelejar. Lopo de Sousa fez a descrição do feito.

O segundo cerco de Diu — Foi feito pelo sultão de Cambaia Ramecão e pelo mesmo Coje-Cofar. 1545-1546.

Capitão português D. João de Mascarenhas. Defensores 500 homens, e só em Maio vem o reforço de D. Fernando, filho de D. João de Castro, com 450 homens. Coje-Cofar com 35.000 batalhadores levanta baluartes e torreões e debaixo das torres faz grandes trabalhos de sapa. Leonardo Nunes descreve o combate. A 19 de Junho é o primeiro assalto repelido. De noite, os turcos do lado da rocha portam-se com coragem, mas os nossos conseguem matar todos. No dia seguinte, 3.º assalto, repelido e o 4.º também. O baluarte de S. João é comandado por D. Fernando, filho de D. João de Castro, com 50 homens de guerra. Os turcos abriram uma entrada. A defendê-la havia 3 ou 4 homens, que escaparam a uma explosão. Acude D. João de Mascarenhas, quando os dos navios atacam a torre de S. Filipe. D. João de Castro vence o cerco de Diu com 80 navios e gente de guerra que desembarcou, em 1546.

Um forte bombardeio novo abre brecha em 24 horas na frente do lado dos adversários. Na vanguarda, D. João de Mascarenhas com os válidos segue com D. João de Castro e à retaguarda os menos válidos que ficam em defesa da praça. Os navios ajudam em ordens combinadas entre Lourenço Pires de Távora, Frei António do Casal e o alferes da bandeira Duarte de Barbudo e sua gente. Venceram a batalha: a Cidade, a Bandeira Real, e muita artilharia. Morreu Ramecão. Camões e Corte Real contaram a história em verso.

Resumo tirado do livro *Índice Oronológico das viagens e dos portugueses*, obra do autor





UMA SEVILHANA

A FEIRA EM SEVILHA e uma iniciativa do "Sector 1" em benefício dos portugueses

A Feira de Sevilha coincidiu êste ano com as tradicionais procissões da Semana Santa. Foram bastantes os portugueses que até ali se fizeram deslocar, a-pesar de haver falta de carros particulares.

O «Sector 1» levou à capital da Andaluzia um auto-car com 52 pessoas, além de outro numeroso grupo que em caminho de ferro se deslocou também, embora mais morosamente.

Foi uma excursão simpática e feita por preço muito convidativo, como é costume acontecer com o Grupo Taumáquico «Sector 1», que faz a sua propaganda com inteligência.

Recortamos da Revista *Viagem* algumas notas que não podemos deixar de transcrever:

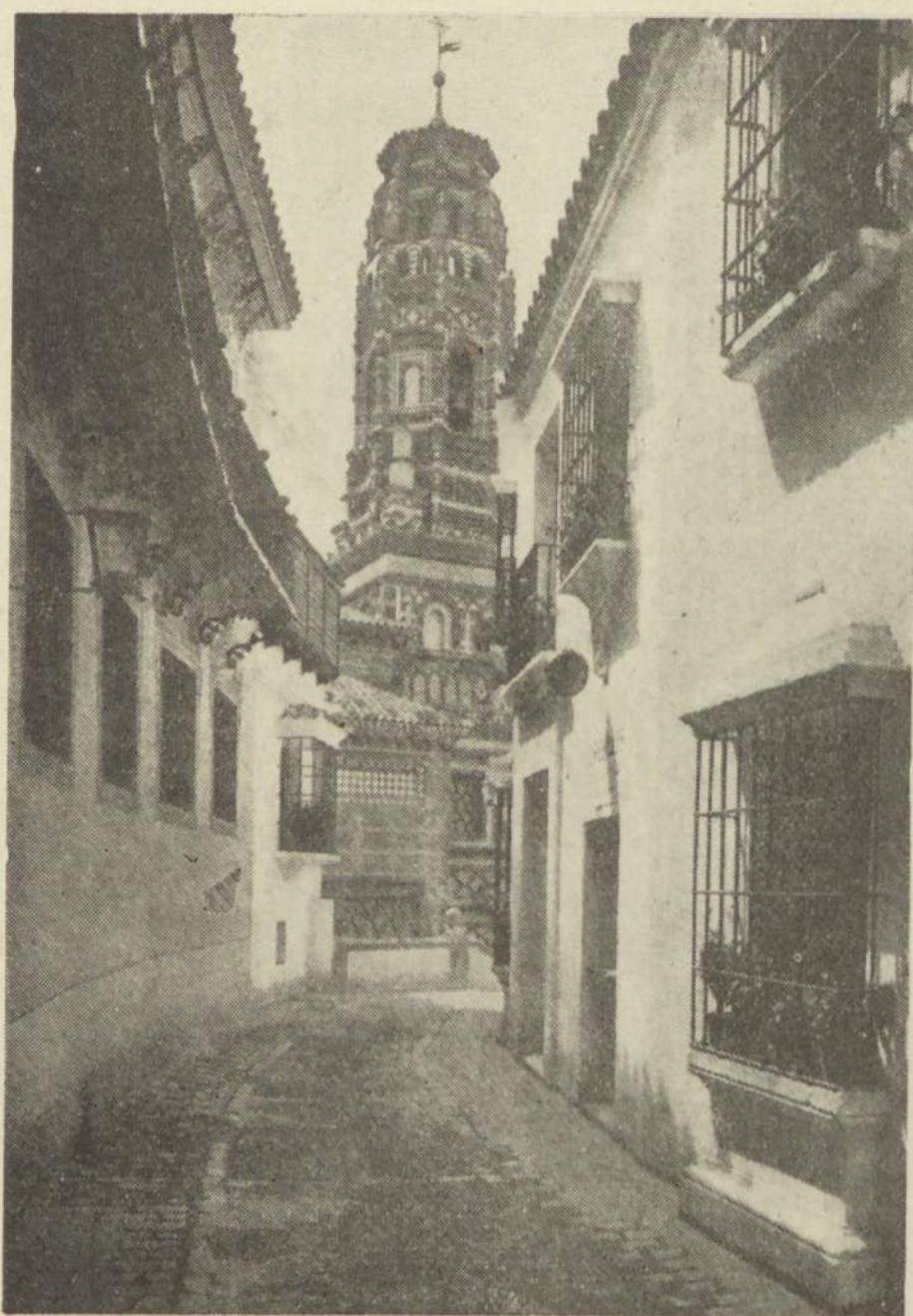
«A chegada a Sevilha faz-se à noite e não há pensões, hotéis ou casas particulares... mas... com umas pesetas em papel, porque a prata e o níquel desapareceram, tudo se

consegue. A vida é cara, porque os hotéis e pensões conseguem só alugar quartos com pensão, tendo início no Domingo de Ramos e final no último dia de Feira. É, de facto, uma violência, mas há que notar que todos têm o seu S. Martinho.

A tradicional Semana Santa calhou êste ano com chuva bastante, o que prejudicou em parte a saída das procissões.

Um dos factos mais notáveis é, sem dúvida, a Feira de Sevilha, que nos dá uma das notas mais curiosas e típicas da linda região. Os fidalgos apresentam as suas melhores parelhas, os seus melhores cavalos e, quanto a modelos de carruagens, puxadas a três e quatro parelhas, é difícil encontrar iguais, tais são a quantidade e a diversidade.

E, em duas largas ruas, onde constantemente se vê cavalgar, estão situados de ambos os lados numerosas barracas de lona que o Ayuntamiento mandou levantar, sendo uma grande parte destas destinadas a famílias que as recheiam com mobílias e objectos valiosos, cadeiras e um piano (orga-



SEVILHA — LA CALLE DEL PUEBLO ESPAÑOL

nillo) e, assim, estas famílias se instalaram para ali receberem as suas visitas, oferecendo bebidas, mariscos, bolos, etc.

Pois o «Sector 1» teve também ali a sua «Caceta», instalando uma extensa coleção de Revistas portuguesas e todos os jornais diários de Lisboa, Pôrto e Coimbra. Com uma simples decoração interior e com um painel de D. Saraiva, sobre um motivo ribatejano, foram ali recebidas inúmeras visitas, das quais destacamos os srs. dr. Pedro Teotónio Pereira, António Cañero, António de Cértima, Eduardo Pagés, José Maria de Cossío, Maryse Morand, E. Quiroge, João Carlos, Conde de Proença-a-Velha, J. Monge e Bernal, Arturo Damas, Marquez de Aracena, Eng.º Diogo da Fonseca Pasanha, Eng.º António Braamcamp Sobral, Capitão Maia Loureiro, dr. Francisco Martins, D. Elisa Pedrosa, dr. Celestino Sarobe, jornalista Murga de La Vega, do «Correio de Andaluzia», Pablo Schlueter y Wrede, D. Maria do Carmo de Nonhona (Paratty), dr. Emílio Infante, José Wanzeller Palha, D. Maria Teresa Assis Palha, José André dos Santos, Vítor Guedes, Manuel Mejias Bienvenida, Angelo Luiz Bienvenida etc., etc.

Ali registou o Grupo Tauromáquico «Sector 1» a visita de um milhar de pessoas, sendo a maioria portugueses, e no seu Livro de Honra escreveu o consul de Portugal, sr. António de Cértima, palavras de carinho para com a sua direcção. Também os srs. Marqueses de Aracena, Conde de Proença-a-Nova e o sr. José André dos Santos, da Tertúlia Tauromáquica, escreveram no mesmo livro palavras cheias de sinceridade e de incitamento à idéia da «Caceta», destacando-se este último pelos elogios criteriosos que fez ao «Sector 1».

Durante os cinco dias de feira, foram ali recebidos vários ranchos de meninas solteiras que exibiram os seus graciosos bailados flamengos, ao som de piano e de castanholas, acompanhadas pelas demais senhoras e cavalheiros que assistiram aos bailados.

No Domingo, 2 de Maio, houve na «Caceta» um almôço de homenagem a Enrique Vila e aos jornalistas sevilhanos, refeição a que assistiram Figueiredo de Almeida, Manuel Murga, de La Vega, José Mayer, Colarinha, Rogério Pérez, Camacho Ribeiro, Fernando de Oliveira, Libânia Biscaia, Adriano Castilho, Silva Araújo, José André dos Santos, Carlos d'Ornellas, vários jornalistas espanhóis e muitas senhoras. Numa homenagem simples, foi Enrique Vila nomeado sócio de honra do «Sector 1», e nesta interessante festa foi também confirmada a nomeação de sócio honorário ao jornalista e crítico tauromáquico Rogério Pérez.

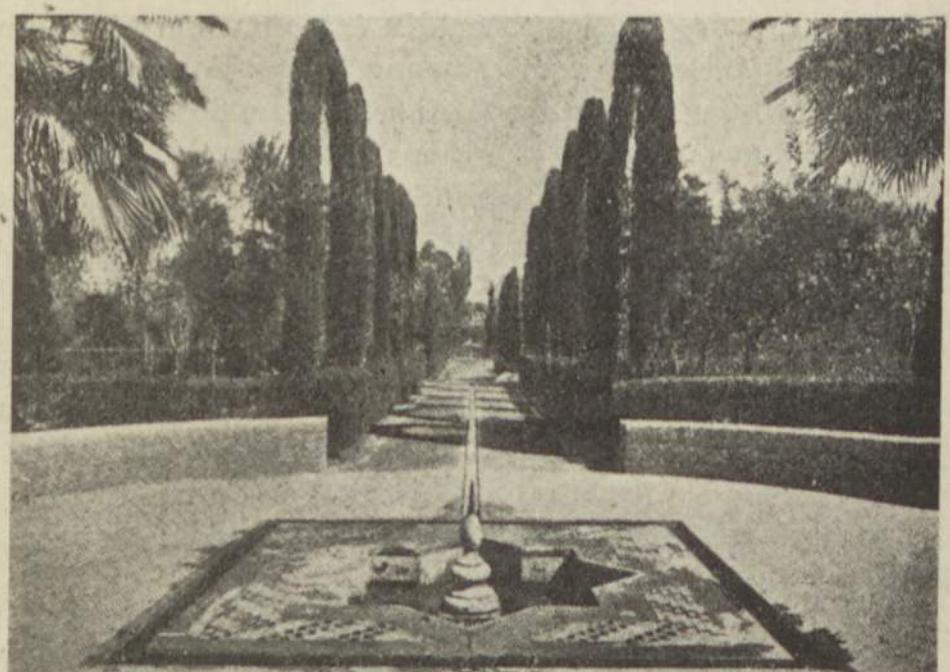
À noite, a feira apresentava um aspecto encantador com os seus milhares de lâmpadas cobertas com balões com as cores da bandeira real espanhola.

No dia 6, às 11 horas da manhã, reuniram-se os sócios do «Sector 1» com suas famílias e amigos, na Praça de S. Fernando, e foram em romagem ao Cemitério de S. Fernando, prestando homenagem ao túmulo de Joselito e Sanchez Mejias, cobrindo de flores esse precioso monumento ao grande toureiro. Também uma delegação do Grupo, acompanhada pela Direcção, depôs flores no túmulo provisório de Bienvenida.

No terceiro dia de feira o «Sector 1» ofereceu às autoridades portuguesas e espanholas um vinho do Pôrto. Estavam presentes personalidades espanholas de destaque, presidindo à festa o consul de Portugal sr. António de Cértima, escritor elegante e uma das figuras portuguesas em evidência na Andaluzia. O presidente do «Sector 1», conforme manda o protocolo, limitou-se a saudar Portugal e Espanha, brindando, na pessoa do sr. consul, todos os portugueses amigos da sua Pátria e os espanhóis amantes da sua terra e do seu chefe. António de Cértima teve palavras de encantamento para a primeira organização que em Sevilha consegue uma «Caceta» para os portugueses, louvando uma iniciativa desta ordem. Disse o orador: — «é uma glória para aqueles que sabem amar e respeitar as iniciativas dos portugueses bem intencionados».

Nas touradas tivemos momentos emocionantes. Numa delas assistimos às homenagens que o povo dispensou ao Generalíssimo Franco, e nas outras ao General Queipo de Llano, para quem Franco pediu a medalha de ouro da cidade de Sevilha pelos méritos particulares conquistados na guerra civil. Este gesto do Caudilho foi registado com entusiasmo frenético em Sevilha, onde o General Queipo de Llano gosa de grande popularidade. Franco abraçou o defensor da capital da Espanha árabe que, comovidamente, agradeceu as homenagens de que foi alvo.

Morenito de Talavera, Pepe Luiz Vasquez e Manuel Alvarez Andaluz, trabalharam com elegância, alcançando Andaluz as honras da Feira de Sevilha de 1943. Infante da Cá-



SEVILHA — ASPECTO DO JARDIM DE ALCAZAR

mara, Pedro Domecq, Enriqueta de la Cove, Eduardo Miura e Clemente Tassara, antes Villamarta, apresentaram bons toiros.

* * *

Com a última corrida de toiros aproximou-se o fim da magestosa Feira de Sevilha. As chuvas causaram prejuizos aos feirantes, mas o Alcaide prolongou-a por mais um dia.

No dia 3, antes dos preparativos para o regresso, voltámos a ver os monumentos artísticos e os aspectos típicos dessa soberba cidade conquistada e resgatada pelo rei D. Fernando, o Santo, memória que se respeita permanentemente desde a casa mais modesta até aos solares aristocráticos e nobres de Sevilha, estendendo-se a tôda a Andaluzia.

Já nesta altura surgiram as grandes dificuldades de transportes para quem desejava regressar ou visitar outras cidades de Espanha, como, por exemplo, Madrid.

Uma garantia tinham mais os excursionistas do «Sector 1», o belo autocar que o sr. Arturo Damas alugou ao Grupo Tauromáquico, e nele regressámos no dia 4 de manhã, chegando à fronteira, à tarde. Agora que chegámos ao lado de cá, porque não havemos de dizer que a nossa Alfândega e polícia estão instalados em pardieiros indecentes, sem comodidade ou conforto, numa terra fronteiriça, como é Vila Real de Santo António?

* * *

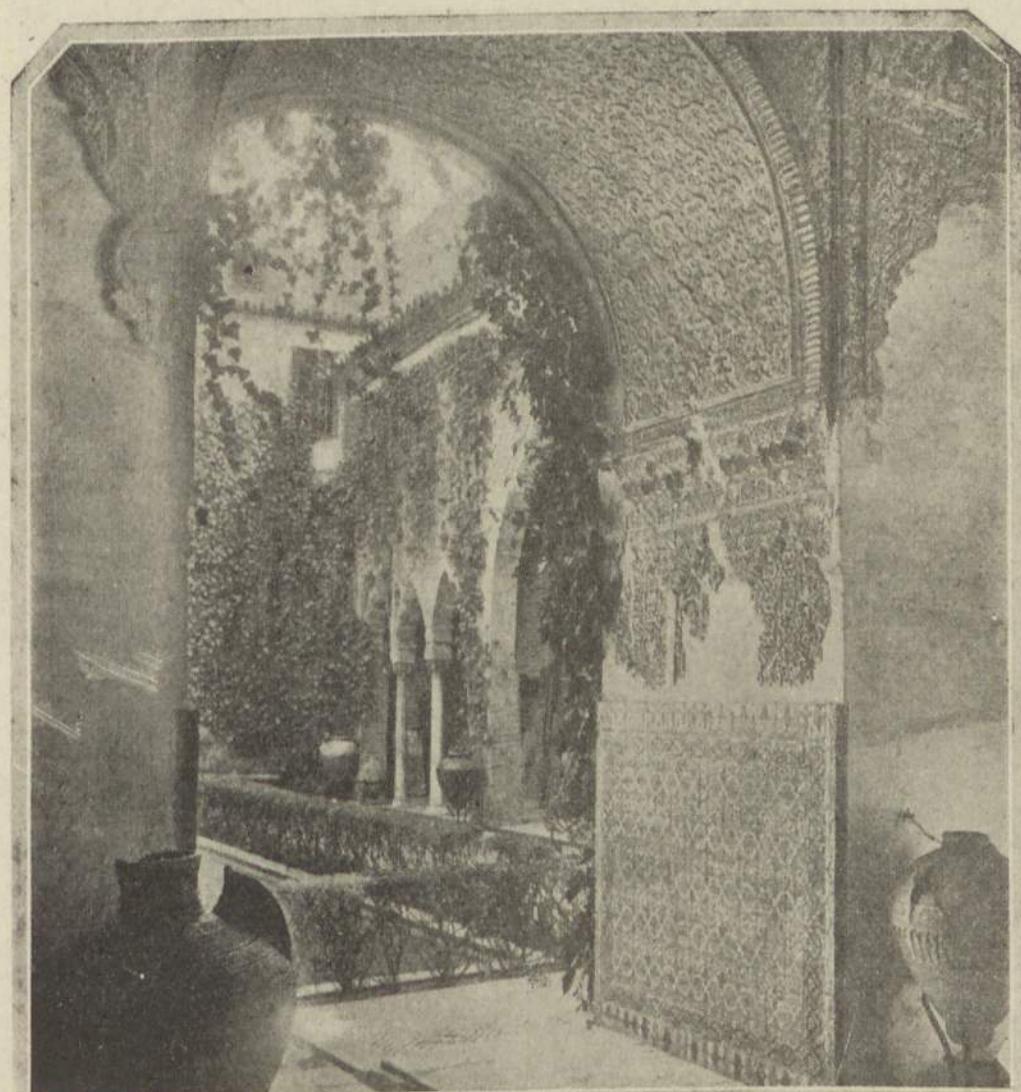
No dia 27 de Abril, a convite do Presidente e Vice-Presidente do Grupo Tauromáquico «Sector 1», realizou-se no Hotel Colon um almôço de homenagem ao jornalista sevilhano Enrique Vila e sua esposa, refeição a que assistiram os srs.: Carlos d'Ornellas e esposa, Alvaro F. de Almeida e filhas, José Mayer e família, Aníbal Camacho e esposa, José A. dos Santos, Silva Araújo, Colarinha e esposa, Adriano Castilho, etc.

* * *

Além das muitas gentilezas e deferências recebidas pelo «Sector 1», regista-se um almôço de homenagem à sua Direcção, por iniciativa dos srs. April de Gouveia, Manuel Gonçalves e Ribeiro da Silva.

* * *

Há que registar também a gentileza de Enrique Vila e sua esposa que, em sua casa, ofereceram um vinho de honra, ao qual assistiram jornalistas espanhóis e tôda a Direcção do «Sector 1», acompanhados de suas famílias.



SEVILHA — BAÑO DE LA SULTANA

A MODERNA

FÁBRICA DE SERRAÇÃO, CARPINTARIA E MARCENARIA

JOSÉ AUGUSTO DA SILVA QUINTAS

MÓVEIS DE TODOS OS ESTILOS — CARPINTARIAS, LIMPOS — MADEIRAS APARELHADAS E EM BRUTO

TELEFONE, 59—ESPINHO

A Vila de Espinho

A Vila de Espinho é uma das mais lindas estampas de Portugal. Resvés o mar, tu cá tu lá com as ondas, numa conversa pegada, tudo nela é encanto, tudo nela é exaltação e louvor da vida. O viajante, que do Sul se encaminha para o Pôrto, ou do Norte vem com destino a Lisboa, ao debruçar-se da janela do comboio, nunca deixa de ficar surpreendido com a graciosidade dos seus edifícios e o traçado das suas ruas. E se, por acaso, não sabe em que terra o comboio fez paragem, pregunta logo, interessado, pelo nome da povoação risonha e encantadora. E para sempre lhe fica na memória a palavra Espinho, e, com a palavra, o desejo de ali ir um dia, o mais cedo possível, para desem-



ESPINHO — IGREJA MATRIZ

barcar e ficar, não só nesse dia, mas em vários dias, se não se deixar tentar—o que é mais certo—a ficar por uma quinzena, ou mesmo duas. Mas Espinho não tem, apenas, as suas ruas bem traçadas e as suas casas graciosas, em grande parte em estilo português, tem, principalmente, o mar maravilhoso, de beleza empolgante, que é o encanto supremo das crianças e a fascinação dos que amam o desporto da natação. Estância de férias e repouso, com todos os atractivos e distrações indispensáveis ao turismo, Espinho é também um centro de trabalho, dos mais activos e importantes do País. As suas indústrias são em grande número. Algumas delas muito concorrem para a riqueza do País.



ESTORIL — Vista panorâmica

PRAIAS DE PORTUGAL

O mar e o sol são os nossos melhores amigos

O ESTORIL, FIGUEIRA DA FOZ E A PÓVOA DE VARZIM

PORTUGAL nasceu e criou-se nos montes, perto do céu e das estrélas, mas depois, ao descer das alturas, aproximou-se do mar, que guardava nos seus mistérios o nosso destino de povo navegador e a nossa glória de construtores de uma nova civilização.

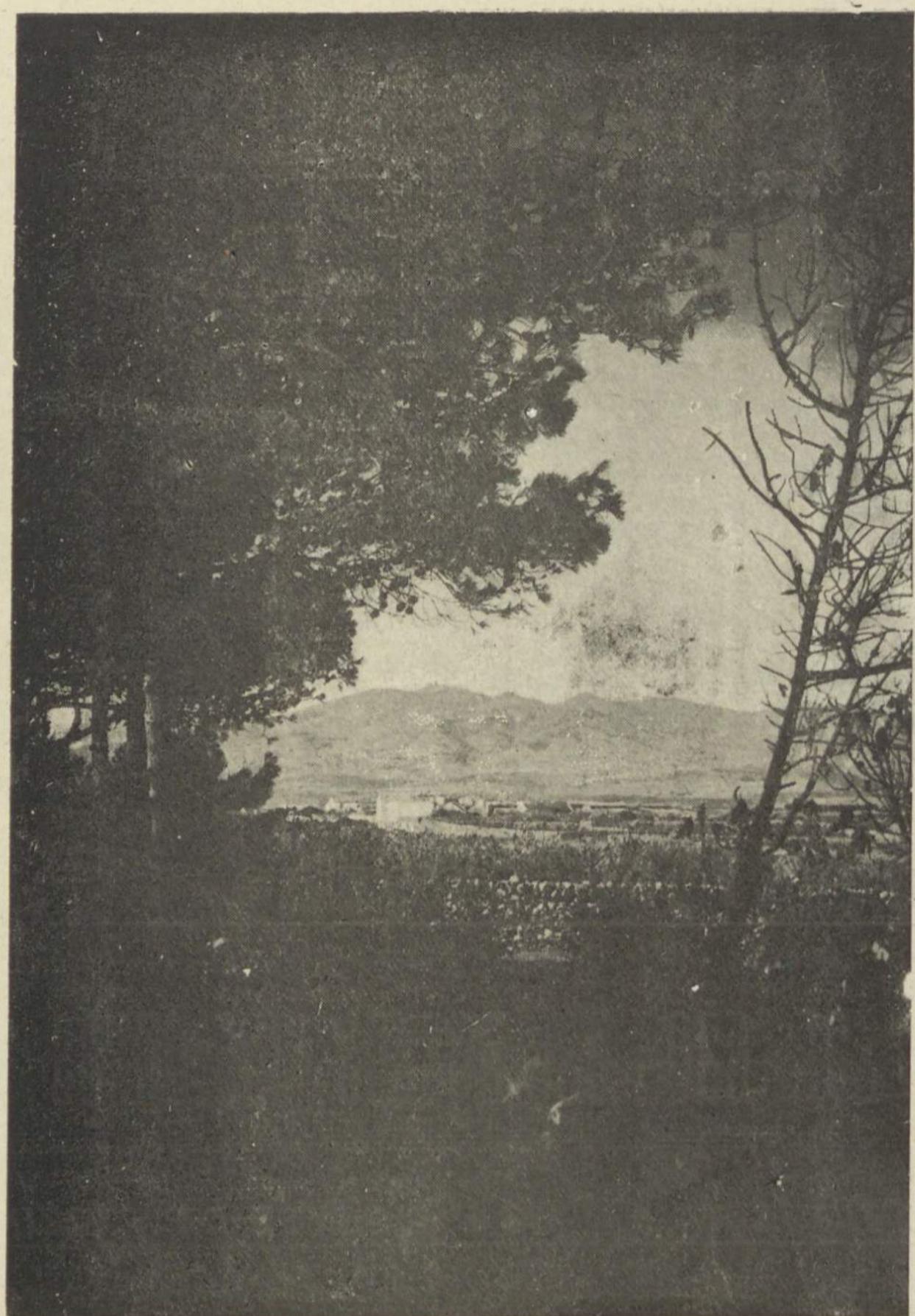
Povo marítimo, não podíamos deixar de amar o mar. E o mar de Portugal é excepcionalmente belo. E como as nossas praias não há outras por esse mundo fora.

Quando chega o verão e sentimos a necessidade de nos defendermos do calor e, sobretudo, de retemperármos as fôrças, para, em vindo de novo o outono, iniciarmos na cidade um novo período de trabalho activo, apetece-nos passar as férias numa das nossas praias. Qual delas? Estas são, felizmente, muitas, quer no sul, quer no norte, quer no centro do país. Elas são muitas e cada uma delas com a sua particularidade. Podíamos encher uma coluna com a enumeração de uma boa parte. Mas isso, em vez de resolver o problema da escolha, poderia complicá-la. Como o segredo da beleza da

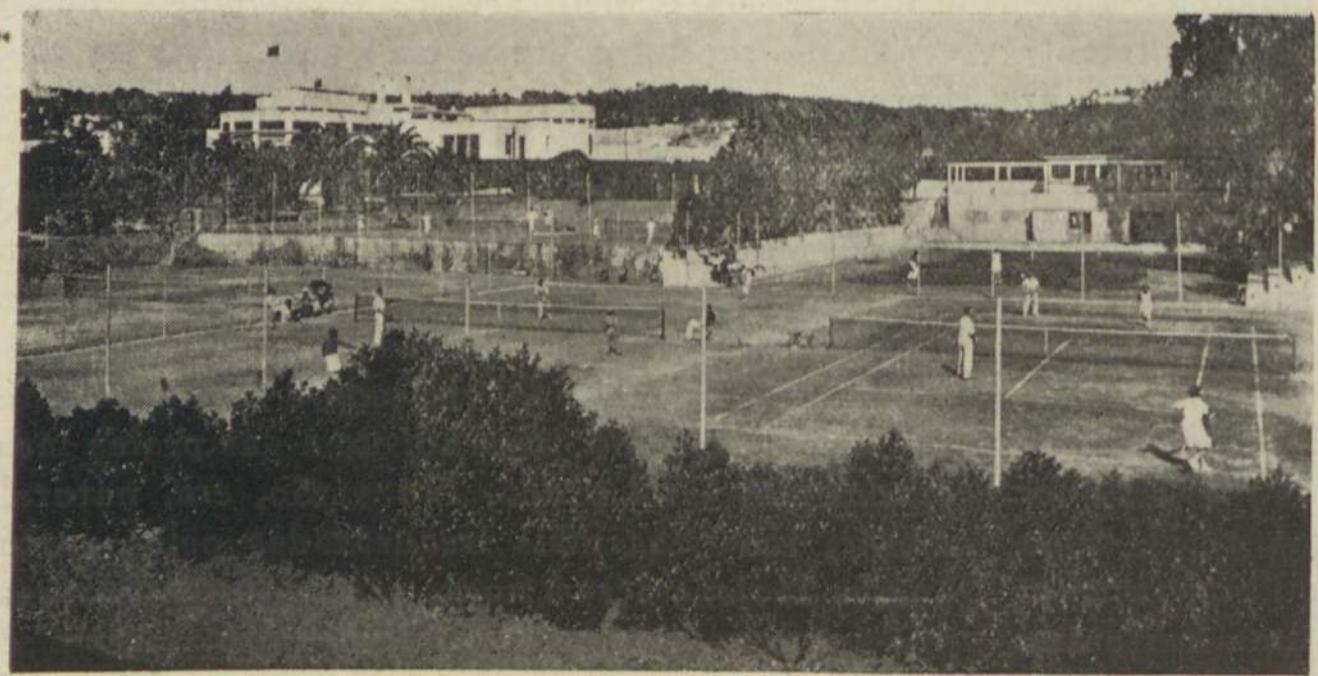
vida está na simplificação das coisas, limitemo-nos, agora, nesta página, a trazer à lembrança dos leitores da *Gazeta dos Caminhos de Ferro*, apenas três praias: o Estoril, a Figueira da Foz e a Povoa de Varzim.

Para quem vive em Lisboa, o Estoril é a praia de mais fácil acesso. A distância que a separa da capital cobre-se em pouco mais de meia hora, em magníficas carruagens, num passeio surpreendente.

O Estoril, já o temos afirmado algumas vezes, é uma das nossas maiores glórias, sob o ponto de vista turístico. Graças aos seus inúmeros melhoramentos e a uma propaganda intensa, a estância fez-se rapidamente conhecida em todo o mundo. Antes da guerra, era, no inverno, uma das praias mais concorridas da Europa. No verão, era, naturalmente, uma das mais frequentadas pelos portugueses. Hoje, graças à nossa neutralidade, Portugal viu-se, dum momento para o outro, repleto de estrangeiros, que para cá vieram em busca de tranquilidade. O Estoril continua a registar uma



CASCAIS — Parque da Marinha



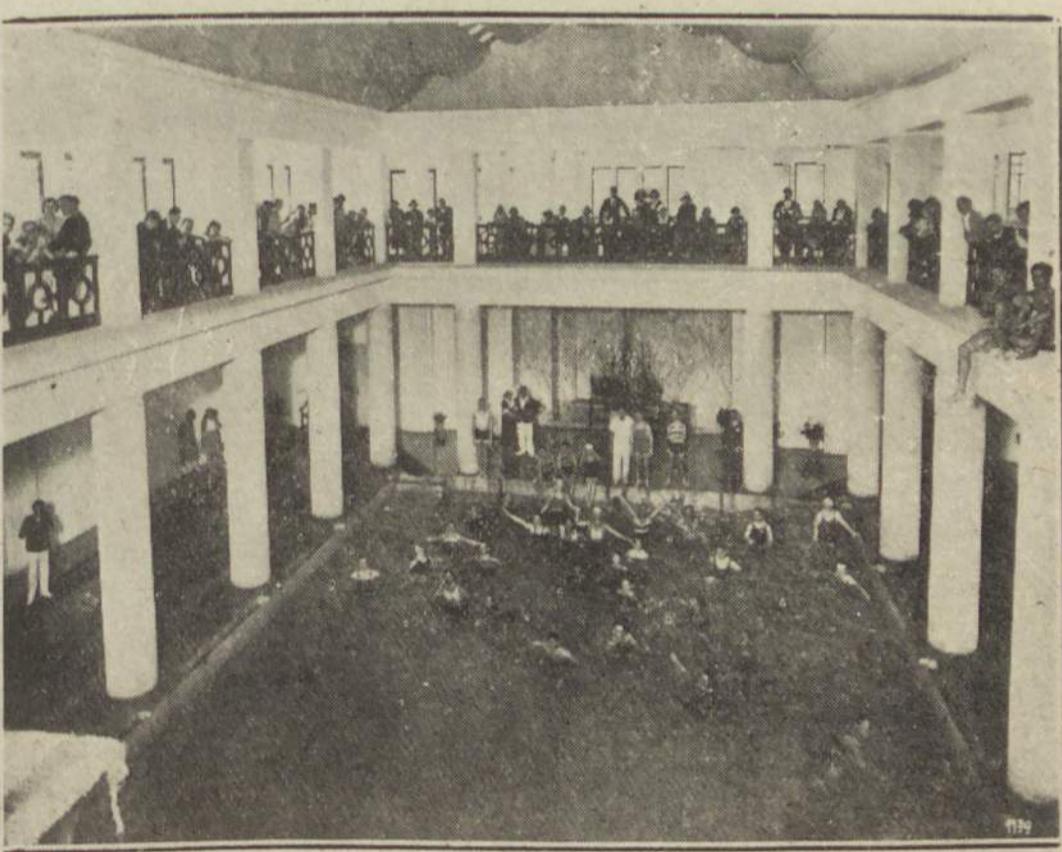
ESTORIL — Campo de Ténis



FIGUEIRA DA FOZ — Vista da cidade e do Rio



GRANJA — Um aspecto da piscina



ESTORIL — Um aspecto da piscina

freqüência extraordinária. A guerra, graças a Deus, não chegou até lá.

Se Lisboa tem quase às suas portas o Estoril, o Pôrto, por sua vez, tem a Póvoa de Varzim. Como Portugal não é um país monótono mas, pelo contrário, um dos mais variados em aspectos, a Póvoa de Varzim tem as suas características, a sua personalidade própria. É, com efeito, uma praia inconfundível, que não se parece com esta ou com aquela. Homens de iniciativa dotaram-na com alguns melhoramentos importantes. Entre êsses melhoramentos, não podemos esquecer o grande Estádio, onde se podem praticar os mais variados desportos, e que é justamente considerado um dos melhores da península.

Sob o ponto de vista monumental, a vila de Espinho possue alguns tesouros de arte, como a Igreja de S. Pedro, na Freguesia de Rates, e a Igreja da Misericórdia. Como motivos de atracção há as suas célebres romarias de Nossa Senhora da Saúde, de S. Gonçalo, da Senhora das Candeias.

E não ficam por aqui as atracções de Espinho. A essa linda vila a «Festa brava» deve assinalados serviços, com a manutenção da nobre e portuguesíssima tradição tauromáquica. Na sua excelente praça de touros têm-se exibido os maiores artistas de Portugal e alguns de Espanha, em tardes inolvidáveis, verdadeiramente gloriosas.

Mas entre o Pôrto e Lisboa — não fosse Portugal um país afortunado! — há uma outra praia maravilhosa sobre a qual se debruça uma cidade

pitoresca, risonha, das mais lindas. É a Figueira da Foz. Foi, em tempos, naqueles tempos em que os portugueses pouco viajavam na sua terra, pois preferiam conhecer as terras alheias, a praia predilecta dos espanhois. Foram êles que chamaram para a Figueira da Foz a atenção dos portugueses snobs ou dos portugueses indiferentes. A Figueira é hoje uma das praias mais queridas dos portugueses.

Figueira da Foz é uma cidade que se moderniza de dia para dia. Mas do passado, há belas coisas que o visitante não deve deixar de ver, como, por exemplo, o palácio Soto-Maior e o velho solar dos Condes de Tavarede.

País pobre, o nosso? De modo algum. Só essas três praias só por si bastariam para encher de orgulho qualquer país.

O leitor, viajando em Portugal, ao mesmo tempo que retempera os pulmões e os músculos, enriquece o seu espírito com a contemplação e o directo conhecimento de coisas belas e imortais, que atestam a grandeza e a importância do nosso país, sob o ponto de vista artístico.

Estoril, Póvoa do Varzim e Figueira da Foz são três magníficos, aliciantes cartazes de turismo. Todos êles proclamam, sem exagero, que Portugal é um país incomparável e que, sob todos os pontos de vista, pode colocar-se a par de qualquer outro país, sem que o nosso orgulho sofra diminuição ou vexame. Precisamos de conhecer melhor Portugal.



FIGUEIRA DA FOZ — Um aspecto da Praia de Banhos

FÁBRICA BARCELENSE

João Duarte & C.^a, L.^{da}

MALHAS, RENDAS E PASSAMANARIAS

TELEFONE N.º 8214

TELEGRAMAS: TEXTIL

CÓDIGO — RIBEIRO

BARCELLOS — Portugal

GRANDE

HOTEL DE SANTA LUZIA

VIANA DO CASTELO

FÁBRICA DE TAPETES DE BEIRIZ

C. R. MIRANDA

(Fornecedor da Presidência da República)

BEIRIZ-Fábrica a 3 kilómetros da Povoa de Varzim

TELE { FONE 33 — POVOA
GRAMAS — TARIZ — POVOA DO VARZIM

DEPÓSITO NO PORTO:

AVENIDA DOS ALIADOS, 206

Telefone 5000

DEPÓSITOS EM LISBOA:

CASA QUINTÃO
Rua Ivens, 32

Guilherme Silva, Ferreira, L.^{da}
Rua da Prata, 214-1.^o

GRANDE FABRICA DE FOGOS DE ARTIFICO

DE

José António de Castro & Irmão

Rua da Bandeira, 592 — VIANA DO CASTELO

EXPORTAÇÃO PARA TODO O PAIZ,
COLONIAS E ESTRANGEIRO — COM-
PLETO SORTIDO EM TODAS AS
QUALIDADES DE FOGOS — OS MAIORES
PRÉMIOS EM TODOS OS CONCURSOS

Telefone: 190

Telegrams: PIROTÉCNICOS

"SERRAÇÕES REUNIDAS"
VIANA DO CASTELO

Com fábricas em:

VIANA DO CASTELO
MONÇÃO — MAZÉDO
V. N. DE CERVEIRA
FÃO — ESPOZENDE

MADEIRAS DE TODAS AS ESPECIES PARA
CONSUMO DO PAIZ E EXPORTAÇÃO

TELEFONE N.º 4

José Duarte Cruel JúniorFORNECEDOR DE MADEIRAS E
LENHAS DO PINHAL DE LEIRIA

CASAS PARA ALUGAR — EM
TERMAS DE MONTE REAL



TELE | fones: Escritório, 9 — Fábrica, 83
gramas: MAGALHÃES FILHO

MAGALHÃES FILHOS, L. DA
FÁBRICA DE SERRAÇÃO

CAIXOTARIA PARA TODAS AS EMBA-
LAGENS E MADEIRAS PARA CONSTRU-
ÇÃO — CÁL E CIMENTO SECIL —

VIANA DO CASTELO (Portugal)**VINHOS DE MONÇÃO, L. DA**EXPORTADORES DE VINHOS DA REGIÃO E SEUS
DERIVADOS — ENGARRAFADOS E EM BARRIS**MONÇÃO — Alto Minho — Portugal**

AGENTES DISTRIBUIDORES

No Pôrto e Província: J. CANDIDO DA SILVA
Rua da Cancela Velha, 19Na Costa do Sol: Estabelecimentos J. PAULINO D'ALMEIDA
Monte EstorilLisboa: OLIVEIRA & PINHEIRO, Lda
R. S. Julião, 11-LojaEnd. Teleg. CORDAS-Póvoa da Varzim
TELEFONE N.º 11Depósito em MATOZINHOS
R. Heróis de França, 173
TELEFONE N.º 221-M

FILIAIS:

Fábrica da Cordoaria de Leixões
TELEFONE N.º 322-LEÇA
Poça da Barca — VILA DO CONDE

Fábrica Eléctrica de Cordoaria Mecânica

DE
QUINTAS & QUINTASFabrico cuidadosamente esmerado de cabos de linho, cairo,
cizais e manila, assim como fio para rêsdes de pesca, malhe-
tas aramadas, amarras para navios em todas as dimensões, etc.

IMPORTADORES E EXPORTADORES

Rua Elias Garcia, 93 — Póvoa de Varzim

TELE | gramas: COUTINHO FILHOS
fone: 8262

M. A. COUTINHO & FILHOS, L. DA
FÁBRICA DE SERRAÇÃO E CAIXOTARIA

Etiquetas de madeira, em branco e im-
pressas, para transporte de mercadorias.—
Lã de madeira para embalagem de ovos,
frutas, louças, drogas, maquinismos, etc.

ABILIO DANTAS

VICE-CONSUL DE ESPÃNHA

FÁBRICA DE CAIXOTARIA PARA TODAS AS APLICAÇÕES,
EXPORTAÇÕES DE MADEIRAS, CENTRAL ELÉCTRICATELEGRAMAS: | Para Portugal ABILIO DANTAS — MONÇÃO
| Para Espanha ABILIO DANTAS — SALVATERRA DE MIÑOTelefone n.º 5 — **MONÇÃO — (Portugal)****Pensão Central** Proprietário: Ameliano Monteiro de Souza
COMPLETAMENTE REMODELADA**Praça Deu-la-Deu****MONÇÃO****GRANDE PENSÃO INTERNACIONAL**

(ANTIGO HOTEL)

Uma das melhores do Norte — Aberta todo o ano

Telefone, 12 — **TERMAS DE MONÇÃO****PENSÃO LISBONENSE**

Proprietária: VIÚVA GOMES

6, Rua Sá da Bandeira, 8 CALDAS DE MONÇÃO

RELOJOARIA ROBERTO de Luis Roberto Neves

Relojoaria e artigos de bicicletas, Reparações de relógios e máquinas de costura

PARAMOS-ESPINHO**Serração a vapor da Ponte de Anta**de FRANCISCO RODRIGUES DE CASTRO & FILHOS, L.^{da}SOALHOS, FORROS APARELHADOS,
MADEIRAS PARA CONSTRUÇÃO CI-
VIL E CAIXOTARIA**ESPINHO**

Telefone, 67-E

**SOUSA,
CARDOSO
& C^a, L.^{da}**FÁBRICA DE VASSOURAS, ES-
COVAS, ESCOVARIA FINA E SEUS
DERIVADOS — BROCHAS, PINCEIS
— E PINCEIS DE BARBEAR —LUGAR DA ESTRADA
ANTA -- ESPINHO

Telefone 7

Sociedade Industrial da Curia, L.^{da}FÁBRICA DE SERRAÇÃO A VAPOR
MADEIRAS SERRADAS E APLAINADA

Junto à Estação do Caminho de Ferro e estrada nacional Pôrto-Lisboa

CURIA — Portugal**OFICINA METALURGICA
— DE —
Domingos Regalado**Encarrega-se de todos os trabalhos de Serre-
lharia, Ferraria e Caldeiraria, assim como
faz moinhos para moer sal e máquinas de
limpar latas para fábricas de conservas

TRAVESSA DO MERCADO, 24

SETÚBAL**ETABLISSEMENTS F. DELORY**

Société Anonyme au Capital de 14 MILLIONS de Francs entièrement versé

Siège Social **LORIENT** (France)Successeurs de la **S.té INDUSTRIELLE** de **LORIENT**Anciens Etab,ts **A. GILLET & C.te** Et **OUIZILLE & C.ie**

MAISON FONDÉE EM 1834

ET DE LA **MAISON F. DELORY**

CONSERVES ALIMENTAIRES

5 USINES

sur les lieux de Production

Telefones || 78 Setúbal
|| 51 Portimão
|| 29 Lagos
|| 17 Olhão

ADRESSE TÉLÉGR.: ETADELORY

CODES
LIEBER'S A. B. C. 5 & 6.th Ed.ons**SETÚBAL-PORTUGAL**

Telefone 4 A. VEDROS

J. M. Sancho & Filhos, L.^{da}

FÁBRICA DE CORTICAS

ALHOS VEDROS (Portugal)**Francisco Afonso Madeira**— COM —
FÁBRICAS DE CORTIÇA

MESSINES

ALHOS VEDROS

TELEFONE 264

TELEGRAMAS :
VIDROFONLATELEFONE :
N.º 13**LUIZ DINIZ, FILHOS****Serração mecânica**

MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO
MADEIRAS PARA EXPORTAÇÃO
APARELHOS DE MADEIRAS
CAIXOTARIA — LENHAS

Figueira da Foz—CARNEIRA

Telefone 84

Mariano & Silva, L.^{da}ARMADORES DE NAVIOS DE PESCA
DE BACALHAU**O lugre «Maria Preciosa»**MURRACEIRA
FIGUEIRA DA FOZ**Empresa Vidreira da Fontela, Ld.^a****Figueira da Foz—FONTELA****Garrafas pretas e brancas** — DE TODOS OS TIPOS E CAPACIDADES PARA VINHOS, CERVEJAS, ÁGUAS E REFRIGERANTES**Garrafões** — VULGARES E ESPECIAIS PARA EXPORTAÇÃO**Vidro impresso** — CHAPAS DE VÁRIOS PADRÕES DE GRANDE EFEITO DECORATIVO PARA INTERIORES E EXTERIORES DE CASAS**Vidro estriado** — PARA TELHADOS, LANTERNINS E MARQUÍSEIS**Telhas e Ladrilhos****Garrafas-Mosqueiros** — PRÓPRIAS PARA COMBATER AS MOSCAS QUE ATACAM AS ÁRVORES DE FRUTO

Premiada com as mais altas recompensas em todas as exposições a que tem concorrido

Luis Maria Lopes

ESTABELECIDO EM 1901

COMÉRCIO DE VINHOS E DERIVADOS
EXPORTAÇÃO DE SALARMAZEM: — 27, Rua Dr. Duarte Silva, 33
Telefone 150 — FIGUEIRA DA FOZ

Telefone 324

Sérgio Martins CardosoOFICINA DE SERRALHARIA
MECANICA E CIVILRUA LUIZ GARRIDO, 26
FIGUEIRA DA FOZ



«Sala de jantar do Hotel do Parque»

VISITE O GEREZ

A MAIS BELA ESTANCIA DE TURISMO

**Surpreendentes paisagens
Bons Hotéis e Pensões**

Para qualquer informação dirigir à

**Junta do Turismo
GEREZ**

Carreiras diárias entre Braga e Gerez

AUTO-PALACE—Telefone n.º 2061—BRAGA

«GEREZ»

Termas do GEREZ

ESTANCIA DE HEPÁTICOS

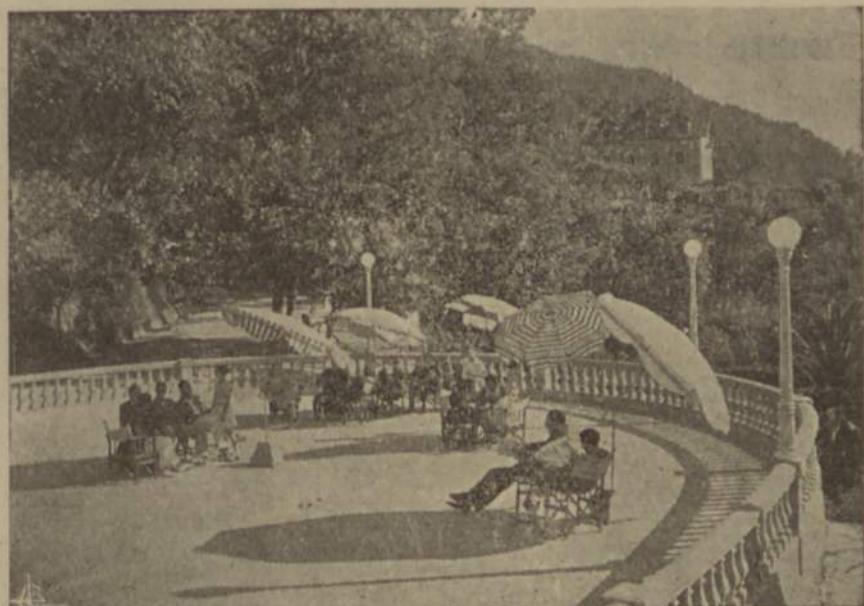
«As águas mais valiosas da Europa
na serra mais linda de Portugal»

CURA

REPOUSO

TURISMO

«Enquanto não fôr ao GEREZ está em débito
com uma das mais belas paisagens de Portugal».



«Terraço do Hotel do Parque»

HOTEL ALIANÇA

Av. Marechal Gomes da Costa
BRAGA-PORTUGAL-Telef. 224
Proprietário: MANUEL BARROSO

Em frente ao Teatro Circo e às novas instalações dos Correios e Telegrafos

O MELHOR HOTEL DE BRAGA

Este hotel, um dos mais bem situados, encontra-se montado com todo o conforto moderno, T. S. F., água encanada, luz e campainhas eléctricas em todos os aposentos. Quartos de banho. Sala de baile. Quartos com «apartement» e água quente e fria. Almoços e jantares com ou sem dieta, para as pessoas que venham do Gerez, Caldelas, etc.

TODOS OS APOSENTOS EM JANFLAS—ESPLENDIDO SERVICO DE MESA

DIÁRIAS DESDE 22\$00 A 30\$00

Tem uma sala independente para serviço à lista, funcionando a qualquer hora

ANTIGA OFICINA DE OBRAS DE MARMORE

(Casa fundada em 1880)
POR

António Teixeira da Silva

HOJE SEU NETO

ANTÓNIO SOUSA TEIXEIRA

SUCESSOR DE SEUS TIOS

Artur Teixeira da Silva e Narciso Teixeira da Silva

Nesta oficina, a par das melhores congénères do país, executam-se todas as obras concernentes à arte de canteiro, tais como: Capelas, mausoleus, estátuas, bustos, cabeceiras, tanto em marmore nacional como estrangeiro.

Pedras nacionais e estrangeiras para móveis, tanto para marmeiros como para particulares. Guarnições para fogões de sala, bancas para cosinha, em marmore ou louça de Valongo

SEMPRE GRANDE SORTIDO DE PEDRAS BONITAS PARA
REVESTIMENTO DE FRONTARIAS E MAIS APLICAÇÕES

158, Avenida Central, 162 (Antigo Campo de Sant'Ana) — BRAGA

Consertos em armas
e oxidação. Fabrico
de esporas em alpaca
OFICINA METALÚRGICA
e MECÂNICA DE PRECISÃO

ORTHOPEDEIA MEDICA

GRANDE PRÉMIO NA EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE 1922 E 1923

PERNAS E BRAÇOS ARTIFICIAIS

APPARELHOS ORTHOPEDICOS FUNDAS E CINTAS ESPECIAIS PARA AUXILIO DA CURA DAS HERNIAS

CASA ORTHOPEDICA (Antiga oficina de espingardeiro)

FUNDADA EM 1897

Mário da Costa Martins

FABRICANTE DE INSTRUMENTOS CIRÚRGICOS E ORTHOPEDISTA PROFISSIONAL

Sucessor de Viúva de Joaquim da Costa

Avenida Marechal Gomes da Costa, 149

BRAGA

PEDRO VAZ LEAL

Serralharia Mecânica e Civil

Fabricação de peças soltas para martelos pneumáticos, automóveis, máquinas industriais e outras. Ferramentas especiais para minas.

Alfaias agrícolas

ESPECIALIDADES

Torneiros mecânicos — Forjas e serviços de FREZAGENS em todos os sentidos

Soldaduras a autogénio e electrogénio



Depósito de Ferragens

LORIGA—Largo de São Gener—SERRA DA ESTRELA

MANUEL LUIZ PEREIRA JÚNIOR

Fabricante de cabos, carpetes, tapetes de lã e passadeiras e todas as qualidades de tapeçarias

Esmoriz-Barrinha

JULIO BATISTA RIBEIRO

Agente de Compra e Venda de Propriedades
Rua dos Sapateiros, 128-2.º—Telefone 27135

Não comprem sem o consultarem,
pois é um técnico de propriedades
COM PRÉDIOS PARA TODOS OS PREÇOS

José Pereira da Fonseca & C.º, Suc.^{res} A VULCANIZADORA AMERICANA

Rua Cândido Reis, 45—BRAGA

Vulcanização de pneus, câmaras de ar e todos os trabalhos que digam respeito à sua arte — Compram-se e vendem-se pneus e câmaras de ar usadas — Cobrem-se e consertam-se todas as marcas de pneus — Toma-se a responsabilidade por todos os trabalhos — Preços sem competência

ARMAZEM DE SOLAS E CABEDAIOS

V.ºA ANTÓNIO BARBOSA DA SILVA

CASA FUNDADA EM 1919

PELARIAS FINAS

60, Rua D. Frei Caetano Brandão, 62 — BRAGA

Fábrica de Lanifícios da Estréla

de
LEITÃO & IRMÃOS

ESPECIALISADOS NA FABRICAÇÃO DE:

CASIMIRAS, TRICOTS,
CHEVIOTES, SOBRETUDOS,
FLANELAS, SARJAS
DE ESTAMBRRE, SURRO-
BECOS, BUREIS, ETC., ETC.

“

L O R I G A
Serra da Estréla

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

O saldo positivo do relatório e contas de 1942 é cerca de 34 mil contos

SOB a presidência do sr. dr. Bustorff Silva, secretariado pelos srs. eng.º Alfredo de Azevedo e Lucas Coelho dos Reis, e com a presença do sr. dr. Alberto Xavier, comissário do Governo, reuniu-se em 26 de Junho a assembleia geral da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses, com a seguinte ordem do dia:—apreciação e votação do relatório e contas da gerência de 1942; eleições para os cargos vagos na administração e conselho fiscal.

Foi uma das mais concorridas assembleias gerais. Compareceram 165 accionistas, representando 57.439 acções ordinárias e 253.529 acções privilegiadas.

O Relatório, documento minucioso e claro, demonstra-nos que após um largo período de exercícios deficitários, surgiu, felizmente, o de 1942, com o saldo positivo de 33.730:447\$03, dos quais 33.687:826\$84 correspondem à exploração da antiga rête da C. P. e 42.620\$19 representam o pequeno saldo obtido na exploração da rête do Estado. Este resultado foi consequência não só de importante aumento de receitas, correspondente a um incremento de tráfego bastante apreciável, mas também a sensível diminuição do coeficiente da exploração geral, que passou de 96,59 por cento, em 1941 para 81,91 por cento, em 1942. O aumento de receitas deu-se em tôdas as linhas exploradas e em tôdas as categorias do tráfego, a-pesar-de ter diminuído o percurso total dos combóios numa percentagem de 17,96 por cento. Esta diminuição não foi geral, pois houve aumento de 8,45 por cento no percurso dos combóios de mercadorias e a importante diminuição de 41,12 por cento no percurso dos de passageiros. A redução dos combóios de passageiros foi devida à dificuldade de obter combustíveis e outros materiais. O público — nota a administração — manteve a êsse respeito uma serenidade digna de todos os elogios, revelando compreensão da situação. A-pesar-de tudo o tráfego de passageiros também aumentou: houve mais 932.686 passageiros do que em 1941. No serviço de mercadorias houve, no con-

junto, um aumento de 299.092 toneladas, verificando-se sensível desvio da pequena para a grande velocidade, como aconteceu durante a guerra de 1914-18.

O saldo credor do exercício da antiga rête da C. P., depois de deduzidos os encargos financeiros e contratuais obrigatórios, foi aplicado, quâsi na sua totalidade, ao pagamento de material circulante vindo do estrangeiro ou construído nos oficinas da Companhia, à compra de mobília, utensílios e ferramentas, e em novas construções e trabalhos complementares da antiga rête. A parte mais importante foi a destinada a material circulante, no total de 24.697:549\$55, cuja aquisição bem se justifica pelos aumentos de tráfego a que foi preciso fazer face. Sobraram 77.968\$30 que passam para o exercício de 1943.

O relatório conclue com um caloroso e justo elogio ao pessoal de tôdas as categorias pelo esfôrço e colaboração inteligente que prestou.

O sr. eng.º Vasconcelos Correia e as críticas que foram feitas à administração

A discussão do Relatório foi iniciada pelo sr. Agostinho Paiva, que agradeceu à administração ter atendido a sua reclamação sobre o caso dos músicos ambulantes nos combóios tramueis entre Pôrto e Aveiro. Disse que o concessionário da gare de V. N. Gáia distribue água imprópria para consumo; que a Companhia faz o elogio dos empregados, mas não melhora a sua situação; e que, não havendo dividendo para os accionistas, bem podia a Companhia conceder-lhes a redução de 75% nos bilhetes, tanto mais que o seu preço é diminuto.

O sr. Raul Mendes de Carvalho leu uma extensa memória sobre os serviços ferroviários, e mandou para a mesa uma proposta no sentido de que do saldo crêdor das despesas gerais de exploração seja distraída uma verba de 2\$00 para cada acção privilegiada a 10\$00 por cada acção ordinária, o que representa menos de 2% do capital accionista.

O sr. dr. Jaime Azancot, disse que desejava ver

no relatório os orçamentos elaborados pela administração, para servirem de estudo e apreciação; estranhou que não se tivessem feito as necessárias reservas de combustível, quando toda a gente previa que a guerra ia ser duradoura. Agora, há-de pagar esse combustível por preço quatro e cinco vezes superior.

Em nome do conselho de administração, o ilustre presidente, sr. eng. Vasconcelos Correia, censurou os termos vivos em que o sr. dr. Azancot se referia aos administradores. Sobre a compra de combustível perguntou onde é que a Companhia tinha dinheiro para armazenar carvão suficiente para quatro anos. Disse que a Companhia, após dez anos de crise devida à concorrência da camionagem, se viu a braços com a guerra. Ainda assim, nessa altura, tinha o triplo do carvão que tem hoje. Houve diminuição nos combóios para passageiros, porque era preciso poupar o carvão indispensável aos combóios de mercadorias. Sobre o dividendo declarou que as circunstâncias é que forçaram a Companhia a não o conceder, pois foi preciso gastar o saldo em material circulante. Além disso realizaram-se obras importantes de construção e reparação no valor de 7.288 contos. Para dar dividendo não teriam podido comprar 38 máquinas novas e mais de 500 vagões. Todo o dinheiro era pouco para melhorar os serviços. Quanto aos orçamentos, afirmou que eles são regulados conforme a marcha das receitas. Vive-mos numa época anormal, em que é preciso estar atento e proceder com cuidado.

Há trabalhos que não têm sido feitos com a celeridade desejada, por motivos a que a Companhia é alheia, como sejam os da importante gare de triagem, da estação de Sacavem, onde já se gastaram 2.000 contos, nos terrenos. É preciso fazer obras que dependem do plano de urbanização da cidade. A administração tem trabalhado com afínco, e não é sua a culpa de ainda não terem sido electrificadas as linhas de Sintra e de Vila Franca. A redução de 75% no preço dos bilhetes para os accionistas não pode ser concedida numa altura em que o público anda incomodado nos combóios com excesso de lotação.

Ainda falou o sr. Alberto Mendes de Carvalho, sobre a dificuldade que tem, como despachante, de obter os vagões que precisa para carregar.

Conforme a conclusão primeira do parecer do conselho fiscal, de que é presidente o sr. dr. António Centeno, foi depois aprovado por unanimidade o relatório e contas da gerência de 1942.

Recondição dos srs. prof. dr. Domingos Fezas Vital e dr. Vitor Augusto dos Santos. Um voto de louvor à administração

A conclusão segunda do parecer do conselho fiscal era no sentido de que o saldo credor da conta de Ganhos e Perdas, em 31 de Dezembro de 1922, no valor de 77.968\$30, tudo conforme liquidação do exercício

na antiga rede da Companhia, passe para conta nova; e que o saldo positivo a repartir, no valor de 142.742\$96, conforme liquidação do exercício na antiga rede do Estado, seja aplicado em conformidade com os contratos de 11 de Março de 1927 e 27 de Janeiro de 1928, que tiveram por objecto, respectivamente, o arrendamento e subarrendamento, das linhas do Minho e Douro e do Sul e Sueste.

O sr. dr. Jaime Azancot lembrou que a votação dessa conclusão eliminava a proposta do sr. Raul Mendes de Carvalho.

O sr. dr. Campos Figueira disse que, à primeira vista, parecia que havia críticas e censuras à administração, quando ela, a-final, neste momento, mais do que nunca, merecia elogios, e reconhecimento. A obra foi notável, e realizada num período difícil.

Concluiu propondo que a conclusão fosse aprovada por aclamação, o que deu motivo a prolongados aplausos.

Após algumas palavras de réplica do sr. dr. Azancot, que declarou que criticara lealmente e com a mesma lealdade ia votar a conclusão por aclamação, foi a proposta do sr. dr. Campos Figueira aprovada.

Por aclamação foi aprovada também a conclusão terceira—voto de louvor ao conselho de administração e à comissão executiva. O sr. eng. Vasconcelos Correia agradeceu e propôs que o voto fosse extensivo ao conselho fiscal. A assembleia aprovou, agradecendo o sr. dr. António Centeno. Por unanimidade foi aprovada a conclusão quarta—voto de louvor ao pessoal.

Na última parte dos trabalhos figurava a eleição para o preenchimento das vagas abertas no conselho de administração pela saída do sr. prof. dr. Fezas Vital, que terminará o mandato, e do sr. Louis Roger Montagné, que pedira a demissão; e no conselho fiscal pelo termo de mandato do sr. dr. Augusto Vitor dos Santos.

O sr. dr. Guilhermino Nunes leu e mandou para a mesa uma proposta. Depois de recordar que já nas gerências anteriores se tinha resolvido não preencher as vagas de dois administradores estrangeiros, o que corresponde à política, cada vez mais necessária, de nacionalizar as empresas de serviço público, propôs que também a do sr. Montagné não fosse preenchida.

O sr. dr. Alberto Xavier apoiou a proposta, lendo a seguinte declaração: «O Governo vê com simpatia a proposta, porque reconhece que nas actuais circunstâncias nenhum outro procedimento se ajustaria melhor aos interesses do País».

A assembleia aprovou por unanimidade a proposta do sr. dr. Guilhermino Nunes.

Procedeu-se à eleição. O sr. prof. dr. Fezas Vital foi reconduzido no cargo por 993 votos; o sr. dr. Vitor Augusto dos Santos, por 1.021.

A sessão encerrou-se com a aprovação de mais duas propostas, uma de louvor à mesa, pela maneira como dirigira os trabalhos, outra de confiança, para redigir a acta.

Cermas de S. Pedro do Sul

GRANDE PENSÃO AVENIDA HOTEL

BONS QUARTOS AMPLOS COM MUITO ACEIO — COZINHA À PORTUGUESA — ESTA BARATISSIMA PENSÃO, FICA MUITO PRÓXIMO DO BALNEÁRIO — A MAIS PREFERIDA PELA FREQUÊNCIA E BOA SITUAÇÃO EM QUE SE ENCONTRA — BOA CASA DE BANHO

Dirigir pedidos ao Proprietário

Augusto Antunes Gomes

Comércio de Lisboa

União de Trapos e Desperdícios, L.^{da}

LISBOA conta no seu seio uma importante casa comercial, que se destaca entre todas as outras suas congêneres da nossa praça. É a «União de Trapos e Desperdícios, L.^{da}», com sede na Azinhaga da Fonte, 17, — telefone n.º 58-261 — endereço telegráfico «UNITRAPOS» — Lisboa, fundada em 1915.

Dispõe a «União de Trapos e Desperdícios, L.^{da}», de amplos armazéns, onde tem sempre grandes «stoks» dos artigos do seu comércio, tais como: trapos de lã e algodão, papéis inutilizados, papéis manufacturados, cartão, peles de coelho e sucatas, etc., fornecendo as principais Fábricas de lanifícios, de papel, armazéns de papelaria, fábricas de

cartonagem, oficinas e estabelecimentos do Estado, etc..

Pondo em relêvo as excelentes condições em que é possível trabalhar neste ramo, este estabelecimento tem à sua frente como sócio gerente o sr. Manuel Neves Martins, conhecidíssimo no meio comercial e industrial. É uma casa que honra o comércio de trapos, desperdícios, papéis inutilizados e manufacturados, podendo e devendo ser preferida por todos os industriais e todo o público em geral.

A *Gazeta dos Caminhos de Ferro* aponta-a como uma admirável organização que prestígia o comércio nacional.

COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO

DA BEIRA ALTA

A assembleia geral aprovou o relatório e contas da gerência finda

Sob a presidência do sr. Fausto de Figueiredo, reuniu-se na segunda-feira, 28 de Junho, a assembleia Geral de accionistas da Companhia dos Caminhos de Ferro da Beira Alta.

Foi dispensada a leitura do Relatório e Contas da gerência de 1942, tendo sido tudo aprovado por unanimidade.

No relatório, a administração informa que as circunstâncias anormais que o mundo atravessa acentuaram, no exercício de 1942, o aumento de volume do tráfego já verificado no ano anterior. As receitas líquidas de exploração, incluídas as estranhas ao tráfego somaram esc. 26.509.644\$80, assim discriminadas: 5.666.267\$57 a passageiros; 2.609.100\$88 às mercadorias de grande velocidade; 18.062.820\$20 às mercadorias de pequena velocidade. As despesas atingiram a importância de 20.252.106\$19, assim discriminadas; 687.647\$19, à administração; 996.208\$10, à direcção, 3.300.470\$75, ao movimento e tráfego; 10.186.805\$25, ao material e tracção; 5.080.974\$90, a via e obras. Do saldo de 6.257.438\$61, além das aplicações legais — serviço de títulos, perdas de cambio, juros pagos, etc. — foram destinados 5.865.251\$86 para serviço

das obrigações e para os trabalhos indispensáveis de substituição urgente das pontes metálicas nas linhas da companhia.

Na segunda parte da «ordem do dia» — eleições para os cargos vagos na administração e no Conselho Fiscal, o sr. dr. Pedroso Pimenta apresentou uma proposta para que a assembleia, na parte respeitante a eleições, fosse suspensa, visto os novos estatutos, a serem aprovados pelo Governo, alterarem a composição dos dois conselhos, de administração e fiscal. A assembleia aprovou a proposta e um voto de louvor à mesa.

Uma hora depois reuniu-se a assembleia geral dos obrigacionistas, que representavam 23.502 obrigações. Presidiu também o sr. Fausto de Figueiredo, secretariado pelo sr. dr. Gomes Pedro. O motivo da reunião era sómente a eleição dos representantes dos obrigacionistas para a administração. O sr. dr. Pedroso Pimenta apresentou proposta idêntica à que formulara na sessão de accionistas. A assembleia aprovou-a por unanimidade, e o sr. presidente encerrou a sessão.

Ambas as assembleias deram poderes à mesa para fixar as datas das novas reuniões.

"Hidráulica do Tejo"

O sr. eng.^o Luiz Fernando de Sousa foi empossado no alto cargo de Engenheiro-Director

O nosso ilustre amigo sr. Engenheiro Luiz Fernando de Sousa, do Conselho Directivo da *Gazeta dos Caminhos de Ferro* e director do nosso prezado colega *A Voz*, foi empossado, no dia 29 do mês passado, no alto cargo de engenheiro-diretor da Hidráulica do Tejo. À cerimónia, que se realizou na Direcção Geral dos Serviços Hidráulicos e Eléctricos, ao Caldas, assistiram os inspectores superiores e chefes de repartição daquele departamento do Estado, entre os quais os srs. engenheiros-inspectores-superiores Viriato Canas e Fernando Ruas; eng.^o Noronha e Andrade, chefe da Repartição dos Serviços Hidráulicos e Vieira de Campos, chefe de Repartição dos Serviços Fluviais; eng.^o Conde de Farrobo, Luiz Costa Novais,

Carlos Costa, Fernando Monjardino, José Santos, Costa Faro, Teixeira de Sousa, Conde de Lumbrales, capitão Ventura Reimão, Carvalho Xerez, Granja Pinto, Vaz Pinto e outros.

Após a leitura do respectivo auto, feita pelo chefe da Secção de Expediente e Pessoal, sr. dr. Manuel Drummond Borges, o sr. engenheiro Duarte Abecassis, ilustre Director Geral dos Serviços Hidráulicos e Eléctricos e Secretário Geral do Ministério das Obras Públicas e Comunicações, saudou o empossado num breve mas eloquente discurso, de que arquivamos a seguinte passagem:

«Não faltam ao sr. engenheiro Luiz Fernando de Sousa, que há mais de 7 anos já fôra convidado pelo meu antecessor e por Sua Ex.^a o Ministro para assumir o cargo de Director da Hidráulica do Guadiana, as qualidades de ponderação, de competência, de experiência de trabalhos, de método e de espírito organizador que se tornam necessários para o bom desempenho do lugar que lhe é confiado.»

Gazeta dos Caminhos de Ferro apresenta ao seu ilustre amigo e co-director vivas felicitações.

PARTE OFICIAL

MINISTÉRIO DAS OBRAS PÚBLICAS E COMUNICAÇÕES

O «Diário do Governo» n.º 118, I série, de 8 de Junho, publica o seguinte:

8.ª Repartição da Direcção Geral da Contabilidade Pública

Decreto n.º 32:838

Com fundamento nas disposições do artigo 55.º e sua alínea a) do decreto n.º 18:381, de 24 de Maio de 1930, de harmonia com o decreto-lei n.º 32:688, de 20 de Fevereiro de 1943, depois de ouvido o Ministro das Finanças, nos termos do n.º 1.º do artigo 9.º do decreto-lei n.º 22:470, de 11 de Abril de 1933:

Usando da faculdade conferida pelo n.º 3.º do artigo 109.º da Constituição, o Governo decreta e eu promulgo o seguinte:

Artigo 1.º É aberto no Ministério das Finanças, a favor do das Obras Públicas e Comunicações, um crédito especial da quantia de 120.000\$, destinado ao pagamento do abono de família ao pessoal da Direcção Geral de Caminhos de Ferro, devendo a referida importância reforçar a dotação do capítulo 10.º e artigo 151.º do orçamento do segundo dos

referidos Ministérios em vigor para o corrente ano económico. Por contra-partida será reduzida de igual quantia a verba do artigo 150.º dos referidos capítulo e orçamento.

Art. 2.º No actual orçamento privativo do Fundo especial de caminhos de ferro e no artigo 10.º «Encargos administrativos», onde constituirá o n.º 8.º «Abono de família aos funcionários, nos termos do decreto-lei n.º 32:688, de 20 de Fevereiro de 1943», é inscrita a quantia de 120.000\$.

No mesmo orçamento é reduzida da correspondente importância a verba da alínea a) do n.º 1.º do artigo 4.º «Construções e obras novas».

Este crédito foi registado na Direcção Geral da Contabilidade Pública e a minuta do presente decreto foi examinada e visada pelo Tribunal de Contas, como preceitua o § único do artigo 36.º do decreto n.º 18:381, de 24 de Maio de 1930.

Imprensa

«DIÁRIO DO ALENTEJO»

O excelente *Diário do Alentejo*, que se publica em Beja, sob a competente direcção de M. A. Engana, acaba de entrar no 12.º ano da sua publicação.

Ao seu ilustre director e a todos que colaboraram no *Diário do Alentejo*, às nossas felicitações.

TERMAS DE SÃO PEDRO DO SUL

Grande Hotel Lisboa

Telefone, 3

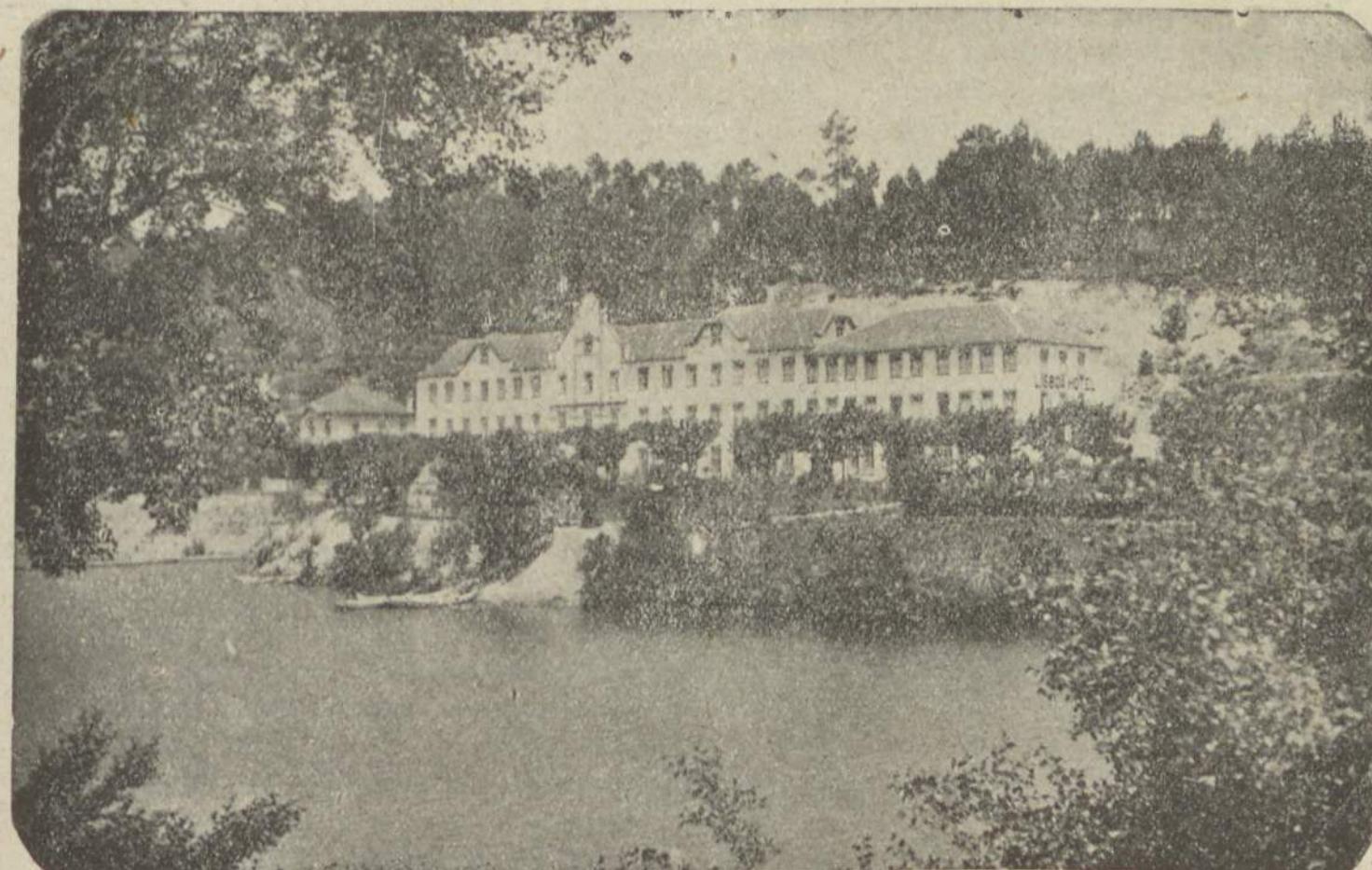
Higiene — Conforto
— Bom gosto

AMPLOS SALÕES
DE
JANTAR E BAILE

Garagão — Esplanadas
privativas junto ao Vouga

Desconto à classe
médica

Informações em Lisboa: MELO & C.ª (Irmãos) R. dos Fanqueiros, 314-316 — Telefone 2 6740



"Elogio da Festa Brava"

NA sala de festas do Grupo Tauromáquico «Sector 1», o ilustre advogado e escritor, sr. dr. Ary dos Santos, pronunciou na noite de 19 de Junho uma conferência que teve por objectivo o «Elogio da Festa Brava» e foi ouvida com o maior interesse pela numerosa e distinta assistência. Prosador distintíssimo, com o dom de cativar os ouvintes, quer pela elegância da frase quer ainda pelo seu fino humorismo, o sr. dr. Ary dos Santos é, sem dúvida, um dos nossos mais distintos conferencistas e no «Sector 1» mostrou que o assunto da Festa Brava lhe era particularmente familiar e querido.

Dessa notável conferência temos o prazer de reproduzir e arquivar algumas das suas mais sugestivas e graciosas passagens. Tem a palavra o sr. dr. Ary dos Santos:

A tourada, tal como eu a comprehendo e quero, é o mais belo e o mais aconselhável espectáculo que se pode dar à boa gente da nossa terra. O mais belo pela cõr, pela finalidade, pelas tradições e até mesmo como princípio educativo.

Comecemos pelo fim e que nos seja permitido invocar o testemunho de Fialho de Almeida, que nos «Gatos» escreveu: «Já compreendem agora como esta jornada pelos reinos do touro predispõe bem para o espectáculo incomparável de uma ferra, e como a paixão das guerreiras de círculo, dos jogos olímpicos de força, e das abaladas a tôda a brida a traz do gado, sejam uma obsessão inseparável do carácter das populações do Ribatejo, e mesmo afinal de tôda a raça nacional. E é necessário, a meu ver, estimular cada vez mais esta paixão, exasperando-a mesmo até à violência, porque ela faz tudo: agricultores, guerreiros e atletas, numa palavra homens de ação, precisamente aquilo que nos falta para compensar as demasiais do emocionismo que há muito infecta as camadas intelectuais de Portugal. De lidar bois, o homem, sobre aprender a evitar o corpo, como dos acidentes primordiais da vida civilizada mais grotescos, adquire ao par também qualidades de energia e valor que o habilitam a encarar a vida sob um prisma de luta material inteiramente prático e profícuo, antagónico das especulações de sentimento que fazem das nossas actuais gerações pensantes, colégios de contemplativos, esgotando-se em subtilezas metafísicas, e encarando a existência só pelo lado da teoria e do conforto.»

Fialho tinha razão: faltam-nos homens de ação e é preciso compensar as demasiais do emocionismo que há muito nos vem infectando e aos poucos nos tem tornado um povo de piegas. Que se racione o bacalhau, o azeite e as batatas, compreendo, mas que o triunfo da economia dirigida vá até ao ponto de se racionar a «genica», peço desculpa mas discordo.

Nos bons tempos em que os portugueses tinham a paixão dos touros, jogavam o pau, corriam léguas e sabiam montar a cavalo, tinham «nervo», faziam ainda coisas grandes pelos sertões africanos e quando alguém os maltratava, ou pretendia roubar, sem cuidarem saber se o agressor era

mais forte e tinha melhores armas, tiravam o desfôrço físico que era lógico. Eram os tempos em que se ia lanchar não à Caravela nem ao Aguiar, mas sim ao Zé Diegues ou à Tendinha; eram os tempos em que os meus tios D. António, D. Pedro e D. Rafael Manique bandarilhavam a primor na velha praça do Campo de Sant'Ana. Quando as iscas do Malheiro ou os passarinhos com os decelitros de branco foram substituídos por chá e bolos, a mocidade começou a desprezar os jogos de força e de destreza. Aos exercícios viris contrapoz o mah-jong e outras semsaborias do mesmo género; antes de tomar qualquer desfôrço físico passou a medir as fôrças do possível contendor e, quando ofendida ou roubada, limitou-se a dar graças a Deus... por não a terem ofendido ou roubado mais. De um povo de valentes e atrevidos, passámos a ser um povo de piegas e deprimidos. Há, pois, que fazer marcha a traz, e para educação viril das gerações novas, não se ousará negar que o espectáculo e as lides de touros ocupem um lugar de primasia.

Mas, gritam do outro lado da barricada certos pedagogos sentimentalistas, a tourada é um espectáculo de sangue, uma barbaridade!

E isso o que tem?

O que é o box senão um espectáculo de sangue, onde dois homens, para ganharem aquilo que se nega depois ao médico que os trata, só tem em vista aniquilar no adversário todas as faculdades pelas quais o homem se distingue das feras? E o que é a caça ou o tiro aos pombos senão um espectáculo de sangue? E o que é, as mais das vezes, uma corrida de cavalos senão uma brutalidade, ao fim da qual êsas animais, tantas vezes previamente excitados com arsénico, chegam a estoirar, com o coração e os pulmões em dansa frenética? E a lagosta, por que a comem Vossas Excelências, senhores moralistas, sabendo que ela é cosida viva? E os peixes? Já pensaram no horror que deve ser morrer asfixiado com um anzol a fazer cócegas nas guecas?

Se em todas as cousas da vida ha brutalidade, por que razão é que se há-de perseguir aquela que precisamente é menos brutal?

Não! Não me venham argumentar com o princípio educativo, pois desde que se ponha de parte a hipocrisia, há-de se ver que é principalmente sob o ponto de vista educativo que a corrida de touros de morte é defensável e racional, visto ser a exibição, em ambiente de arte, de todas aquelas qualidades e virtudes que mais se devem apreciar. É o espectáculo único no qual se fixa, sob o esplendor do sol e através dum êxtase, a síntese da luta do espírito contra a força bruta; é o escrinio raro de serenidade, de valentia, de elegância de atitudes, de destresa física, numa palavra: de tudo quanto deve distinguir a nossa condição humana. Se isto não é educar, se não é educar cultivar todas essas qualidades e exibi-las em público, estimulando-as nos outros, então já não sei o que é educação! Os dicionários andam errados.

Os que julguem que a corrida de touros não é tipicamente portuguesa, tendo maiores tradições em Espanha do que entre nós, estão profundamente enganados.

Se eu vos disser que, ao fundar-se a monarquia portuguesa, fidalgos dessa nova nacionalidade corriam touros, demonstrado ficará, pelo menos, que seja a origem das touradas a que quizerem, ha razão bastante e suficiente para

que se acarinhe, em época que pretende ser de regresso às mais puras tradições, um espectáculo que viu a luz do dia quando o grande nome de Portugal surgiu.

E porque me amuei eu com a festa brava?

Porque não sou de reservas vou contar.

Sem falhar um, todos os Domingos ia ao Campo Pequeno e quando os cartazes das praças da província eram tentadores, muitas vezes me deslocava também até lá. A ideia com que entrava na praça era sempre a mesma: ver uma corrida de touros, mas a desilusão com que saía era também sempre a mesma, ou para melhor dizer: pior. Em vinte e trinta corridas, se aparecia uma boa era caso raro e de deitar foguetes. Ora, os divertimentos fizeram-se... para divertir e isto de sair sempre aborrecido de um divertimento, aliazi caro, excede na verdade os limites do razoável, para invadir abertamente o campo do absurdo. Passei então a faltar às corridas e à segunda feira de manhã, ao ler as críticas, dava graças a Deus por não ter lá ido na véspera. Fui assim o inventor do «produzir e poupar»: produzia a satisfação de ter suposto uma corrida boa, poupava o preço do bilhete de uma corrida má.

Tal como o homem que se afasta da mulher que só lhe oferece desgostos, afastei-me pelas razões expostas da festa brava — que era então a festa mansa. Mas tal como o homem que ama verdadeiramente, faziam-me falta os touros e muitas vezes pensava nêles, lembrando com amargura tempos passados e felizes.

Ou, entre as muitas cousas que pensava, ocupava lugar de destaque a investigação das causas que haviam feito com que, noventa vezes em cem, o espectáculo fosse aborrecido e de qualidade inferior.

Decaiu a festa brava por se toureiar pior do que se toureava antigamente?

Decairia ela pela má qualidade dos toureiros, ou pela má qualidade dos touros?

Decairia por falta de aficion?

Eu sou dos que entendem que o toureio contemporâneo, isto é, o toureio de há uns trinta anos para cá, é superior ao toureio antigo. Hoje toureia-se melhor, toureia-se mais de que se toureava, mesmo sem se falar na parte em que se toureia... o público. Os grandes azés do nosso tempo são mais parados, arrimam-se mais, tem maior «temple» e mais completo domínio, usando com maior freqüência da mão esquerda. Se fosse necessário citar nomes, bem se podiam lembrar os de El Gallo, Joselito, Belmonte, Gaona, Ortega, La Serna, Manolo Bienvenida, Chicuelo, El Estudiante, Martin Vasquez e outros tantos.

Quem, por não ter idade para ter ido aos touros há mais de cinquenta anos, não possa fazer a comparação pelo que

viu, pode no entanto comparar o toureio antigo e o toureio actual através da documentação fotográfica, dos livros sobre a arte e das críticas dos jornais e revistas. Pois querem saber o que antigamente se ensinava e se via? Vou satisfazê-lhes a curiosidade.

Em 1750, D. Eugénio Garcia Barangona publicou um «tratado» de tauromaquia, que teve grande aceitação e no qual se dizia que o vestuário dos artistas devia ser não só agradável à vista dos espectadores, «como próprio para resguardar o mais possível o corpo dos toureiros de qualquer dos insultos a que se acha exposto». Mais tarde, em 1877, outro «tratado» publicado em Lisboa continha estas linhas que hoje nos parecem espantosas: «os bandarilheiros, que por fazerem uma saída em falso ou por qualquer outro motivo se vejam emborcados e em risco de ser colhidos, tem a vantagem de poder fazer uso das bandarilhas, cravando-as no testuz ou no focinho do touro, com o que se livrarão da investida, porque o animal geralmente foge». Isto, nem a preta Fernanda, das corridas de Algés, era hoje capaz de escrever, se viva fosse.

Segue-se agora uma crítica ao acaso.

Em 23 de Julho de 1876 efectuou-se na Praça de Touros do Campo de Sant'Ana, onde hoje está a Escola Médica, uma corrida de touros em benefício do bandarilheiro «Caixinhas». *O Toureiro*, jornal que ao tempo se publicava, referiu-se ao espectáculo nos seguintes termos:

«A corrida efectuada em 23 de Julho, em benefício do bandarilheiro «Caixinhas», agradou em geral aos amadores.

«O beneficiado, que vestia de roxo e ouro, foi muito aplaudido logo depois das cortezias executadas pelo cavaleiro Casimiro Monteiro, que montava um bonito cavalo russo escuro.

«O beneficiado bandarilhou o sétimo e décimo primeiro touros, a sós, enfeitando o primeiro com dois pares, fazendo o *quiebro*, e dois a *quarteio*, depois de o ter esperado à gaiola com um arco de papel, que lhe enfiou pelas armas. Pegando na muleta, deu três passes de peito, quatro naturais e um com a direita, conservando sempre bastante serenidade.

«No décimo primeiro touro deixou «Caixinhas» três pares a *quarteio*, par e meio fazendo o *quiebro* e meio de *relance*, dando-lhe com a muleta alguns passes e com um chapeu de sol que lhe ofereceram simulando a sorte de morte num magnífico *volapié*!

Pelo visto, já em 1876 se toureava com arquinhos de papel e chapeus de chuva, sendo vulgares os pares... em número ímpar. Se hoje se fizesse disso... caía o Carmo e a Trindade, e vamos lá que com certa razão.



A Guerra

LXXXVI

Em telegrama do Cairo foi comunicado pela «E. T.» que bombardeiros americanos Liberatores atacaram, em duas vagas, o aeródromo de Fogia (Apulia), cerca de 100 quilómetros a oriente de Roma. As fotografias tiradas durante o ataque mostram terem sido directamente atingidos vários edifícios. Na área do objectivo, avistavam-se dois grandes incêndios.

Fogia é uma importantíssima bifurcação ferroviária. Passam ali numerosos comboios para reabastecerem as divisões italianas que se encontram nos Balcãs.

— Os caminhos de ferro do Reich e a Cruz Vermelha alemã concluíram um acôrdo relativo aos primeiros socorros a prestar em caso de acidente ou ataque aéreo. A Cruz Vermelha encarregou-se de instruir enfermeiros para os caminhos de ferro. Ao mesmo tempo estabeleceu-se nova combinação entre o Ministério das Vias e Comunicações do Reich e a Cruz Vermelha, comprometendo-se esta a prestar o seu auxílio em caso de acidente ferroviário. A Cruz Vermelha porá à disposição dos Caminhos de Ferro todas as suas instalações e toda a sua aparelhagem. A assistência aos viajantes fica assim muito mais garantida.

— «R. R.» informa que brevemente vão ser aumentadas as tarifas ferroviárias na Argentina.

Também em comunicado da frente do leste diz que a aviação alemã efectuou ataques contra Krymskaja, e que aviões de combate e bombardeiros a pique atacaram, em vagas sucessivas, as vias ferroviárias e colunas de reabastecimento, na zona do Caucaso ocidental, entre o Don e o Donetz e no sector do Lago Ladoga.

— «E. T.» diz, em telegrama de Londres do Ministério da Aeronáutica, que nos bombardeamentos feitos em várias regiões da Itália, Silia e Sardenha foram atingidos navios, portos e centros ferroviários de distribuição de mercadorias, que foram martelados por bombas de vários calibres.

— «E. T.», em telegrama de Nova Delhi diz que os bombardeiros americanos atacaram, principalmente, pontes de caminho de ferro, na Birmânia. A ponte de Myitnge, já avariada em ataques anteriores, foi novamente atingida. O encon-

tro do lado Norte ficou destruído e explodiram várias bombas perto de outras secções da ponte. A de Meza, cerca de 30 quilómetros a Sudoeste de Katha, ficou avariada, tendo outras bombas explodido perto da ponte de Kyungo, cerca de 75 quilómetros a Sudoeste de Katha. Em Mandzlay, foram atingidos vários edifícios importantes.

—A «D. N. B.», em telegrama de Ancara, comunica que em Beirute reina, presentemente, grande agitação entre os ferroviários da Síria e do Libano, onde operários e empregados, excitados pela propaganda comunista, reclamam o aumento de salário, entregando-se, entretanto, a actos de sabotagem.

Para reprimir a agitação, a Delegação Geral decidiu a militarização dos ferroviários da Síria e do Líbano. As autoridades militares gaulistas comunicaram, ainda, aos ferroviários, que a mais leve infracção será severamente punida pelos tribunais militares.

— «R. R.», em comunicado da Frente Leste diz que a aviação alemã desenvolveu notável actividade no sector central e bombardeou, de novo, os aeródromos de Djbanka e Brjukowo, bem como a gare de Kislowka. Além disso, formações aéreas de combate alemãs atacaram, com êxito, as instalações militares e objectivos navais no baixo Volga. As vias de reabastecimentos inimigas, no sector entre o Don e o Donetsk, foram também submetidas a ataques sucessivos, tendo sido atingidas numerosas gares ferroviárias, bem como impor-

Revista quinzenal

«LUSITANIA EXPRESSO»

Um combóio de luxo entre Madrid-Lisboa

Depois de várias reuniões, que tiveram lugar na Direcção da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses entre os delegados da R. E. N. F. E. (Rêde Nacional de Ferrocarriles Espanhoes), e da C. P., bem como delegados da P. V. D. E. do nosso país e de Espanha, ficou deliberado que no dia 20 do corrente entre em circulação um combóio de luxo, com o nome de «Lusitania Expresso», composto com carruagens metálicas de 1.^a, 2.^a classe e camas, que sairá de Lisboa para Madrid às terças, quintas

e sábados, às 19 horas e 20 minutos, chegando à capital espanhola às nove e meia do dia seguinte.

O combóio de Madrid para Lisboa partirá às 20 horas e 20 minutos, chegando a Lisboa às 10 horas e 18 minutos.

O trajecto é feito por Valênciâ d'Alcântara e durante o percurso actuarão a alfândega e polícia de vigilância fazendo todos os serviços que lhes pertence em trânsito para não haver demoras de fronteira.

tantes linhas de comunicação, entre as quais a do caminho de ferro de Kastornoje-Kursk e de Voronej-Kastornoje.

A mesma Agência informa que o Conselho de Ministros reuniu-se, sob a presidência do Duce, e aprovou, entre outros, o decreto-lei anunciado no decurso da sessão de 8 de Maio último e que estabelece melhorias nos vencimentos dos funcionários do Estado. O novo decreto, que entrará em vigor desde 1 de Julho, próximo, até ao fim das hostilidades, estabelece, nomeadamente, o aumento de 125% como indemnização temporária de guerra, o aumento do subsídio de família e o da indemnificação.

zação suplementar temporária concedida aos funcionários do Estado. As novas medidas acarretam a despesa anual de 1.840.000.000 liras para o orçamento do Estado e de cerca de 285.000.000 liras para orçamento dos Caminhos de Ferro do Estado. A despesa anual dos Institutos Auxiliares será de cerca de 240.000.000 de liras.

O Conselho de Ministros prestou, depois, homenagem à atitude heróica dos ferroviários italianos e, sobretudo, dos das linhas calabrosas, sicilianas e sardas que, sob bombardeamentos incessantes, continuaram a fazer o seu trabalho, assegurando, assim, a continuidade do tráfego.

LINHA DE CÂAIS – Horário em vigor desde 20 de Junho de 1943

(a) Não faz serviço de bagagens nem de recovagens. — (b) Não faz serv
— (A) Só aos Domingos e feriados. — (B) Excepto aos Domingos e feriados. — O número de passageiros nestes combóios é limitad

Locomotivas a turbina de gás

A páginas 314 do nosso número de 16 de Junho do corrente ano, publicou-se um pequeno artigo intitulado «Locomotivas a turbina de gás».

Nesse artigo afirma-se que foi em Berlim que apareceu a primeira locomotiva accionada por uma instalação de turbina a gás, tratando-se, portanto, de uma verdadeira inovação.

Sucede, porém, que o nosso prezado amigo e assinante sr. Edouard Dalphin, representante, no Pôrto e no país, da Sociedade Brown, Boveri & C.ª, nos escreve afirmando que não foi em Berlim que apareceu a locomotiva em questão, nem ela é o produto da indústria alemã, tratando-se de uma inovação de origem suíssa, pertencendo a sua autoria à Sociedade Anónima Brown, Boveri & C.ª, de Baden-Suíssa. Com efeito, a referida locomotiva foi construída nas fábricas de Baden, na Suíssa, e começou a circular no mês de Outubro de 1941, em serviço de reboque dos comboios nas linhas ainda não electrificadas da rede dos Caminhos de Ferro do Estado da Suíssa. Depois de feitos os ensaios, com absoluto êxito, e de alguns dias de serviço, a referida locomotiva deixou de circular devido à falta absoluta de combustível líquido.

A separata da «Revue Brown Boveri», que o sr. Edouard nos enviou, contém a descrição da locomotiva e diz de suas vantagens e futuro que a espera. Idêntica descrição foi publicada no último número do jornal técnico francês «Le Génie Civil».

ESTE NÚMERO FOI VISADO
PELA COMISSÃO DE CENSURA

RÁPIDO DO PÔRTO

A viagem de Lisboa à capital do Norte vai fazer-se em 3 h. e 40 m.

A C. P. procedeu, recentemente, entre as estações de Santa Apolónia e de Braço de Prata, a experiências com uma automotora, que destina ao «rápido» do Pôrto.

Com essa máquina, que, por enquanto, é a única que a C. P. possui e que tem prestado as melhores provas, o «rápido» passará a fazer o percurso entre Lisboa e o Pôrto em metade do tempo que gasta hoje, isto é, demorará apenas 3 horas e quarenta minutos.

As referidas experiências foram coroadas com o melhor êxito.

* * *

A partir de hoje, os comboios rápidos entre Lisboa e Pôrto efectuam-se nos dois sentidos, às terças, quintas-feiras e sábados, com o mesmo horário anterior.

Vida Ferroviária

Sindicato Nacional dos Ferroviários do Centro de Portugal — Nova Comissão Administrativa

Por despacho do sr. Subsecretário de Estado das Corporações e Previdência Social, com data de 6 de Junho, foi nomeada para gerir este Sindicato Nacional uma Comissão Administrativa composta pelos seguintes sócios:

Presidente — Vitor Afonso, chefe de 1.ª classe, Lisboa-R.

Secretário — Júlio Martins Araújo, factor de 1.ª classe, Lisboa-P.

Tesoureiro — Manuel Pedro, revisor de 3.ª classe, Lisboa-R.

Vogais — Abilio da Costa Polónio, factor de 2.ª classe em Campolide, e Octávio Carlos Garcia, condutor da Wagons Lits.

N. Costa Galvão
COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES — COMÉRCIO GERAL
Aceita representações, cobranças e vendas à comissão
76, Rua da Alegria — LISBOA

USAR O CALÇADO DA AFAMADA MARCA



É TER A CERTEZA
DE QUE SE CALÇA
COM ECONOMIA,
SOLIDEZ E ELE-
GÂNCIA

A venda	Sapataria CRISTAL — Rua do Amparo, 22
	» ROYAL — Rua da Graça, 112
	» LONDRINA — Rua Arco Marquês Alegrete, 51
	» EDEN — » » » 37
	» NICE — » » » 34

Telefones 2 8775 — 4 7958 — 2 7829

FLORENCIA, A TRISTE LINDA

HÁ na velha Firenze ducal, de ruas estreitas como uma Salamanca medieva e de edifícios pesados, com ar massiço, sonolento, abafante e opaco de imensas arcas normandas, qualquer coisa de merencória balada que estremece ainda no violino das arcadas da «piazza» Tornabuoni, — neblina musical que se entorna num perfume de doce melancolia, mesmo quando o sol doira a cidade dos Medicis, — enamorada do Arno — na luz magnífica dum florête de oiro. É nesta suave tristeza de quietação claustral que floresce a poesia mística da Atenas do norte — cidade museu, onde, a cada passo, o olhar esbarra em maravilhas.

Branca e austera como uma vestal, Florença amanheceu diante da nossa emoção como se tivesse surgido da placidez dos Apeninos banhados por uns laivos de ametista e luzalite. Cautelosamente, entre essa indecisão de tintas distantes, entremos-tram-se em caprichosos declives e em arrancos de escalada galgando os montes cantados por Horácio, as primeiras dobras da cortina verde dos olivedos, dos hortejos e vinhedos dando à paisagem toscana a nota bizarra duma aguarela que fôsse pintada por um artista apaixonado pelo gigantismo tétrico das montanhas. Mais longe a colina de San Miniato, e cercada de ciprestes a igreja que Musset não esqueceu no seu «Lorenzacio».

Quem vem de Bolonha, ao ver os batalhões indisciplinados dos pinheiros com suas lanças verdes espetadas nas vertentes da paisagem árdua ladeando a estrada, gostaria de retroceder à época em que o ducado de Toscana era percorrido por malas-postas... O luxo desvairado da Idade Média, o fanatismo e a devassidão da vida palaciana, o misticismo trágico e tenebroso, o pitoresco alacre da fisiono-

mia dos séculos passados — toda essa mancha de luz e de sombra que deu a Florença uma alma e revelou aos artistas um mundo de sonho, estremece vagamente em Florença, a cidade onde estão ainda presentes os vultos de Galileo, de Da Vinci, de Miguel Angelo e de Dante. Tal a impressão que em nosso espírito penetra ao passarmos as portas de Florença Feudal do século XII, quando o olhar recebe a imponência das cidades de Belvedere e de San Giovanni Battista. A cidade é linda e triste cortada pela expressão serena e indefinível do Arno, onde coalhou toda a luz matinal. Vista do passeio de Cascini, mostra-se-nos recolhida, silenciosa, mumificada num extático sono de pedra; e sentimos que nessa imobilidade, a alma de Florença é um cadáver cercado de flores — flores por toda a parte engrinaldando a sua tristeza marmórea. A pedra floresce também num geito caricioso de enlêvo, lembrando-nos constantemente que Florença é o berço da arte toscana. Nas ruelas mais escusas onde parece ter-se apagado, como uma luz fria, a docura sentimental do Sol, depara-se com velhos palácios, solares esquecidos, residências de famílias nobres, cujos brasões, quando nossos passos profanos ressoam no lagôdo, como que nos falam, como que pedem para nos determos um pouco: o Palácio de Pandolfini, o dos Spini, o da família Rucellai — legendas em pedra cuja mudez heráldica rememora épocas faustosas. A intriga amorosa, os lances de capa-e-espada, a serenata, o brilho dum punhal precioso, o vulto senhoril da fidalgia que se vislumbra na liteira ao regressar da missa na catedral, tudo o que de romanesco a imaginação pode emprestar a estes palácios que dormem na história da Florença, flutua ainda como um véu no pórtico

dos palácios dos Riccardi, de Capponi, de Dovaniati, de Strozzi. Que digressão romântica por estas ruazinhas caladas de Cerretani, de Martelli e de Porta Rossa, até à via Calzagoli, que liga a praça da catedral à da Senhoria!

A praça da Senhoria onde em 1498 foi queimado Savonarola, é desde a Idade Média o coração de Florença, a cidade heróica que Henrique IV sitiou em 1082. Não muito grande, a sua imponência tem qualquer coisa de aristocrático, que se não fôsse exagero de imagem, julgariamos tão delicado e suntuoso como um medalhão — um medalhão que Florença ostenta ao peito com a dignidade austera duma rainha. E neste medalhão dir-se-iam movimentar-se finíssimas silhuetas: a belíssima fonte de Neptuno, de Amanati, o grupo de Hércules, a pequena estátua do Cosme I, obra prima de João de Bolonha, a fonte do «Menino com o delfim», de Verrochio.

Atravessamos a ponte Alla Carraia. Na outra margem do Arno pela via del Leoni temos em breve na nossa frente o Palácio Pitti. A sua magestade impressionante ilumina-se dum sobrenatural esplendor; o mármore cintila tocado pelo sol que o dobra e a frieza sepulcral do seu silêncio de templo vazio, quebra-a a chama que sobre él reluz num bafo quente. Onde estão os Medicis, senhores de Florença, onde estão os duques de Toscana que aqui fizeram residência de maravilha e lenda entre tesouros de arte e deslumbramentos? Uma época de púrpura e oiro, cavalheiresca e prepotente, dominadora e gentil, a um tempo dissoluta e romântica, desfaz-se no pó dos sarcófagos, na miséria do nada... Muito mais lastimável será para os pensamentos dum poeta ter de reconhecer que igual destino mora na existência das rosas do grande jardim de Boboli. Contudo, levamos engastado no paladar da sensibilidade o aroma dessas flores ao atravessar a piazza Pitti, para de novo passar sobre uma das quatro pontes de pedra que cruzam o Arno sonolento. Há mais sombra na Vida del Fossi, o mesmo silêncio excitante e angustioso na vida del Moro, — mas uma golfada de sol espreita ao fundo destas estreitas ruas da cidade antiga, como no bairro de San Franfrediano, sufocadas pela casaria alta, ruas onde mora a solidão: é a praça de Santa Maria Novella, luminosa e cálida, com a sua igreja de 1278 em estilo toscanogótico, relicário onde a visão decorativa dos frescos de Paolo Ucello aguardam o milagre duma partitura litúrgica de Bach...

Cada uma das praças e dos templos da cidade com seus monumentos e obras de arte religiosa, evocam a arte sublime do génio florentino. E cada uma está ligada à tradição dum grande nome, rútilo de glória, cuja inextinguível labareda é cada vez mais alta. Na igreja d'Anunziata traçada com uma insinuante delicadeza de linhas, pode atrair-nos a insuperável beleza do grande côro de Alberti,

mas nada nos emociona mais profundamente que o fresco de André del Sarto «La Madonna del Sacco». De certo que a famosa capela dos Pazzi — das mais inspiradas obras de arte de feição religiosa — e os delicados frescos do prodigioso Giotti dão à igreja de Santa Croce o poder mágico de impressionar vivamente um temperamento de artista. Todavia comunica-nos muito mais funda emoção a penumbra de mistério que envolve neste templo o túmulo de Maquiável — Nicolau Macivel, historiador de Florença, autor das «Décadas sobre o Tito Livio» e do «Príncipe». O nome de Florença está intimamente unido às maiores criações da arte italiana. Evoca logo Miguel Angelo e Baccio Bandinelli, «Hércules matando Cacus» e «David vencedor de Golias», os dois colossos de mármore do palazzo Vecchio; sugere a presença imaterial dum Michelozzi da Renascença transformando a pedra em renda, dum Vincenzo de Rossi esculpindo os troféus das armas dos Médicis, expulsos em 1494.

Certos nomes recordam aromas de alameda florida orlando sombras de claustro — têm qualquer coisa de roseiral a arder na volúpia da tarde, por entre cavatinas macias; dizem-se como num murmurio que deixasse um sabor a flores: «Santa Maria dell Fiore». A catedral deste nome, começada em 1296 por Arnolfo di Cambio e terminada por Brunelleschi em 1452 é um dos monumentos mais ricos de Florença, de fachada massiça, com severa fisionomia e recheada de relêvos de esquisita elegância, de lindos mármores de cores, de frescos notáveis, de vidros polícromos que distraem o olhar. Entre os tesouros que o tempo, por não querer consumir, colocou à guarda da catedral, contam-se as mais belas esculturas do grande Lucas della Robia, de Sansovino, de Ghiberti. É junto a Santa Maria dell Fiore que se levanta o famoso «Campanile» quadrangular começado em 1334 por Giotto.

Nada mais gracioso no seu pitoresco mas também nada mais doce na sua melancolia de pequena «piazza» cercada de antigos palácios que a Praça do grande Duque. Acode-nos à lembrança que Gautier lhe chamou «l'oeil de Florence».

A alma da cidade está toda inteira aqui, — romântica, viva, inefável. Nenhuma outra de Florença tem tão correcta e preciosa imagem; nem a d'Anunziata com as janelas ogivais das suas casas, a estátua de Fernando I e as duas fontes desenhadas em 1629 por Pietro Tacca, nem a do Mercado Velho, nem a de Santa Maria Novella com seus dois obeliscos, nem a de Santa Croce, com o monumento a Dante, nem as d'Azeglio e de Donatello.

Nestas «piazze», nos templos, nos monumentos, nos «palazzos» Florença, a dos guelfos e gibelinos, encontra os espelhos onde revê seu porte régio, duma beleza serena de Ticiano, duma placidez angelica de Rafael...

J. Gomes

Espectáculos

Panorama da Temporada

TEATRAL

Por MIGUEL COELHO

D. MARIA II — As Sabichonas

É preciso não confundir «Sabichonas» com «Sabidas». «Sabichonas» é o título que o ilustre invisual e homem de letras António Feliciano de Castilho deu à peça «Les Femmes savantes», original do imortal Jean Baptiste Poquelin de Molière, mais conhecido por Molière, em tradução livre do primeiro, e que actualmente se representa no Teatro D. Maria II, retomando assim este teatro o seu lugar como escola ou padrão, donde nunca se devia ter afastado, incluindo no seu repertório peças que não primam pela moral.

Nos tempos da educação antiga as meninas sabiam cozinhar, coser, lavar, etc., o que se chama conhecimento absoluto do que deve ser uma boa dona de casa. Além disso, quando tinham dinheiro e viviam em certa roda, aprendiam também a tocar piano, a bordar, a pintar, e não era feio saber, por causa das dúvidas, um bocadinho de francês.

Além disso toda a sua educação era feita em casa, à vista dos pais. E assim, quando chegavam à idade de casar, os maridos já sabiam que podiam contar com uma pessoa que lhes zelasse a casa, os zelasse a eles e aos filhos, e que no fim de contas era a companheira ideal.

Tudo marcha e com a nova educação, as meninas (salvo raríssimas excepções) fazem o seu curso todo fora de casa, fazem desporto, freqüentam cinemas, andam sózinhas ou mal acompanhadas por toda a parte, e nada sabem do governo de casa. Quando muito saberão fazer «pão com manteiga», que é uma coisa que já está feita.

Além disso, como a sua educação é diferente da antiga, por isso sabem muito mais das coisas da vida, e poderemos chamar-lhes «Sabidas».

Isto vem tudo a propósito das «Sabichonas» no teatro D. Maria II. É claro que na peça não entram «cinéfilas», mas entram «patetas» que é quase o mesmo. A mãe, uma filha e uma irmã, foram uma trempe de «senhoras ridículas» que falam linguagem «pauliteira» a fingir que sabem o estilo, «empolado»; poderão não saber o governo da casa, mas aprendem latim, e põem na rua a criada porque teima em não aprender o «dicionário» como se este fosse neces-

sário para fazer um bom piteu. Além disso querem que os criados digam «catedras» em vez de «cadeiras» e outras coisas do mesmo género. Autênticas «Sabichonas», em questões de linguagem ridícula.

«Les femmes savantes» de Molière só poderia ter como tradutor Castilho, mestre da língua, e todo o seu trabalho, em verso, é de um lirismo que enternece; poderá afastar-se um pouco da obra francesa, mas, ninguém o faria melhor.

Nas mulheres pretenciosas, encontramos Lucília Simões, muitíssimo bem e com detalhes bem observados; Maria Brandão, numa criatura invejosa e ridícula e Maria Clementina muitíssimo bem, quanto a caracterização, mas, exagerando um bocadinho na representação.

São estas as três figuras femininas que mais despertam a hilariedade pela série de «baboseiras» que deitam cá para fora.

Maria Lalande, muito bem, na figura de mulher autêntica que vê no homem que ama, a sua felicidade, pondo de parte tudo quanto existe na linguagem, na linguística e no latinório. Na mesma ordem de ideias navegam Luís Filipe, o bem-amado, que aprecia a ciência como ela deve ser apreciada; João Vilaret, o homem da casa, que às vezes é desautorizado pela esposa, pois não comprehende como ela se dedique às letras e descure a casa; Mário Santos, num «resingão», boa pessoa, e que, como é esperto, arranja um desenlace matrimonial num instante.

Beatriz Santos muitíssimo bem numa criada, que não aprende o dicionário, porque não é preciso saber gramática para fazer um bom petisco na cozinha. O que necessita são os ingredientes para o fazer.

Pedro Lemos num criado esperto, parecendo lorpa; Virgílio Macieira noutro criado do mesmo estilo, Henrique Santos num «sábio» que detesta os «mediocres» e José Cardoso num notário, estão todos certos na representação.

Augusto Figueiredo excelente no «poetastro», por cuja ciência as três ridículas senhoras bebem os ares.

Cenários agradáveis. No entanto dispensava bem a rotunda de veludo verde que aparece atrás deles, prejudicando bastante a perspectiva.

Os artistas, na segunda representação á qual assisti, estavam bastante «colados» ao ponto, o que não admira se atendermos a que estavam ensaiando uma peça moderna de Pirandello «Volúpia da honra» e de repente começaram a ensaiar «Sabichonas», posta em cena no prazo de 8 a 10 dias.

A sua actuação foi um verdadeiro milagre.

«Sabichonas» nunca perde a oportunidade. Hoje maior do que ontem e, pelos modos como as coisas vão correndo, é muito possível que amanhã, maior do que hoje.

D. MARIA II — Pátria

Esta peça tem grande intensidade dramática, tem acção, mas não tem interesse nem teatro. Vasco Mendonça Alves, seu autor, é, incontestavelmente, um dramaturgo de raça e de garra. Tem provado essas qualidades em diversas obras que tem apresentado, à cabeça das quais se encontra a «Conspiradora».

E foi pena que Vasco Mendonça Alves não tivesse aplicado a sua inteligência e o seu saber numa peça com maior consistência, e em que não abundasse tanto a retórica e o palavrório.

Na peça em cena no Nacional, interpretada apenas por Palmira Bastos e Raul de Carvalho, mostram-se as vicissitudes por que passa uma nação, não importa qual diversidade ou mudança das coisas que acontecem, as alternativas, a instabilidade dessas mesmas coisas e das pessoas, enfim, todos os revezes, são ali focados de uma maneira justa.

Dois símbolos são colocados frente a frente nesta obra teatral.

De um lado uma mulher, na justa acepção da palavra, vivendo para a família e para o lar, colocando a sua vida em holocausto para servir Deus e a Pátria. De outro lado, um homem mau e rebelde com ideias avançadas, armado em chefe revolucionário, com instintos ferozes e sanguinários, tendo coragem para matar, sem ser em legítima defesa, aqueles que professam ideias contrárias às suas, e que possuem também a covardia suficiente para fugir deante das responsabilidades ou perigos, e, em caso de dúvida, bandearem-se com os vencedores, depois de perdidas todas as esperanças de salvação.

Ela, a quem chamaremos «PÁTRIA», sofre resignada a perda do marido que foi morto no seu posto, quando defendia a sua nacionalidade. E assim aceita todas as perfídias, invejas, insultos e enxovalhos que lhe são infringidos, pelos «lunáticos». Ela assiste com dó e revolta ao incêndio das igrejas e ao massacrar das pessoas que vivem com ela no mesmo palácio. Mas, sempre alta, tem fé acisolada em Deus, e essa Fé é que lhe dá forças e ânimo, para esperar pela vitória e suportar com resignação o sofrimento.

Ele, que bem pode chamar-se «O FILHO DA PÁTRIA», é um rebelde autoritário não vacilando em cometer crimes, unicamente para poder mandar naqueles que sobre ele tiveram poder, e vingar-se assim dos que o obrigaram a trabalhar, esquecendo-se de que houve e haverá sempre quem mande e quem seja mandado.

É claro que, como não podia deixar de ser, vence a razão e a justiça. E se por um lado as teorias da «Pátria» são as de todos os homens e mulheres patriotas, por outro, as do «Filho da Pátria» são perigosas para os que não tenham uma compleição moral bem formada.

Em diálogos consecutivos, constantes e muitíssimo bem escritos, mas nebulosos e sem emoção, o autor faz a apologia dos que defendem Deus, Pátria e Lar, contra os que têm por lema: Ódio, morte e destruição.

Palmira Bastos tem um trabalho formidável e exaustivo. Raul de Carvalho, acompanha-a na perfeição. A colaboração da companhia é dada dentro de bastidores.

Encenação boa de Palmira e cenários únicos e agradáveis à vista.

A' VOLTA DO MUNDO

TEXTOS PARA A JUVENTUDE

Já publicados:

A VIDA DAS ENGUIAS
COMO SE FAZ UM TÚNEL
HISTÓRIA DOS COMBOIOS
AVENTURAS COM TUBARÕES

Série de 6 números, 7\$50 — Caderno avulso 1\$50

AGOSTINHO DA SILVA — Rua Dr. António Martins, 24-2.º — LISBOA-N — Telefone 52296

GLYCOL
O IDEAL DA PELE

PRODUCTOS V. A. P.

O GLYCOL amacia a pele.

O GLYCOL dá aos lábios a maior frescura.

O GLYCOL é o ideal fixador do pó de arroz.

O GLYCOL evita o cieiro.

O GLYCOL dá a todas as peles o raro encanto da mocidade.

O GLYCOL cura o «crescido» do Sol e o «queimado» da Praia.

O GLYCOL cura todas as impurezas e estragos da pele, tais como: erupções, borbulhas, espinhas, impigens, rugas, manchas, escoriações leves, mordeduras de insectos, etc., etc.

G
L
Y
C
O
L

À venda nas melhores casas da especialidade e principais farmácias

DEPOSITÁRIOS:

Ventura d'Almeida & Pena

Rua do Guarda Mór, 20, 3.º E.

LISBOA

Remetemos uma amostra a quem nos enviar 3\$50 em sélos do correio, nome e morada

CARTAZ DA SEMANA

TEATROS

D. MARIA II — As 21,45 — A comédia «Dois e dois cinco».

CARTAZ DE HOJE

CINEMAS

EDEN 15,50 e 21,50 — «Dois malucos à solta».

OLIMPIA — 14,45 e 20,45 — «Silêncio!»

S. LUIZ — 21,50 — Filmes de agrado.

COLISEU — 21,50 — Filmes variados.

POLITEAMA — 21,50 — Filmes variados.

ODÉON — Estreias consecutivas.

TIVOLI — 21,50 — Todas as semanas programas novos.

CONDES — 15 e 21,50 — Filmes de grande emoção.

CHIADO TERRASSE — 21,15 — Filmes variados.

CINE-ARTE — 21 — Filmes variados.

ROYAL — Rua Direita da Graça, 100.

PARIS — As 20,30 — Filmes variados.

EUROPA — As 21 — Filmes variados.

LYS — 21 — Filmes emotivos.

CAPITÓLIO — 21 — Parque Mayer.

JARDIM-CINEMA — Aos domingos.

PROMOTOR — 21 — Filmes variados.

PALATINO — Rua Filinto Elísio, C. V.

REX — 21,15 — Programa duplo.

PARQUE MAYER — Divertimentos, atracções, etc.

JARDIM ZOOLOGICO — Exposição de animais.

ESPUMANTES NATURAIS
Caves da Curia, L. da

CURIA—PORTUGAL
VITO-VINICULTORES — EXPORTADORES
 Endereço Telegráfico CAVES

Marcas da élite

«JUNQUEIRA»
 «ESPUMANTE BRAZEL»
 «DAMERY»
 E
 «LUCIEN BEISECKER»



Vinhos de mesa engarrafados «Junqueira»

QUINTAS:

DO VALE DA JUNQUEIRA, DA PEDEIRA, DAS ROSAS E DO PAÇO

LICORES SUPERFINOS:

CORAÇAU DE HOLANDA, BEISEKER, TRIPLE BEISECKER E
 BRANDY BEISECKER

PENSÃO SILVÉRIO

(EM FREnte à ESTAÇÃO DO CAMINHO
 DE FERRO)

MOGOFORES

José Alves da Cunha (SILVÉRIO)
TELEFONE 9

Hotel Central

UM DOS MELHORES — RECOMENDADO PELA SOCIEDADE
 DE DEFESA E PROPAGANDA DE COIMBRA (EM FREnte
 À CAMARA MUNICIPAL)

PRAÇA 8 DE MAIO, N.º 37 — Telefone 2856
COIMBRA (Portugal)

O CORRETOR ENCARREGA-SE DE DESPACHO DE BAGAGENS E ALUGUER DE CARROS

Pensão Central Proprietário: Aureliano Monteiro de Souza
 COMPLETAMENTE REMODELADA

Praça Deu-la-Deu

MONÇÃO

Manual do Viajante em Portugal

Pedidos à **Gazeta dos Caminhos de Ferro**
 ou ao seu autor **Carlos d'Ornellas**,
 Rua da Horta Sêca, 7 — LISBOA



ALIANÇA VELOCIPÉDICA DA BAIRRADA, L.^{DA}

MOGOFORES — PORTUGAL — TELEFONE 4

VENDAS POR GROSSO DE BICICLETAS E ACESSÓRIOS

Únicos vendedores em Portugal das bicicletas KLIMAX e SAID

TELEGRAMAS: FÁBRICA-LIXA
AVEIRO
FONE: 37

LUZOSTELA

FÁBRICA DE LIXAS E OUTROS PRODUTOS
— LIXAS DE TODAS AS QUALIDADES

FERREIRA & IRMÃO, SUC.^s
AVEIRO

ADICO

MOBILIÁRIO CIRÚRGICO
HOSPITALAR E DOMÉSTICO

EXPOSIÇÃO NO PORTO:

BACELAR & MARTINHO, Lda.
Rua do Carmo, 8

VENDAS EM LISBOA:

R. Nova do Almada, 61
e Rua da Trindade, 2

EM COIMBRA:

Largo do Castelo, 3

EXPOSIÇÃO PERMANENTE NA FÁBRICA:

ADELINO DIAS COSTA & C., Lda.
AVANCA — Telefone, 2

TELEFONE, 60

SERRAÇÃO E CARPINTARIA
DE
JOSÉ FERREIRA DA SILVA
Madrija — OVÃR

Garagem: Chamadas ao Telefone, 9
Residência: > > > 31

Eduardo Correia
Camionetas de Aluguer — Transporte de mercadorias para qualquer ponto do País
Residência: Garagem:
RUA MIGUEL BOMBARDA, 94-96 RUA DE S. LOURENÇO
FIGUEIRA DA FOZ

Teleg.: SAGAMA

Telef. 2 5779 P. B. X.
2 2202

Tomaz Sanches da Gama & C.º, L.º

TÓROS PARA MINAS — POSTES TELEGRÁFICOS —
MADEIRAS PARA CONSTRUÇÕES — TRAVESSAS PARA
CAMINHOS DE FERRO — IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO

R. DE S. JULIÃO, 190, 1.º-D.^{TO}

LISBOA — Portugal

Telefone 4 4033

J. A. Silva & Silva, L.º

Mobilias
Estofos
Decorações

(Fabrico próprio)

AVENIDA ALMIRANTE REIS, 233-A, r/c e 1.º andar
LISBOA

A. CORREIA, L.º

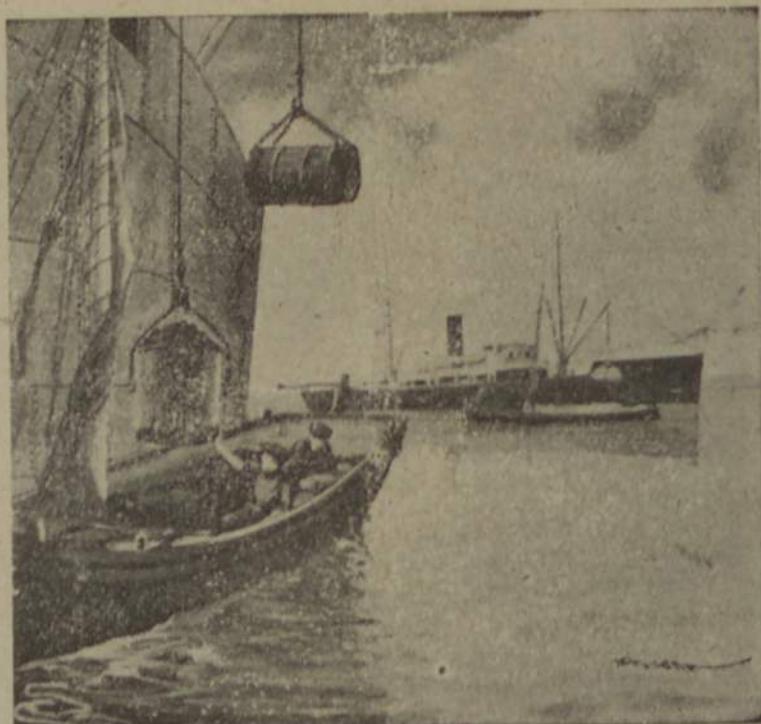
REPARAÇÕES DE COLCHOARIAS USADAS
— COLCHOARIAS DE TODOS OS GÉNEROS

DIVANS CAMAS, LAVATÓRIOS E MÓVEIS

FORNECEDOR DA SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DE LISBOA E DA COMPANHIA PORTUGUESA DOS CAMINHOS DE FERRO E DO ESTADO

Rua L. Bairro Santos, J. S. (ao Rêgo)

Telefone 4 4725 — LISBOA

**Alves de Carvalho**

CARGAS E DESCARGAS

EMPREITEIRO DE ESTIVA
E
TRANSPORTES DE MERCADORIAS

Rua dos Remolares, 6-1.º — Telefone 2 6909 — LISBOA

MANUEL MARIA B. MÓNICA

**CONSTRUÇÕES
NAVAIS**



**SERRAÇÃO
E MOAGEM**

GAFANHA—AVEIRO

TELEFONE 142

Caves



OS MELHORES

Vinhos espumantes naturais

VINHOS DE MESA

LICOROSOS

AGUARDENTES

LICORES

PROPRIEDADE DE:

Vinicola de Sangalhos, L.^{da}
SANGALHOS

PRODUTORES E EXPORTADORES

TELE / FONE: 3
GRAMAS: VINÍCOLA



Tele fone n.º 5
gramas: Armazens Sport

Armazens de Sport

D. SILVA, L.^{da}

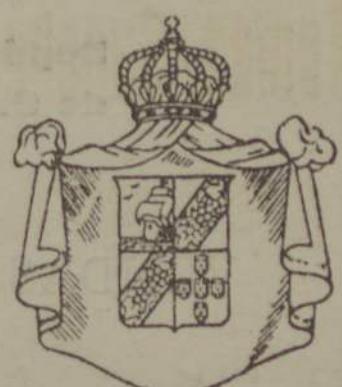
IMPORTADORES — DEPOSITÁRIOS
— BICICLETAS E ACESSÓRIOS —
CORRESPONDÊNCIA BANCÁRIA

SANGALHOS (Portugal)

CAVES IMPÉRIO

Imperial Vinicola, L.^{da}

VINHOS COMUNS E
ESPUMANTES NATU-
RAIS, LICORES, XARO-
PES, AGUARDENTES,
ETC.—ESPECIALIDADE
EM VINHOS DE MESA



**SANGALHOS
(PORTUGAL)**

Telegramas: IMPERIAL

ESTALEIROS S. JACINTO, L.^{DA}

TELEFONE: 3—S. JACINTO

G A Z O G É N I O S

Adaptação de motores

Estructuras Metálicas

Equipamentos para minas

CONSTRUÇÕES NAVAIS

S. Jacinto — AVEIRO

PAULA DIAS & FILHOS, L.^{DA}

(FUNDIÇÃO AVEIRENSE)

*Fundição de Ferro e Bronze,
Serralharia Mecânica e Civil
Construção e Reparação de Máquinas*

TELEFONE 40
AVEIRO

Leovegildo Rodrigues Pereira

Depósito de Têlha, Tubos
de Grés, Cal, Cimento e Sal

VENDAS SEM LANÇAMENTO

S. Pedro do Sul

JÚLIO SOARES

COMERCIANTE DE PELES
DE GADO CAPRINO,
LANÍGERO E COELHOS

Passagem de nível
A V E I R O

Telef. { Fábrica 51
Residência 71
Depósito 6740

CERÂMICA AVEIRENSE (Sita no CANAL DE S. ROQUE)

DE
Viuva de João Pereira Campos

Telha de diversos tipos, telha tipo português,
tijolos de barro vermelho e refractário, etc., etc.

Depósito no Pôrto: RUA DO BONFIM, 117-119

AVEIRO

Brandão & Tavares

ARMAZÉM DE MERCEARIAS,
FARINHAS, CEREALIS
— E ADUBOS —

AGENTES DO FÁSSIO, L.^{DA}

TELEFONE N.º 9

Oliveira do Bairro

TELEFONE 6

Camilo & C.^a, L.^{da}

DESTILAÇÃO DE RESINAS

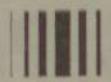


FÁBRICAS
ALVA—CASTRO DAIRE E
TERMAS DE S. PEDRO DO SUL

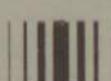
TELE { GRAMAS: LILDA
FONE: 37

Lafões Industrial, L.^{da}

Distribuidores da energia eléctrica
nos concelhos de S. Pedro do Sul,
Vouzela e Oliveira de Frades



SERRAÇÃO
CENTRAL ELÉCTRICA
MOAGEM



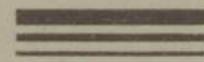
S. PEDRO DO SUL

TELEFONE 22

FÁBRICAS ALELUIA

AZULEJOS — LOUÇAS ARTÍSTICAS,
SANITÁRIAS E DOMÉSTICAS

ALELUIA & ALELUIA
AVEIRO



FÁBRICA ALELUIA

RUA CANAL DA FONTE NOVA

FÁBRICA GERCAR

RUA DAS OLARIAS

AUTO-REPARADORA LAFONENSE

DE

José Nazaret Júnior



REPARAÇÕES EM AUTOMÓVEIS, MÓTOS
E TODOS OS SERVIÇOS MECANICOS —
SOLDADURAS A AUTOGÉNIO — SOLDA-
GEM DE SINOS



S. PEDRO DO SUL



A MARCA DOS MELHORES VINHOS ESPUMOSOS
A pessoa de bom gosto prefere SPEL
SOCIEDADE PRODUTORA DE ESPUMOSOS, L.^{da}

AGENTES:

EM LISBOA: Andrade Nolasco & C.^a Ltd.
NO PORTO: James Cassels & C.^a Sucrs.
ANADIA — Portugal

GRANDE HOTEL DA CURÍA CURÍA

TELEFONE
Rêde-Geral N.^o 4

END. TELEG.
Grande Hotel-Curía

O único junto do estabelecimento termal

O mais bem situado das termas

APOSENTOS PRIVATIVOS COM CASA DE BANHO, ETC.
Água corrente em todos os quartos — Capela — Garagem

ÓPTIMO TRATAMENTO

ENGLISH SPOKEN

MAN SPRICHT DEUTSCH

ON PARLE FRANÇAIS



ESTATUETAS DE FANTASIA

Não são produtos

— DA —

“Estatuária Artística”

— DE —

COIMBRA

Os modelos que não tenham as marcas indicadas



IMAGENS RELIGIOSAS

Rua Rosa Falcão, 28 — Telefone n.^o 3768 — Rua do Arnado, n.^o 147

Aguiar & Mello, L.^{da}

PRAÇA DO MUNICÍPIO, 13-loja

Telefones 2 1151-2 1152

L I S B O A

Cimento Hidrofugado “LIZ N.”

IMPERMEABILISADOR PARA:

Empenias, Fundições, Cáves, Tanques, etc.

PRODUTO NACIONAL DA EMPRESA DE CIMENTOS DE LEIRIA

Grande Hotel “Boa Vista” Eduardo José Simões

O VERDADEIRO SANATÓRIO DA CURÍA
ÚNICO DENTRO DO PARQUE — O MAIS
PROXIMO DAS ÁGUAS — QUARTOS MO-
DESTOS E DE LUXO — ENTRADA PELO
PORTÃO PRINCIPAL DO PARQUE —
ÁGUA CORRENTE EM TODOS OS APO-
SENTOS — CASA DE BANHOS EM TODOS
OS ANDARES — GARAGE

CURÍA

Telefone, 5

Telefones { Mogofores, 2
Lisboa, 63622

Fábricas de Serração e Moagem em

MOGOFORES — CANCELAR (Santa Comba Dão)
OLIVEIRA DE FRADES (V. Vouga)

Guilherme Martins & Filhos, L.^{da}

MOGOFORES — Portugal

Estância de madeiras em Lisboa: R. Campo de Ourique, 75

Não são produtos
— DA —
“Estatuária Artística”
— DE —
COIMBRA

Termas de S. Pedro do Sul

ESTANCIA DE REPOUSO, DE CURA E DE TURISMO

A maior nascente termal portuguesa e a de mais ele-
vada temperatura (cerca de 69°). Águas Sulfurosas,
Sódicas, Alcalinas, Silicatadas, Rádio-activas.

INDICAÇÕES Reumatismos, afecções tórpidas da pele e das mucosas (rinofaringites, laringites, bronquites, asma; metríticas, anexites), sifilis, linfáticos; atonias gastro-intestinais.

CONTRA-INDICAÇÕES Estados agudos das doenças referidas; tuber-
culose, cardiopatias descompensadas, doenças infecto-contagiosas; cancerose. — Todas as aplicações hidroterápicas.
Especialidade (banhos de vapor). — Electricidade médica (maçãgens).

Hoteis, Pensões, Casas de hospedes e de aluguer. Telégrafo,
Telefones, Estação de Caminho de Ferro. Automóveis de aluguer.

Informações: **JUNTA DE TURISMO** Telephone, 7



ORGANISACÃO
CRIADA EXCLUSIVAMENTE
para o serviço de mudanças

Embalagens de louças, cristais, quadros, espelhos, etc. Transporte de pianos e cofres com todas as condições de segurança

Pedir Orçamentos grátis

A' Empresa Raul GALAMAS, Ltd.
CARROS AMARELOS

Rua da Prata, 8-1.º



Telef. 28600

NÃO MOBILE
NEM DECORE
A SUA CASA,

SEM NOS CONSULTAR

COMPANHIA ALCOBIA
14 — RUA IVENS, 14
RUA CAPELO, 1 a 9
TELEFONE 26441

Para os seus trabalhos, em obras de Portos, Minas, Pedreiras, Abertura de Túneis e Trincheiras, Canais, Poços, etc. etc., é indispensável empregar EXPLOSIVOS com propriedades de GRANDE RENDIMENTO, POTÊNCIA E SEGURANÇA

Os melhores resultados conseguem-se
com o EXPLOSIVO AMONIACAL

N I T R A L I T E

Explosivos—Cápsulas—Rastilhos—Detonadores eléctricos

Sociedade Portuguesa de Streetite, Lda.

PRAÇA DO MUNICÍPIO, 19, 3.º — LISBOA
Telefone 25856

Depósito no Pôrto: RUA FARIA GUIMARÃES, 254
Telefone 8756

Hotel Francfort

SANTA JUSTA

FUNDADO EM 1867

SITUADO NO CENTRO DA CIDADE

INSTALAÇÕES MODERNAS

RECOMENDADO PARA GRUPOS E EXCURSÕES

Telefones: HOTFORT 1.º gramas: 21054-21055 — LISBOA — Rua de Santa Justa, 70

Telefones: Principal-Séde: 48258
1.ª Sucursal: 48259

Agência Salgado

(TÍTULO REGISTADO)

Inserito na C. M. L. sob o n.º 24



Carro Rico de 1.ª classe
c/ 4 lugares

FUNERAIS — TRASLADACÕES

SÉDE: 43-A, R. de S.ª Marta, 43-B 1.ª SUCURSAL: 1-A, Rua da Beneficência, 3 2.ª SUCURSAL:
LISBOA TEL. PRINCIPAL 48258 TEL. 48259 TEL. ALMADA 132

Garage e oficinas em edifício próprio: — RUA ALMIRANTE BARROSO, 11-A — Telef. 48260



ADOLFO KORN

COMISSION-AGENT
IMPORT.-EXPORT.

Confecções em todo o género de peles

Rua das Fanqueiros, 207-1.º E.

LISBOA — PORTUGAL

Telefone 25412

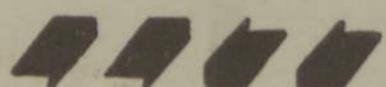
Telegramas KORNFURS

João Araújo

«ONÇA»-Braga

PREMIADO COM AS MEDALHAS DE OURO E PRATA NA EXPOSIÇÃO INDUSTRIAL PORTUGUESA

OFICINAS METALÚRGICAS — CROMAGEM — NIQUELAGEM
— ACESSÓRIOS PARA AUTOMÓVEIS E GASOGÉNIOS



FABRICANTE DOS ACESSÓRIOS PARA AUTOMÓVEIS E GASOGÉNIOS MARCA **«ONÇA»**. ESPECIALISADO EM TRABALHOS DE FIEIRA, ESPECIALMENTE NA REDUÇÃO DE FIO ELÉCTRICO E ARAMES, PARA TODAS AS FORMAS E MEDIDAS

Rua de Santo André, 58 — Telefone 2626 — Braga

Delegação em Lisboa — Rua do Carmo, 60-2.^o — Tel. 25052

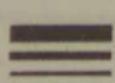
OFICINA DE LATOARIA MOVIDA A ELECTRICIDADE

TELEFONE 2783

— DE —

José Manuel F. d'Araújo

FABRICANTE DE TODOS OS
— ARTIGOS EM METAIS —



Rua de S. Vicente, 25 a 29

B R A G A

Hotel Sul Americano

— DE —

MANUEL CARNEIRO

BOM-JESUS — BRAGA-PORTUGAL — Telefone n.º 314

Este Hotel é o que está situado mais próximo do Templo e do Casino

EDIFÍCIO COMPLETAMENTE RESTAURADO
— DIÁRIAS: PREÇOS SEM COMPETÊNCIA —
PREÇOS CONVENCIONAIS PARA CRIAN-
ÇAS E CRIADOS

SERVIÇO DE TRENS E AUTOMÓVEIS

CAFÉ ASTÓRIA

Sociedade Café Restaurante Astória, L.^{da}

ARCADA-BRAGA

VULCANIZADORA DE «A VIAÇÃO»
Francisco de Carvalho
Largo de S. Francisco — Braga — Telef. 169

Vulcanização de Pneus, Câmaras de ar e todos os trabalhos que digam respeito à sua arte. — Compra e vende Pneus e Câmaras de ar usadas. — Cobrem-se e consertam-se todas as marcas de Pneus. — Toma-se a responsabilidade por todos os trabalhos.

PREÇOS SEM COMPETÊNCIA

Agente em Braga da **Recauchutagem Invicta**

PENSÃO COMERCIAL

JOAQUIM EMILIO MARTINS

Almoços, Jantares, Serviços à lista — Serviço especial para casamentos, batizados e outras cerimónias. — Preços modicos

33, Rua dos Chãos, 41 — Braga — Telaf. 2628

José Alves Bebiano & C.^A

FÁBRICA DA FOZ

Fiação, Ultimação e Tinturaria

CASTANHEIRA DE PERA

Telefone 19

Fiação e Tecidos do Rio Ceira, Limitada

CARDAÇÃO, FIAÇÃO E TINTURARIA — FIOS
PARA TRICOU — CARPETES E TAPETES —
INDÚSTRIA DE MALHAS —

Foz do Arouca — Lousã

MANUEL CARVALHO

CASA FUNDADA EM 1920

Premiado na grande Exposição Industrial de 1933

FÁBRICA DE MEIAS, PEÜGAS, CAMISOLAS, LUVAS
DE LÃ E OUTROS LANIFÍCIOS — PASSADEIRAS EM
TODAS AS MEDIDAS — FÁBRICA DE FIAÇÃO, TIN-
TURARIA E TECIDOS EM FOZ D'AROUSE —

RUA SACADURA CABRAL — Lousã — Telefone n.º 67

Fábrica de BOINAS C E D E M I

M E I A S

CELESTINO DE MIGUEL
Apartado, 19 — Telefone, 205

VIANA DO CASTELO
RUA DE JOSÉ ESPREGUEIRA

Casa Brandão DE A. BRANDÃO

LANIFÍCIOS E FAZENDAS BRANCAS
(VENDAS EM PRESTAÇÕES)

JARDIM — VIANA DO CASTELO

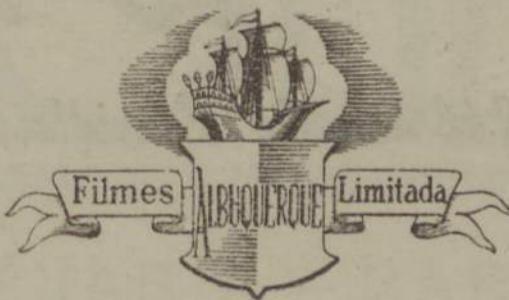
SAPATARIA E CHAPELARIA POPULAR DE Teodorico da Silva

Executa todos os trabalhos pertencentes à sua indústria com
rapidez e perfeição. — Fabricação especial em modelos para
senhora. — Especialidade em botins tipo alentejano e Mocidade
Portuguesa. — Preços sem competência. — Não se responsabi-
liza pelos consertos não retirados por mais de 60 dias.

4, R. Direita de Marvila, 6 — POÇO DO BISPO — Telef. 38 257

End. Telegráfico : FILMALBUQUE

Telefone 2 1519



Avenida da Liberdade, 73 - LISBOA

Auto-Garagem Vilafranquense Largo da Estação

SERVIÇOS ESPECIALISADOS EM LAVAGEM,
RECOLHA E LUBRIFICAÇÃO «ATLANTIC»

Telefone 51

VILA FRANCA DE XIRA

Sociedade L'Air Liquide

Todo o material para soldadura
autogenia oxi-acetilénica e eléctrica a
arco, Oxigénio — Acetileno dissolvido —
Gás carbónico — Amonfaco — Hidrogénio —
Carboneto de cálcio — Argon — neon e
outros gases raros para iluminação —
Água oxigenada — soldas e desoxidantes
para a soldadura ao maçarico — Electro-
dos para a soldadura a arco

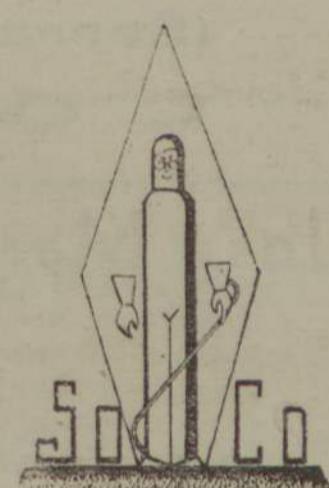
FÁBRICAS:

Lisboa-R. Pinto Ferreira (à Junqueira)

Telefone 81 536-81 537-81 560

Porto-Rua Justino Teixeira, 657

Telefone 1744 — End. Teleg.: «AIRLIQUID»



Francisco das Santas

RUA DA BÉLGICA, 48 — Telefone n.º 1

Vila Franca de Xira

Consumo — Exportação — Vinhos — Aguardentes
Vinagres — Sempre aos melhores preços do
mercado — Comprar nesta casa é ter a certeza
de adquirir produtos de óptima qualidade,
sendo garantia a conduta sempre seguida.

DEPÓSITO EM LISBOA:

RUA DA MADALENA, 253 — LISBOA

Fábrica de Papel da Abelheira TOJAL — LOURES

PAPÉIS DE TODOS OS TIPOS

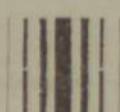
Depósitos | RUA DA ALFANDEGA, 156-158 — LISBOA
RUA DOS CLÉRIGOS, 6 — PORTO

José Lages

Fábrica de Lanifícios



CARDADOS PARA SOBRETUDOS,
— GABARDINES E FLANELAS —



(Serra da Estréla)
L O R I G A

José Marques d'Assunção

Armazém de Mercearia, Chá, Café e Papelaria (Vendas a Retalho) — Torrefacção e Moagem (por electricidade) — Agente das Balanças e Medidoras (A. P.) — Drogas e Produtos Farmaceuticos — Produtos de LUSALITE — PNEUS (Seiberling)

OLIVEIRA DO HOSPITAL — TELEFONE 25

Heitor Amaral Nogueira

Materiais de Construção, Ferro e Adubos químicos — Mercearias, Ferragens, Louças — Tintas, Vidros e Oleos

OLIVEIRA DO HOSPITAL — Catraia de S. Paio

Sociedade de Fazendas de Oliveira do Hospital, L.^{da}

ARMAZEM DE FAZENDAS E MIUDEZAS — CORRESPONDENTES BANCÁRIOS E DA Companhia de Seguros FIDELIDADE

OLIVEIRA DO HOSPITAL Telefone 12

Casa Adelino de ADELINO GONÇALVES (Viuva)

CAMISAS «TABÚ» — GRAVATAS «ATCA» — GABARDINES — MALHAS — MIUDEZAS — ESPECIALIDADE EM LANIFÍCIOS PARA HOMEM, SENHORA E CREANÇA

OLIVEIRA DO HOSPITAL

Joaquim Augusto Correia

COM

OFICINA DE SERRALHARIA MECÂNICA
E CIVIL — SOLDADURA A AUTOGÉNIO
E ELECTROGÉNIO

Preços sem competência

L O R I G A — Serra da Estréla

Telefone: 14

Telegrams: HYGINO RUAS

Hygino A. Ruas & C.^A

OLIVEIRA DO HOSPITAL — Apartado n.º 1 — PORTUGAL

Armazem de mercearia, cereais e adubos — Armazem de solas e cabedais — Torrefação e moagem de café — Depósito do calçado JAPE — Pneus, óleos e acessórios para automóveis — Correspondentes bancários — Seguros em todos os ramos. Companhias de Seguros: Comércio e Indústria e Tranquilidade — Agentes da Cal hidráulica «Martingança» — Cimentos — Agentes da Sociedade de Adubos Reis, Ltd — Adubos para todas as culturas: Azotados, Superfosfatos, Cloreto de Potássio, Orgânicos, Químicos-Órgânicos, Compostos, Correctivos

Importação — Exportação

JOSÉ ALVES NOGUEIRA

Agente da Companhia Portuguesa de Petróleos «ATLANTIC» — Gazolina, Petróleo e Oleos — Estabelecimento de Fazendas brancas, Malhas e Miudezas — Papelaria, Livraria, Objectos de Eseritório e de Desenho e Artigos Escolares — Correspondente da Companhia de Seguros «SAGRES» — Artigos para Funerais

OLIVEIRA DO HOSPITAL

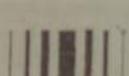
MOURA, CABRAL & C.^A

FÁBRICA DE LANIFÍCIOS

L O R I G A

LICOR BEIRÃO

O MAIS FINO DE TODOS OS LICORES NACIONAIS, SUPERIOR A QUALQUER MARCA DE ORIGEM ESTRANGEIRA



FÁBRICA IMPERIAL

J. Carranca Redondo

Telefone 9214

LOUSÃ

Leão d'Ouro

RESTAURANTE — CERVEJARIA — BAR

Rua 1.º de Dezembro, 89 a 99

Telefone 26195 — LISBOA



O melhor Estabelecimento no género da Capital, com seleccionado serviço de Cozinha. Especialidade em Cerveja, mariscos e aperitivos.

OLIMPIA CLUB

O melhor espetáculo de «music-hall» que se exibe em Lisboa

RUIDOSO ÉXITO DO

TRIO RIMA

E DA ENCANTADORA COUPLETISTA

LISA VIOLETA

Novos números por ARACELY CORAL e ANGELITA HERNANDEZ num conjunto encantador e de luxuosa apresentação

CONSTANTE ALEGRIA COM A GRANDE

ORQUESTRA ABEL RESENDE

FÁBRICA DE CARIMBOS

EM TODOS OS GÉNEROS

CARLOS NEVES-Gravador

FORNECEDOR DOS MINISTÉRIOS

■ ■ ■

ALFANDEGA DE LISBOA — BANCO DE PORTUGAL
— HOSPITAIS CIVIS E MILITARES — GUARDA
NACIONAL REPUBLICANA — ADMINISTRAÇÃO GERAL
DO PORTO DE LISBOA — CADEIAS CIVIS, ETC.

Especialidade em carimbos de borracha. Selos
brancos. Numeradores mecânicos. Chapas de ferro
esmaltado. Cunhos em aço e marcas a fogo, etc.

177, RUA AUGUSTA
LISBOA

Telefone 20138

Henrique Gonçalves

— COM —

CAMIONETAS E CARROÇAS DE ALUGUER

Encarrega-se de todos os transportes — Mudanças para Lisboa ou fora



PRAÇA E ESCRITÓRIO

Rua de D. Maria Pia, 4 | Rue C (à R. dos Lusíadas), 6, 1.º-D.

TELEFONE 62674 (das 8 às 19 horas) | TELEFONE 81-516 (das 19 às 8 horas)

ALCANTARA — LISBOA

ESCUTAI ROMA



AS ESTAÇÕES EMISSORAS DE R O M A

oferecem todos os dias aos ouvintes portugueses interessantes transmissões de notícias da actualidade ácēra dos mais importantes acontecimentos políticos e] de guerra.

Programa do noticiário em língua portuguesa

HORAS	ONDAS m.	FREQUENCIAS Kc/s	ESTAÇÕES
7,50	19,92	15060	2 RO 21
7,50	25,40	11810	2 RO 4
11,20	15,31	19590	2 RO 17
14,10	19,61	15300	2 RO 6
14,10	25,10	11950	2 RO 22
14,10	41,55	7220	2 RO 11
17,00	15,31	19590	2 RO 17
21,50	25,10	11950	2 RO 22
21,50	29,04	10330	2 RO 19
21,50	30,74	9760	2 RO 18
21,50	31,15	9630	2 RO 3
21,50	41,55	7220	2 RO 11
21,50	47,62	6300	2 RO 23
0,00	25,10	11950	2 RO 22
0,00	29,04	10330	2 RO 19
0,00	30,74	9760	2 RO 18

Recortai este anúncio.

Conservai-o perto do vosso aparelho de rádio

E. I. A. R. CENTRO RADIO IMPERIALE